EDUARDO PRADO

A Illusão Americana

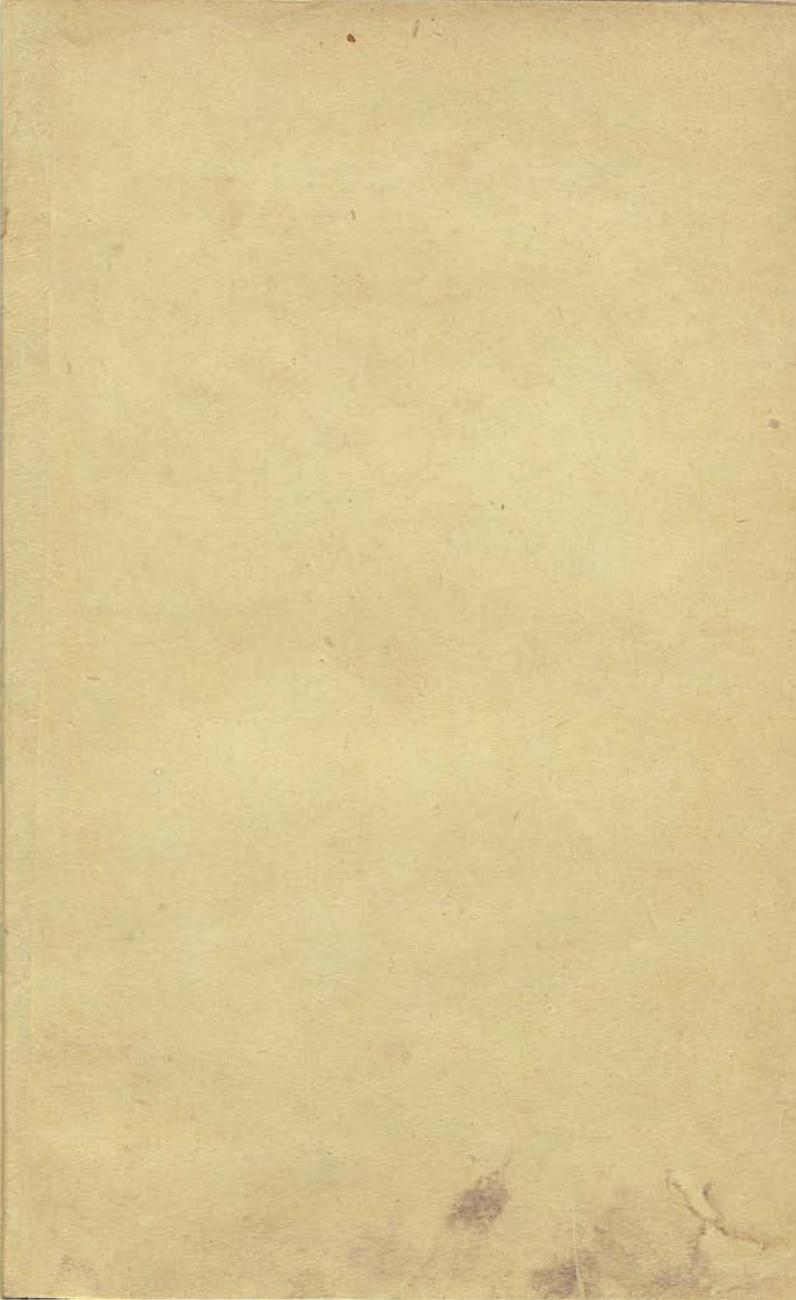
2ª EDIÇÃO

A 1ª EDIÇÃO FOI SUPPRIMIDA E CONFISCADA POR ORDEM DO GOVERNO BRASILEIRO

« E conhecer que vives de hum engano
« Comprado, tanto a custo do teu dano! »
ROLIM DE MOURA. *Nov. do Hom*.
Cant I, est. 58.



PARIS
Armand Colin & Cie, Éditeurs
Libraires de la Société des Gens de lettres
5, RUE DE MÉZIÈRES, 5



A

Illusão Americana

30484. — PARIS, IMPRIMERIE LAHURE
9, rue de Fleurus, 9

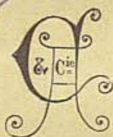
EDUARDO PRADO

A Illusão Americana

2ª EDIÇÃO

A 1ª EDIÇÃO FOI SUPPRIMIDA E CONFISCADA POR ORDEM
DO GOVERNO BRASILEIRO

« E conhecer que vives de hum engano
« Comprado, tanto a custo do teu dano ! »
ROLIM DE MOURA. *Nov. do Hom.*
Cant. I, est, 38.



PARIS
ARMAND COLIN ET Cie, ÉDITEURS
Libraires de la Société des Gens de lettres
5, RUE DE MÉZIÈRES, 5

1895



A ILLUSÃO AMERICANA

Pensamos que é tempo de reagir contra a insanidade da absoluta confraternisação que se pretende impor entre o Brazil e a grande republica anglo-saxonia, de que nos achamos separados, não só pela grande distancia, como pela raça, pela religião, pela indole, pela lingua, pela historia e pelas tradições do nosso povo.

O facto do Brazil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um accidente geographico ao qual seria pueril attribuir uma exagerada importancia.

Onde é que se foi descobrir na historia que todas as nações de um mesmo continente devem ter o mesmo governo? E onde é que a historia nos mostrou que essas nações têm por força de ser irmãs? Em plena Europa monarchica não existem a França e a Suissa

republicanas? Que fraternidade ha entre a França e a Allemanha, entre a Russia e a Austria, entre a Dinamarca e a Prussia? Não pertencem estas nações ao mesmo continente, não são proximas vizinhas, e deixam, porventura, de ser inimigas figadaes? Pretender identificar o Brazil com os Estados Unidos, pela rasão de serem do mesmo continente, é o mesmo que querer dar a Portugal as instituições da Suissa, porque ambos os paizes estão na Europa.

A fraternidade americana é uma mentira. Tomemos as nações ibericas da America. Ha mais odios, mais inimisades entre ellas do que entre as nações da Europa.

O Mexico deprime, opprime e tem, por vezes, invadido Guatemala, que tem sangrentissimas guerras com a republica do Salvador, inimiga rancorosa do Nicaragua, feroz adversaria do Honduras, que não morre de amores pela republica de Costa Rica. A embrulhada e horrivel historia de todas estas nações é um rio de sangue, é um contínuo morticinio. E onde fica a solidariedade americana, onde a confraternisação das republicas?

A Colombia e Venezuela odeiam-se de morte. O Equador é victima, nunca resignada, ora das violencias colombianas, ora das pretensões do Perú. E o Perú? Já não assaltou a Bolivia, já não se uniu depois a ella n'uma guerra injustissima ao Chile? E o Chile, já não invadiu duas vezes a Bolivia e o Perú, não fez um horroroso morticinio de bolivianos e peruanos na ultima guerra, talvez a mais sangrenta d'este seculo? E o Chile não tem sómente estes inimigos: o seu grande adversario é a Republica Argentina. Este paiz, que tem usurpado territorios á Bolivia, obriga o Chile a conservar um exercito numeroso, e ninguem ignora que um conflicto entre aquelles paizes é uma catastrophe que, de um momento para outro, poderá rebentar. O dictador Francia, o verdugo taciturno do Paraguay, que Augusto Comte colloca entre os santos da humanidade venerados no calendario positivista [1], por odio aos argentinos e aos outros povos americanos,

---

[1] É antiga, como se vê, a predilecção positivista pelos despotas sul-americanos.

enclausurou o seu paiz durante dezenas de annos. A Republica Argentina é a adversaria nata do Paraguay. Lopez atacou-a, e ella secundou o Brazil na sua guerra contra o Paraguay. E que sentimento tem a Republica Argentina pelo Uruguay? Não ha um só homem de estado argentino que não confesse que a suprema ambição do seu paiz é a reconstituição do antigo vice-reinado de Buenos Ayres, pela conquista do Paraguay e do Uruguay.

Eis-ahi a fraternidade americana.

Voltado para o sol que nasce, tendo, pela facilidade da viagem, os seus centros populosos mais perto da Europa que da maioria dos outros paizes americanos; separado d'elles pela diversidade da origem e da lingua; nem o Brazil physico, nem o Brazil moral formam um systema com aquellas nações. Dizem os geologos que o Prata e que o Amazonas foram em tempo dois longos mares interiores que se communicavam. O Brazil, ilha immensa, era

por si só um continente. As alluviões, os levantamentos do fundo d'aquelle antigo Mediterraneo soldaram o Brazil ás vertentes orientaes dos Andes. Esta juncção é, porém, superficial; são propriamente suas e independentes as raizes profundas e as bases eternas do massiço brazileiro. Por isso não vem até as praias brazileiras as convulsões volcanicas do outro systema. Quando muito, chegam as vibrações longinquas, tenues e subtis que os instrumentos registram, mas que os sentidos não percebem. Conta o missionario jesuita, Samuel Fritz, que em 1698, uma terrivel erupção andina transmudou o Solimões, o rio brazileiro, n'um «rio de lama», e que, apavorados, os indios viam n'aquillo a colera dos deuses. Parece que, na ordem politica, taes têm sido as erupções hespanholas e revolucionarias que, afinal, conturbaram as aguas brazileiras. A torrente, porém, não é só de lama, porque é de lama e é de sangue...

Estudem-se, um por um, todos os paizes ibericos americanos. O traço caracteristico de todos elles, alem da contínua tragi-co-

media das dictaduras, das constituintes e das sedições, que é a vida d'esses paizes, é a ruina das finanças.

E na ruina das finanças o ponto principal é o calote systematico, o roubo descarado feito á boa fé dos seus credores europeus. Os ministros da fazenda das republicas hespanholas, por meio de emprestimos que não são pagos, têm extorquido mais dinheiro das algibeiras européas do que jamais a Europa tirou das minas de oiro e prata da America. Tomemos os phantasticos orçamentos d'estes paizes; e, no meio dos deficits pavorosos e das mais indecentes falsificações, na irregular contabilidade publica que conservam estes paizes, onde os dinheiros do estado são gastos e apropriados pelos presidentes com uma sem-cerimonia de que é incapaz o Czar da Russia, o que é que vemos? Lá está o celeberrimo orçamento da guerra a tudo devorar. Lá estão as dezenas dos generaes, as centenas de coroneis e os milhares de officiaes.

É a prova de que não existe a fraternidade americana.

Se as nações americanas vivessem ou podessem sequer viver como irmãs, não precisariam esmagar de impostos o contribuinte nem arrebentar os respectivos thesouros, defraudando os credores com a compra d'esses armamentos e apparatos bellicos tão destruidores da prosperidade nacional.

Fallemos agora da grande republica norte-americana, e vejamos quaes os sentimentos de fraternidade que ella tem demonstrado pela America latina, e qual a influencia moral que ella tem tido na civilisação de todo o continente.

No ultimo quartel do seculo passado, homens extraordinarios, da velha estirpe saxonia, revigorada pelo puritanismo, e alguns d'elles bafejados pelo philosophismo, surgiram nas treze colonias inglezas da America do Norte. Resolveram constituir em nação independente a sua patria, e não lhes entrou nunca pela mente fazer proselytismo de independencia ou de fórma republicana na America. Nem isso era proprio da sua raça.

O fim que tiveram em vista foi um fim immediato, restricto e pratico. Fazendo a independencia da sua patria, tinham como alliados os reis de França e de Hespanha. Como poderiam elles querer que este ultimo, a quem eram gratos pela sua intervenção em favor da independencia, perdesse as suas ricas colonias americanas? Se alguma sympathia houve entre elles pela emancipação de outros paizes da America, essa sympathia appareceu trinta ou quarenta annos depois quando já toda a America latina, á custa de sacrificios, ultimava a sua independencia sem auxilios norte-americanos.

É altamente comica a ignorante pretensão com que escriptores francezes superficiaes procuram ligar a revolução americana á revolução franceza, querendo por força que as idéas revolucionarias francezas tenham influido na America, quando, a ter havido alguma influencia, foi antes da America sobre a França. A pessoa de Franklin, com os seus calções pretos, sem espada ao lado, nem bordados, nem plumas, com os seus grossos sapatos de enfiar, com

o seu prestigio de sabio e de libertador, passeando através das galerias de Versailles; a fama de ter elle sido um simples operario na sua mocidade, isso sim foi uma influencia real em França. Quando elle, no seu scepticismo cheio de bonhomia, ria-se da pomposa divisa que lhe arranjou Turgot, o celebre: *Eripuit cælo fulmen sceptrumque tyrannis,*—dava uma prova de que ao seu terrivel bom senso não escapava a insensatez suicida da aristocracia franceza. Quando rebentou a revolução, quando ella começou a matar e a incendiar, houve em toda a America uma grande sympathia por Luiz XVI e Maria Antonieta, os antigos alliados, os generosos protectores da independencia americana. Pouco tempo depois o governo de Washington rompeu relações diplomaticas com a republica franceza. Onde a solidariedade republicana, onde a fraternidade?

Vejamos na historia: Que auxilio prestou o governo americano á independencia das colonias ibericas da America —Qual tem sido a attitude dos Estados Unidos quando estes paizes têm sido atacados pelos go-

vernos europeus — Como os tem tratado o governo de Washington — Qual tem sido o papel dos Estados nas luctas internacionaes e civis da America latina — Qual a sua influencia politica, moral e economica sobre estes paizes.

Tudo o que se vae ler n'este trabalho é referente a esses pontos, que serão todos discutidos, embora nem sempre na ordem da sua enumeração.

Á Inglaterra principalmente, e não aos Estados Unidos, deve a America latina a força moral que lhe permittiu fazer a sua independencia. Foi William Burke a primeira voz que na Europa se declarou em seu favor escrevendo um vibrante pamphleto, advogando a independencia da America do Sul[1], o Abbé de Pradt e posteriormente Canning, que foi quem praticamente tornou possivel, isto é, tornou effectiva e certa esta independencia, já officialmente aconselhada

---

[1] **William Burke,** *South american independence, or the emancipation of South America, the glory and interest of England: London, 1807.*

por Lord Wellington no congresso de Verona [1].

A independencia das nações latinas da America em nada foi protegida pelos Estados Unidos.

Á Inglaterra deveram então serviços consideraveis as nações que luctavam pela sua emancipação politica.

O sr. Carlos Calvo diz que a attitude dos Estados Unidos e a proclamação da doutrina de Monröe pesaram de uma maneira decisiva no animo do governo inglez quando este, em agosto de 1822, pelo orgão de Lord Wellington, tomou no congresso de Verona a defeza dos paizes hispano-americanos, contra quem a Santa Alliança pretendia intervir em favor da Hespanha.

Esta affirmação é erronea. Em primeiro logar a chamada doutrina de Monröe só foi proclamada pelos Estados Unidos quinze mezes mais tarde, isto é, em dezembro de 1823. E qual foi a attitude dos Estados Unidos em relação ás colonias revoltadas? Um auctor hispano-americano, o sr. Sam-

[1] **Chateaubriand**, *Le congrès de Vérone*, chap. xvi

per, da Colombia, diz: «Enquanto á los Estados Unidos, es curioso observar que siendo esa potencia la más interesada en favorecer nuestra independencia, bajo el punto de vista político y no poco bajo el comercial, se mostró sin embargo mucho menos favorable que Inglaterra, indiferente por lo común hácia nuestra revolucion y muy tardía en sus manifestaciones oficiales, como parcimoniosa en procurarnos los auxilios de armamento que solicitabamos, con nuestro dinero, de los negociantes y armadores»[1].

Muito antes da mensagem de Monröe, o embaixador americano Rush tinha recebido de Canning a confidencia de que a Santa Alliança pensava em intervir na America a favor da Hespanha, e Canning acrescentára estar disposto a se oppor directamente a esse plano se tivesse a cooperação dos Estados Unidos. Rush mandou as declarações de Canning ao seu governo,

---

[1] **J. M. Samper**, *Ensayo sobre las revoluciones politicas y la condicion social de las republicas hispano-americanas*, pag. 195. Paris, 1861.

que as recebeu com grande satisfação porque até áquella occasião, segundo o contou depois Calhoun, que fazia parte do gabinete, os Estados Unidos não tinham julgado prudente intervir em vista do grande poder da Santa Alliança. Monröe tratava os seus secretarios com consideração diversa da que usam os semi-barbaros presidentes de outras republicas da America com os irresponsaveis que se prestam a ser seus ministros; communicou a noticia de Londres ao gabinete, e consultou a Jefferson se devia acceitar o proposto auxilio da Inglaterra[1]. Até então, a attitude dos Estados Unidos tinha sido toda de reserva, de abstenção, e, para uma nação que se quer apresentar como a protectora dos latinos-americanos, é forçoso confessar que essa politica não era de fraternidade, mas sim de egoismo. Ainda em 1819 o governo americano recusára receber os consules nomeados por Venezuela e pelo governo de

[1] **Von Holst**, *Constitutional History of the U. S. of America*, vol. I, pag. 420; **Jefferson's**, *Works*; vol, VII, pag. 315 e 316.

Buenos Ayres, allegando varios pretextos[1], e só a 9 de março de 1823 é que reconheceu a independencia das republicas hespanholas.

Fortalecido e animado pela iniciativa da Inglaterra, em 2 de dezembro de 1823, o presidente Monröe disse na sua mensagem:

«Devemos declarar por amor da franqueza e das relações amigaveis que existem entre os Estados Unidos e aquellas potencias (europêas), que consideraremos qualquer tentativa da sua parte para estender o seu systema a qualquer parte d'este hemispherio como cousa tão perigosa para a nossa tranquillidade como para a nossa segurança. Com as colonias existentes e as dependencias das mesmas potencias não temos intervindo nem interviremos. Em relação, porém, aos governos que declararam a sua independencia e que a têm mantido, independencia que, depois de grande reflexão e por justos principios, nós reconhecemos, toda interferencia, por parte de qual-

---

1 *Annual register of the year 1819.* 1820; pag. 233, London.

quer potencia europêa, com o fim de opprimil-os e de qualquer modo dominar os seus destinos, não poderá ser encarada por nós senão como uma manifestação pouco amigavel para com os Estados Unidos.»

Eis ahi a famosa doutrina!

A nunca assás ludibriada e escarnecida ingenuidade sul-americana viu n'esta declaração um compromisso formal, solemne e definitivo, de alliança com os Estados Unidos, alliança tão sensata aliás como a do pote de ferro com o pote de barro. Ha setenta e um annos que o governo americano tem accumulado declarações sobre declarações, que equivalem quasi que a retractações; ha setenta e um annos que escriptores, oradores, politicos americanos explicam que aquillo não é um compromisso nem uma alliança; ha setenta e um annos que, por palavras, actos e omissões, o governo de Washington praticamente demonstra a significação restricta, e, por assim dizer, platonica das palavras de Monröe, e ainda hoje, ha quem tenha a superstição de tomar aquillo ao pé da letra. A estulticia parece que é invencivel.

Poderiamos encher paginas e paginas de extractos de livros, de jornaes e de discursos de americanos interpretando a chamada doutrina n'um sentido bem diverso da interpretação jacobina que hoje é acreditada no Brazil. Preferimos, porém, relatar simplesmente os factos.

Quem conhece os documentos officiaes americanos d'aquella epocha sabe que toda a politica interior e exterior dos Estados Unidos estava subordinada aos interesses da *instituição peculiar*, euphemismo com que se costumava designar a escravidão. Os Estados Unidos, desde que sabiam que qualquer paiz americano estava disposto a abolir a escravidão, eram immediatamente hostis á independencia d'esse paiz. O pobre Haïti era o objecto do odio americano. Hamilton, da Carolina do Sul, declarou na camara dos representantes que a independencia do Haïti, por fórma alguma, devia ser tolerada; Hayne, acompanhado por todo o seu partido, queria que o simples facto de um paiz qualquer reconhecer a independencia do Haïti fosse motivo para a ruptura das relações diplomaticas com os Es-

tados Unidos. Em 1825, o governo de Washington pediu ao Czar da Russia a sua intervenção junto á côrte de Hespanha para que esta cessasse de hostilisar as suas antigas colonias, já de facto independentes, e especialmente a Colombia e o Mexico. E isto, dizia o secretario d'estado Henry Clay a Middleton, ministro americano em S. Petersburgo, porque o Mexico e a Colombia, proseguindo em sua hostilidade contra a Hespanha, podiam eventualmente tomar conta de Cuba e ali acabar com a escravidão. Henry Clay mandou tambem pedir ao Mexico e á Colombia que adiassem a sua expedição libertadora de Cuba, e Middleton recebeu ordem para insistir junto ao Czar, chefe da Santa Alliança, porque os Estados Unidos faziam questão de impedir a independencia de Cuba. Por esse tempo julgou-se que a França, então em guerra contra a Hespanha, ía mandar uma expedição a Cuba. O Mexico e a Colombia lembraram aos Estados Unidos o cumprimento da sua promessa contida na celebre mensagem de Monröe. Henry Clay respondeu que a mensagem continha com effeito

uma promessa, mas que os Estados Unidos tinham-n'a feito a si mesmos e não a um outro paiz, e que por isso nenhum paiz tinha o direito de exigir o cumprimento da mesma promessa[1].

Os paizes hispano-americanos quizeram, parece, que mais uma lição pratica da doutrina de Monröe. Convocaram o celebre congresso de Panamá, assembléa destinada a *la allianza de todas las Americas*, á mutua fraternidade, etc., etc. Compareceram só os representantes de quatro paizes. Os Estados Unidos, depois de muita hesitação, nomearam dois representantes que nunca chegaram a Panamá. As instrucções dadas a estes (1826) são talvez o melhor commentario da doutrina de Monröe. D'ellas resulta principalmente que os Estados Unidos não estavam por fórma alguma dispostos a fazer suas as brigas da America latina com as potencias européas. E nunca, mas nunca, os Estados Unidos mudaram de modo de pensar e de proceder.

Vamos ver os muitos factos em que

[1] **Von Holst**, vol. I, pag. 422–428.

aquelle governo, por seus actos, deu a interpretação authentica da doutrina que os sul-americanos têm falseado. Antes, porém, daremos uma opinião valiosa, e que destroe pela base a crendice que se quer espalhar no Brazil que os Estados Unidos *não consentem* na America outro governo senão o republicano.

Os sul-americanos que isto dizem affirmam uma falsidade, e os que se regosijam com isso bem merecem o desprezo que os americanos lhes votam. Haverá cousa menos digna do que um cidadão desejar que a sua patria não tenha a livre disposição dos seus destinos e esteja, quando se trata da escolha ou da mudança da sua fórma de governo, dependente da vontade do estrangeiro?

Felizmente a nação americana, tenham sido embora grandes as faltas dos politiqueiros que tanta vez a têm deshonrado, conta no mundo do pensamento homens do mais alto valor, herdeiros legitimos dos heroes da independencia.

Eis-aqui como um d'esses homens julga a doutrina de Monröe, na interpretação

forçada e indigna que lhes querem dar os jacobinos brazileiros, que põem a republica acima da patria:

«Querer firmar o principio de que os Estados Unidos não podem consentir na America nenhum systema politico differente do seu, ou que não podem tolerar nenhuma mudança politica tendo por fim substituir a fórma republicana pela fórma monarchica, seria ir alem das pretensões do congresso de Laybach e de Verona que, pelo menos, tinham temor da destruição da sua obra politica, emquanto que os Estados Unidos não podem ter esse temor[1]».

Em 1786, um joven brazileiro, Maia, estudante de Montpellier, disfarçando-se com o pseudonymo de Wandek e rodeando-se de mil mysterios, tentou approximar-se de Jefferson, então embaixador dos Estados Unidos em Versailles. Aproveitando-se de uma viagem de Jefferson pelo sul da França, encontrou-se com elle em Nîmes, e ahi fal-

[1] **Wolsey**, *Introduction to the Study of International Law*, § 74.

lou-lhe da independencia do Brazil, com que sonhava, e pediu-lhe o auxilio dos Estados Unidos. Jefferson desanimou-o, como se evidenceia das cartas que o embaixador escreveu a Jay, Secretario de Estado, dando-lhe conta da entrevista que tivera com o joven brazileiro. Em 1817, um emissario pernambucano foi aos Estados Unidos pedir auxilio; foi ludibriado, e o governo de Washington apressou-se em dar conta de tudo ao ministro portuguez Correia da Serra. Por occasião da independencia do Brazil, não recebemos prova alguma de boa vontade por parte dos americanos, e só depois de outros paizes reconhecerem a emancipação do Brazil é que os Estados Unidos reconheceram a nossa autonomia. Note-se que a celebre doutrina de Monröe data de 1823; foi na mensagem presidencial d'esse anno que aquelle presidente estabeleceu a não intervenção da Europa nas cousas da America. Ora, dois annos depois, em 1825, é que a nossa independencia foi reconhecida por Portugal, pela intervenção ingleza, representada na pessoa de Sir Charles Stuart, depois Lord Rothesay. Mais tarde é que os

Estados Unidos celebraram com o Brazil um tratado de amisade, commercio e navegação. O ministro americano no Rio, Raguet, oppoz grandes embaraços á nossa nascente nacionalidade, embaraços que foram só em parte removidos pelo seu successor, William Tudor.

Para se fazer uma idéa do que foi a missão de Raguet basta percorrer, rapidamente, a sua correspondencia[1]. Raguet accusa a nossa esquadra no Rio da Prata de covardia (pag. 20); diz que com o povo brazileiro é inutil appellar para a rasão e para a justiça (pag. 32); Raguet em termos grosseiros ameaça o ministro dos estrangeiros de uma guerra com os Estados Unidos (pag. 27): «Isto não é um povo civilisado» (pag. 54).

Tal foi o procedimento de Raguet e taes foram as suas grosserias, que Henry Clay, Secretario d'Estado, mandou-lhe um despacho (pag. 108), estranhando as suas maneiras, e dizendo-lhe que era preciso não es-

[1] U. S. House of R. Docs. 20th Congress, Session 1st, vol. 7, Doc. 281.

quecer que, afinal de contas, o Brazil era um paiz christão.

O governo americano ligou-se por esta epocha inteiramente aos governos que faziam pressão sobre o Brazil por motivo de questões de presas maritimas no Rio da Prata.

Durante as nossas luctas no Rio da Prata encontrámos sempre a opposição norte-americana entorpecendo a acção das nossas esquadras, desrespeitando os nossos bloqueios, conluiando-se com os nossos inimigos, e para depois, valendo-se das difficuldades iniciaes da nossa independencia politica, fazer-nos exigencias desmedidas e exorbitantes reclamações. O primeiro representante americano que veiu ao Rio de Janeiro, ao findar o periodo colonial, deu origem a um desagradavel incidente diplomatico, faltando ao respeito á familia real, o que era uma injuria feita ao paiz.

O representante americano que tratou das reclamações de presas no Rio da Prata, depois de atropelar as negociações, rompeu bruscamente e retirou-se sem que houvesse

motivo para essa desfeita, que foi aliás reparada pelo successor d'aquelle diplomata William Tudor, que firmou comnosco um tratado de amisade, commercio e navegação.

Leiam-se as insolentes mensagens do presidente Jackson ao congresso americano, referindo-se ao Brazil e aos outros paizes da America do Sul.

Aquelle general sem escrupulos, que foi o patriarcha da corrupção na sua patria, em suas mensagens ao Congresso, exprime-se com grosseira arrogancia em relação ao Brazil e aos outros paizes da America do Sul. Em 1830, não havendo mais guerra no Prata nem no Pacifico, o Secretario da Marinha insiste pelo augmento da força naval nas costas da America do Sul: «É preciso», diz o secretario John Branch, «não diminuir as nossas forças, que são indispensaveis para a defeza dos nossos interesses perante aquelles governos instaveis e incapazes»[1].

---

[1] U. S. Senate Documents: Congress 21st Sess. 2. 1830 e 31, vol. I, pag. 38. Doc. I.

As exigencias do governo americano foram enormes, e da propria correspondencia do ministro Tudor se evidencía o desarrasoado de algumas das reclamações.

Assim, tratava-se, por exemplo, da escuna *United States* capturada pela nossa esquadra quando tentava forçar o bloqueio levando munições de guerra aos nossos inimigos. Era porventura possivel duvidar da legitimidade da apprehensão? William Tudor n'um dos seus despachos ao seu governo refere-se a exagerações das reclamações, e n'outro despacho parece sentir que as cousas se tivessem arranjado pacificamente, e compraz-se em dar o plano de uma possivel expedição naval americana contra o Brazil para bloquear Pernambuco, a Bahia e o Rio de Janeiro. E emquanto assim se exprimia o diplomata americano, da sua propria correspondencia resulta que, por esse tempo, a escuna de guerra brazileira *Ismenia* salvava de piratas na costa de Africa um negociante americano, conservando-lhe um grande carregamento de marfim.

Da correspondencia de Raguet vêem-se

os contrabandos feitos na costa do Brazil pela *Morning Star* de Philadelphia; a insolencia do commandante Biddle da *Cyane* com a nossa flotilha ao mando do almi rante Pinto Guedes; vê-se a manobra fraudulenta do navio americano *President Adams*, saíndo de Montevideu com falso manifesto para Boston, e tentando ir abastecer o porto de Buenos Ayres que o Brazil bloqueava[1].

O Brazil teve de ceder ás imposições norte-americanas, e pagou pelas reclamações a quantia de 427:259$546 réis, que n'aquelle tempo valiam seis ou sete vezes o que valem hoje[2].

Leiam-se os *State Papers* americanos do tempo, e ha de se ver que, quando tratava com o nosso governo o almirante francez Roussin, que se apresentou na barra do Rio de Janeiro com a sua esquadra a nos fazer exigencias, o ministro americano deulhe o seu apoio moral, e esteve bem esque-

[1] Executive documents presented to the H. of Representatives 25th Congress. Doc. 32, pag. 32.
[2] Ibidem.

cido de Monröe e da sua doutrina [1]. Quando a Inglaterra e a França intervieram na Republica Argentina contra Rosas, o governo americano, que convivia em perfeita harmonia com aquelle monstro, o que fez? Nada.

Entre as recommendações que o governo

---

[1] Lista das quantias (capital e juros) pagas em virtude das reclamações americanas:

Navios	Quantias
Tell-tale	37:924$850
Pioneer	21:134$676
Sarah George	42:472$199
Rio	8:081$034
Panther	4:229$918
Hero	12:048$979
Nile	3:313$178
Budget	30:939$993
Hannah	37:197$774
Spermo	92:245$803
Hussar	28:337$824
Amily	16:922$878
Ruth	29:428$440
Ontario	1:742$000
Spark	61:250$000
Total	427:259$545

de Washington faz a William Tudor ha a de preparar o espirito do governo brazileiro para a noticia que logo lhe seria dada do governo americano haver reconhecido D. Miguel como rei de Portugal. Com effeito no dia 1.º de outubro de 1830 o presidente dos Estados Unidos recebeu officialmente o sr. Torlades, encarregado de negocios de D. Miguel. O governo americano foi o *unico governo* que reconheceu o rei absoluto e usurpador de Portugal!

Por essa epocha, o governo dos Estados Unidos tinha já organisado o seu plano de guerra contra o Mexico, outra prova da solidariedade e da fraternidade americana. A má fé do governo de Washington começou com a questão do Texas. Favoreceu quanto pôde a revolta d'aquelle territorio, animou-o a separar-se do Mexico para mais depressa absorvêl-o e depois declarou a guerra ao Mexico, verdadeira guerra de conquista, humilhou aquella republica até ao extremo, e arrebatou-lhe metade do seu territorio. Ó fraternidade!

E a doutrina de Monröe, o que era feito d'ella? A Inglaterra estendia as suas con-

quistas ao oeste do Canadá até chegar ao oceano Pacifico. Antes já arrebatára, contra todo o direito, as ilhas Malvinas ou Falkland á Confederação Argentina.

E será possivel fallar nas ilhas Malvinas sem recordar um dos maiores attentados contra o direito das gentes, n'este seculo, attentado perpetrado por uma força naval dos Estados Unidos, e approvado e sanccionado pelo governo de Washington? Em 1831, os argentinos tinham uma colonia nas ilhas Malvinas. Alguns navios de pesca, americanos, não quizeram obedecer a umas ordens do governador da colonia. D'ahi um conflicto administrativo e diplomatico entre o consul americano em Buenos Ayres e o governo argentino.

Estava a questão n'este pé quando a corveta americana *Lexington* saiu de Buenos Ayres commandada pelo capitão Silas Duncan, foi ás ilhas Malvinas, bombardeou o estabelecimento argentino, desembarcou tropa, matou muitos colonos, incendiou todas as casas, arrazando as plantações e levando os sobreviventes presos, uns para os Estados Unidos, e abandonando outros,

em grande miseria, na costa deserta do Uruguay. Destruido o estabelecimento argentino, a Inglaterra tomou conta das ilhas.

O governo argentino em 1839 reclamou satisfação.

E o que lhe respondeu o governo americano pela palavra do Secretario d'Estado Daniel Webster?

Que o governo americano aguardava a decisão final do conflicto existente entre a Inglaterra e a Republica Argentina a respeito da soberania das ilhas Malvinas.

Ora em 1831, por occasião do attentado americano nas Malvinas, a soberania argentina existia de direito e de facto sobre as Malvinas. De direito, reconheceram-no os mesmos Estados Unidos, porque na mensagem presidencial de 17 de novembro de 1818 referente á independencia das antigas provincias unidas do Rio da Prata attribuia-se-lhe a soberania dentro dos limites do antigo vice-reinado de Buenos Ayres, que comprehendia as Malvinas; de facto, eram argentinas as Malvinas, porque eram colonisadas por argentinos e administradas por auctoridades argentinas desde 1829; só

dois annos depois é que a Inglaterra se apossou d'essas ilhas.

Como é que os Estados Unidos de quem tantas vezes tem-se dito que não consentirão que um paiz europeu se aposse de uma pollegada de territorio americano, não duvidaram, no caso presente, pôr em duvida a soberania argentina nas Malvinas em conflicto com a usurpação ingleza?

E a Republica Argentina em 1884 renovando a sua reclamação obteve a mesma resposta. Propoz submetter o caso a arbitramento; o governo de Washington negou-se.

Eis-ahi a sinceridade americana quando falla na doutrina de Monröe e sustenta a theoria do arbitramento para a solução dos conflictos internacionaes.

Mais tarde e no Honduras, alargou a Inglaterra impunemente os seus dominios sem que saísse a campo a tal doutrina, e quando Schomburgh intrometteu-se em territorio brazileiro na lagôa dos Piráras, na fronteira da Guyana ingleza, retirou-se diante da energia da diplomacia brazileira, que n'essa occasião não encontrou e altiva nem

pediu então o menor apoio em Washington, apesar de Monröe e da sua doutrina.

Correm os tempos, e o Brazil, a Republica Argentina e o Uruguay, em legitima defeza, emprehendem a mais justa das guerras contra Lopez, do Paraguay. Lá encontramos a diplomacia americana a nos crear embaraços e, representada nas pessoas dos ministros Washburn e general Mac-Mahon, intimos de Lopez, espectadores mudos e impassiveis das suas crueldades, seus verdadeiros cumplices pelo silencio e até pelo louvor.

Quantas difficuldades não crearam esses homens aos exercitos alliados? Ainda ahi mostraram os americanos do norte qual a sua comprehensão da fraternidade americana. Washburn e Mac-Mahon, abusando das suas immunidades, eram espias e auxiliares de Lopez, trahindo o exercito alliado.

E o procedimento do Brazil tinha sido todo de correcção e lealdade em emergencias bem graves para a republica norte-americana.

Aquelle grande paiz dera ao mundo um exemplo bem desmoralisador pelo seu apêgo

á escravidão. Emquanto no Brazil não houve escravocratas que tivessem o cynismo de querer legitimar a iniqua instituição, nos Estados Unidos, onde os senhores de escravos foram muito mais crueis que no Brazil, publicaram-se livros, sermões, com a apologia scientifica e até religiosa da escravidão, e chegou o momento em que metade do paiz julgou que, para conservar e estender a escravidão, valia a pena sacrificar a propria patria americana. O escravismo sobrepujou o patriotismo. E rompeu a guerra civil mais terrivel e mais sangrenta de que reza a historia. O governo de Washington deixou logo, aos primeiros tiros do forte Sumter, em Charleston, de dominar parte do territorio. Os rebeldes crearam uma verdadeira esquadra de corsarios. O governo americano, que a ignorancia ou a má fé estão agora querendo apresentar aos brazileiros como indefesso propugnador do progresso e das idéas liberaes e humanitarias em materia de direito internacional, tinha-se recusado a adherir ao tratado de París, de 1856, pelo qual fôra abolido o corso como recurso barbaro abandonado

pelas nações cultas. Por uma punição providencial, foi contra os interesses do governo americano que se organisou o corso mais activo e terrivel de que ha noticia. Os corsarios sulistas correram todos os mares do globo. N'esse tempo, a marinha mercante americana era talvez a segunda do mundo. Com o desenvolvimento da corrupção politica nos Estados Unidos, o favor feito aos poucos ricos armadores nacionaes, a pretexto de proteccionismo, tornou por tal fórma cara a construcção naval que a marinha mercante americana por assim dizer desappareceu. Os corsarios sulistas tinham pois, n'aquelle tempo, presas ricas e numerosas em que saciar a sua sêde de vingança e principalmente de lucro.

Deante do incremento tomado pela revolta sulista, não foi possivel ás nações estrangeiras desconhecer, nas relações internacionaes, a personalidade juridica dos confederados, nome esse que os revoltosos assumiram. De facto, senhores de varios pontos, dispondo de fortalezas, os rebeldes dominavam uma parte do territorio de que o governo de Washington, ao cabo de

muito tempo, não se tinha podido apoderar. As nações estrangeiras não podiam deixar de considerar os confederados como belligerantes. Nem outra doutrina podia prevalecer. De outro modo, bastaria a qualquer governo declarar simplesmente rebeldes ou piratas as forças de terra ou de mar ao serviço dos seus adversarios para prival-as de todos os direitos de guerra. Ora a revolução é um direito, segundo as theorias modernas, e as nações estrangeiras não devem entorpecer por qualquer modo, ainda que indirecto, o exercicio d'esse direito. Grocio diz que uma nação onde ha uma revolta deve ser considerada pelos terceiros, isto é, pelos outros paizes, como duas nações separadas, cada uma com os seus direitos de belligerante. Os tratadistas de direito internacional dizem que para isso é preciso: 1.º que a revolta tenha já algum tempo de duração, não tendo podido o governo suffocal-a; 2.º que os recursos da revolta sejam importantes; 3.º que ella domine uma parte do territorio quer maritimo quer terrestre. Ora os confederados estavam n'esse caso, e o proprio

governo americano creára um precedente contra si quando, em 1837, reconhecêra como belligerantes os revoltosos do Texas, sem fazer caso das reclamações do Mexico.

O reconhecimento dos insurgentes como belligerantes é cousa muito das tendencias do direito internacional moderno. É uma medida aconselhada pelos proprios interesses da humanidade. O titulo de belligerante confere certos direitos; mas, a esses direitos correspondem certos deveres que, a bem de todos, devem ser cumpridos pelos belligerantes. Se se nega todos os direitos aos insurgentes, como pretender impor-lhes os deveres geraes da guerra? E ao interesse da humanidade convem que esses deveres sejam respeitados. Ora, se não ha direito a que não corresponda um dever, tambem não ha deveres a que não correspondam tambem direitos. Bluntschli, o oraculo do direito internacional, diz que, desde que os rebeldes se acham militarmente organisados, devem ser reconhecidos como belligerantes, e diz mais que o direito internacional actual fez um progresso mos-

trando-se disposto a conceder a qualidade de belligerante a um partido revolucionario. As leis da humanidade, diz elle, assim o exigem[1].

Não tardaram os corsarios sulistas em apparecer nos portos do Brazil, e o governo brazileiro manteve-se na maior discrição e na attitude a mais correcta, sómente permittindo que os navios fizessem agua e recebessem carvão apenas em quantidade sufficiente para, em marcha lenta, se transportarem ao mais proximo porto estrangeiro. O governo americano julgou dever reclamar *pro forma*, e o ministerio dos negocios estrangeiros do Brazil, n'uma nota luminosa e digna, nota que é hoje classica em direito internacional, defendeu o proce dimento do governo imperial, e o proprio secretario de estado do governo de Washington, o eminente Mr. Seward, um dos mais notaveis estadistas americanos, deu-se por satisfeito com a justificação contida em a nota brazileira, assignada pelo ministro de estrangeiros, o conselheiro Magalhães

[1] Vid. *Le droit international codifié*, § 512.

Taques. Seward disse, em resposta, que se rendia á evidencia demonstrada n'aquella nota habilissima *(most able note)*[1]. O amor proprio brazileiro, n'aquelle tempo, podia ter satisfações d'estas.

Terminada a guerra civil, houve o grande litigio entre a Inglaterra e os Estados Unidos, a celebre contenda conhecida pelo nome de «Questão *Alabama*». O governo do Brazil foi escolhido pelas altas partes litigantes para ser um dos arbitros entre as duas grandes nações. Não podia ser mais solemnemente reconhecida do que foi então a lealdade e a correcção do governo do Rio de Janeiro[2]. Annos mais tarde, surgiu um litigio derivado ainda da guerra civil americana. O conflicto era entre as duas grandes republicas do mundo, entre a França e os Estados Unidos. O arbitro unico escolhido foi o Imperador do Brazil. No tribunal que funccionou em Washington, representou o soberano bra-

---

[1] *House of Representatives Exec. Docs. 5 thsession*, vol. IV, 38th congress.

[2] *Ibidem*, 37th congress, 2d session, vol. IV.

zileiro o sr. barão de Arinos. No tribunal do *Alabama,* que funccionou em Genebra, o juiz brazileiro foi o fallecido barão depois visconde de Itajubá. Vê-se, por isso, qual não era o prestigio do Brazil. Hoje, querendo os Estados Unidos fechar o mar de Behring, e, retrocedendo estranhamente para epochas passadas, restabelecer o *mare clausum* que Selden e Freytas defenderam no seculo XVII contra Grocio, o fundador de direito internacional moderno, a Inglaterra oppoz-se á pretensão e os dois paizes recorreram a um arbitramento. Parece que os tempos estavam mudados.... Os Estados Unidos já não appellaram para o governo do Brazil, e o governo de Washington, que querem agora apresentar como o paladino da fraternidade americana, nem por sombras pensou em recorrer aos seus collegas presidentes de republicas latinas. Os Estados Unidos preferiram a arbitragem de algumas anachronicas chancellarias de velhas e carcomidas monarchias européas!

Não seriamos completos em nossa demonstração de que os Estados Unidos, em-

bora contem illustres escriptores de direito internacional, são mais egoistas e prepotentes em suas praticas do que as monarchias européas, se não nos referissemos ao celebre incidente do *Trent*. O vapor d'este nome, vapor inglez, levava, como passageiros, dois enviados diplomaticos representantes dos Estados Confederados, os srs. Sliddel e Mason, que íam, como enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios, em missão especial, um d'elles para Londres outro para París. Pois bem, um navio de guerra americano, em alto mar, deteve o vapor inglêz e violentamente arrancou de bordo os dois passageiros. Este acto, contrario ao direito das gentes, esse desrespeito ao pavilhão de uma nação neutra, esta felonia contra os dois diplomatas, despertou a indignação de todos os governos, e o governo de Washington viu-se obrigado a censurar o official que perpetrou tão feia acção, mas aproveitou-se d'ella conservando por muito tempo os dois prisioneiros. Este acto é apenas menos condemnavel do que a vilania que contra nós praticou Solano Lopez, aprisionando em

plena paz o vapor brazileiro *Marquez de Olinda,* vapor que levava o coronel Carneiro de Campos, presidente de Matto Grosso. Esta proeza parece que foi vivamente aconselhada a Lopez pelo cidadão uruguayo o sr. Vazques Sagastume, hoje ministro no Rio de Janeiro, e portanto um dos corypheus da fraternidade americana.

Com o seu immediato vizinho meridional, o Mexico, a politica dos Estados Unidos terá sido uma politica de fraternidade?

O facto mais importante d'essa politica, qual foi?

Foi uma guerra.

E essa guerra contra o Mexico é pintada com verdade e eloquencia pelo historiador americano H. H. Bancroft:

«A guerra dos Estados Unidos contra o Mexico foi um negocio premeditado e determinado de antemão. Foi o resultado de um plano de salteio, que o mais forte organisou deliberadamente contra o mais fraco. As altas posições politicas de Washington eram occupadas por homens sem principios, taes como os senadores, os membros do con-

gresso, sem fallar do presidente e do seu gabinete, e havia a grande horda dos demagogos e dos politiqueiros, que se comprazia em satisfazer os instinctos dos seus partidarios. Estes eram os senhores de escravos, os contrabandistas, os assassinos de indios, que, com as suas impias bôcas maculadas de tabaco, juravam pelos sagrados principios de 4 de julho, que haviam de estender o predominio americano do Atlantico até ao Pacifico. E esta gente, despida das noções do justo e do injusto, estava disposta cynicamente a reter tudo quanto podesse saquear, e invocando para isso o principio unico da força.

«O Mexico, pobre, fraco, luctando para obter um logar entre as nações, vae agora ser humilhado, espesinhado, algemado e vergastado pela brutalidade do seu vizinho do norte. E este é um povo que tem o maior orgulho da sua liberdade christã, dos seus antecedentes puritanos! Veremos como os Estados Unidos começaram, então, a empregar toda a sua energia em descobrir plausiveis pretextos para roubar a um

vizinho mais fraco uma vasta extensão de terra. E para que? Para ahi estabelecer a escravidão [1]».

A guerra foi precedida da intrusão americana no Texas, dos subsidios que os americanos deram á revolta por elles mesmos fomentada n'aquelle territorio, cuja independencia não tardaram em reconhecer como medida preparatoria da annexação, que foi a gota de agua que fez transbordar a paciencia dos mexicanos. E esta paciencias já tinha sido posta á prova de mil modos, por annos e annos n'uma longa serie de vexames. As *reclamações* americanas multiplicavam-se. Extinctas hoje, isto é, pagas a bom dinheiro pelo Mexico, renasciam d'ahi a mezes. E as reclamações eram extraordinarias. Bancroft, entre outras, cita a reclamação de um americano que por cincoenta e seis duzias de garrafas de cerveja recebeu 8:260 dollars [2].

Uma vez, o commissario americano Voss

---

[1] **H. H. Bancroft,** Works. San Francisco, 1885, vol. XIII, cap. 13.

[2] Ibidem, pag. 318, nota.

recebeu o dinheiro, e este não appareceu (Bancroft, pag. 320).

Em 1818, estando os Estados Unidos em paz com a Hespanha, o general Jackson invadiu a fronteira da Florida, capturou e guarneceu um forte hespanhol, apoderando-se de Pensacola e de Barrancas.

Mais tarde, tambem sem declaração de guerra, o general Gaines fez incursões no Mexico. Estava, pois, nas tradições do governo de Washington o começar a guerra contra o Mexico, sem previa declaração para de surpreza romper as hostilidades e invadir o territorio. E assim foi.

Vejamos agora como foi feita a guerra. Os americanos fizeram-na de um modo barbaro. «O bombardeio de Vera Cruz durou quatro dias; foi horrivel e inteiramente desnecessario» (Bancroft, pag. 547). «O saque, as matanças de feridos no campo de batalha, os prisioneiros queimados vivos, são factos confirmados pelas mais elevadas auctoridades officiaes[1]». «As barbaridades illegitimas commettidas quasi sempre com im-

[1] Livermore, *War with Mexico*, pag. 263.

punidade por uma massa indisciplinada como era o exercito americano, estão, infelizmente, por demais verificadas (Bancroft, pag. 547). E isto estava de accordo com a opinião publica.

Leiamos as expressões dos jornaes americanos:

Dizia um: «Devemos destruir a cidade do Mexico, arrazando-a ao nivel do solo. Façamos o mesmo com Puebla, Perote, Jalapa, Saltillo e Monterey, e feito isto, devemos ainda augmentar as nossas exigencias».

Dizia outro: «Aniquilemos os mexicanos, levemos a destruição e a morte a todas as familias, façamo-lhes sentir um jugo de ferro, e assim seremos respeitados»[1].

E o Mexico perdeu quasi metade do seu territorio.

Faz-se muito cabedal do facto dos Estados Unidos terem mais tarde intimado á França a retirada das suas tropas do Mexico. Foi um serviço, mas como não tem o Mexico pago caro este serviço? O governo

---

[1] Jay, *Reviev cf the Mexican War*, pag. 259.

de Maximiliano não se pôde manter, embora tenha sido o governo mais honesto que o Mexico tem tido desde a independencia. Maximiliano era um estrangeiro. Houvesse um principe mexicano, que aquella população, de indole monarchica, acceitaria unanime a monarchia. Demais, Maximiliano não quiz sanccionar os grandes abusos do clero, sobretudo em relação aos bens da Igreja. Não esqueçâmos que o decreto abolindo os contractos agricolas dos *peones*, revogação de uma lei antiga pela qual os trabalhadores das *haciendas* ficavam verdadeiros escravos, sujeitos até aos açoites, attrahiu, contra o principe liberal, os odios das chamadas classes conservadoras, que sabemos o que são, em toda a America latina. Parece que ha uma fatalidade para os chefes de estados libertadores: Alexandre II da Russia, despedaçado pelas bombas nihilistas, Maximiliano fuzilado, Lincoln assassinado, e D. Izabel do Brazil exilada. O martyrio é a consagração dos grandes feitos em prol da humanidade! No Mexico, o sentimento monarchico é irresistivel. Não póde restaurar a monarchia, mas tem tornado impossi-

vel a republica. Porque no Mexico não ha, não houve, nem ha de haver republica. O notavel escriptor americano Gronlund diz que, se os Estados Unidos, na epocha da sua independencia, tivessem encontrado um principe inglez, como o Brazil encontrou um principe portuguez, a monarchia se teria estabelecido nos Estados Unidos[1]. E o tempo teria feito d'esta monarchia um regimen bem differente do regimen de oppressivo monopolio e de cruel plutocracia que é hoje a essencia mesma do governo norte-americano. Se se póde dizer isto dos Estados Unidos, com muito mais rasão se dirá o mesmo do Mexico. A republica, no Mexico, como n'outros paizes da America latina nunca será uma cousa impessoal; a republica ahi será sempre um homem. Foi Juarez, homem representativo, homem que representou o odio ao estrangeiro. Ora, o odio póde destruir; o odio póde ser a verdadeira expressão do sentimento nacional n'um momento dado, mas o odio não cria

[1] **Gronlund,** *Co-operative Commonwealth.* London, 1891. Swan & Sonnenschein. Pag. 157.

cousa alguma. Augusto Comte tem uma das suas intuições geniaes, quando quer que as sociedades humanas tenham o amor por base. Só o amor é creador. Por isso Juarez nada creou. Don Sebastian Lerdo de Tejada, ministro e successor de Juarez, foi uma transição entre a politica do odio indigena e a concepção juristica da sociedade. Homem de lei, jurisconsulto, pretendeu pôr tudo em artigos de codigos. Espiava-o o militarismo, sorte commum e inevitavel de toda a America iberica. Deposto e expulso Lerdo, pelo general Diaz, voltou o Mexico ao militarismo systematico. O general Diaz e o general Gonzalez revezam-se, ha vinte e tantos annos, no podér, e o poder d'elles é praticamente absoluto. A constituição, copiada da constituição americana, dá ao presidente quasi todos os poderes. O congresso é nada, as eleições uma farça.

O furor imitativo dos Estados Unidos tem sido a ruina da America. Pericles, no seu celebre discurso do Ceramico, disse: «Dei-vos, ó athenienses, uma constituição que não foi copiada da constituição de ne-

nhum outro povo. Não vos fiz a injuria de fazer, para vosso uso, leis copiadas de outras nações». Ha muita grandeza na exclamação do genio grego. Ha uma presciencia de tudo quanto descobriu a sciencia social moderna que, afinal, se póde resumir n'isto: As sociedades devem ser regidas por leis saídas da sua raça, da sua historia, do seu caracter, do seu desenvolvimento natural. Os legisladores latino-americanos têm uma vaidade inteiramente inversa do nobre orgulho do atheniense. Gloriam-se de copiar as leis de outros paizes!

Todos os paizes hespanhoes na America, declarando a sua independencia, adoptaram as formulas norte-americanas, isto é renegaram as tradições da sua raça e da sua historia, sacrificando ao principio insensato do artificialismo politico e do exotismo legislativo.

O que colheram d'esse absurdo, diz a triste historia hispano-americana d'este seculo. O Brazil, mais feliz, instinctivamente obedeceu á grande lei de que as nações devem reformar-se dentro de si mesmas, como todos os organismos vivos, com a sua

propria substancia, depois de já estarem lentamente assimilados e incorporados á sua vida os elementos exteriores que ella naturalmente tiver absorvido. No Brazil tivemos a independencia, facto logico do desenvolvimento da sociedade colonial; a monarchia mantida foi o respeito da tradição e a conservação do paiz na sua indole historica que ninguem póde mudar. O constitucionalismo e o systema parlamentar adoptados foram, até certo ponto, uma revivescencia do passado, uma reproducção das côrtes lusitanas, e cousa que muito se harmonisava com a organisação quasi espontanea, mas sempre representativa, e mais poderosa do que se julga, dos governos municipaes e locaes da colonia.

As idéas liberaes do seculo, consagradas nas instituições coevas da independencia, acharam uma base historica em que se firmaram. E isto deu ao Brazil setenta annos de liberdade.

Mais tarde, foi em 1889 commettido no Brazil o mesmo grande erro em que os hispano-americanos tinham caído no primeiro quarto do seculo, isto é, quando artificial-

mente se quiz impor ao Brazil a formula norte-americana.

A perda da liberdade foi a consequencia immediata, fatal, da desgraçada idéa. E nós, tardiamente, fomos tomar parte na fastidiosa e desalentadora tarefa em que vivem, ha noventa annos, os hispano-americanos, isto na longa, vã, tormentosa, sangrenta e já degradante e inutil tentativa, quasi secular, de querer implantar na America latina as instituições de uma raça estranha.

O grande orador americano Henry Clay fallava, uma vez, em 1818, no congresso americano em favor das colonias hespanholas revoltadas contra a metropole: «Acredita-se geralmente em nosso paiz que os sul-americanos são muito atrazados e supersticiosos para se constituirem em nações livres. É uma injustiça. E a prova de que elles não estão tão atrazados é que estão adoptando as nossas instituições e as nossas leis[1]». O insigne historiador Von Holst diz que Clay affirma um contrasenso; por-

[1] Henry Clay, *Speeches*, vol. I, pag. 89 e 90.

que esta imitação servil, essa sim, é prova de incapacidade [1].

O Mexico copiou pois a constituição norte-americana. Uma disposição constitucional dizia mais que o presidente era inelegivel para o periodo presidencial immediato á sua presidencia. D'ahi o hybrido e immoralissimo pacto de Diaz e de Gonzalez. Diaz elege Gonzalez com a condição de Gonzalez eleger de novo a Diaz. E isto dura ha mais de vinte annos. Agora, parece que Diaz não quer largar, e já fez reformar a constituição, revogando a incompatibilidade, vae-se fazer reeleger, e Gonzalez vae ficar logrado. Falla-se já em revolução gonzalista, e o estado de sitio funcciona no Mexico com a mais invejavel regularidade.

Eis-ahi o serviço que os Estados Unidos prestaram ao Mexico livrando-o de um governo que, embora incriminado de estrangeiro, foi o mais brando, o mais civilisado, n'uma palavra, que jamais teve aquelle

[1] Von Holst, *Constitutional history of the U. S.*, vol. I, pag. 415.

desgraçado paiz. E não se limitaram a isso os bons officios da irmã republica. Depois de haver retalhado o territorio mexicano em 1848, e sobretudo depois da victoria definitiva da republica no Mexico, os Estados Unidos constituiram sobre aquelle paiz um verdadeiro protectorado, que mexicanos imprevidentes foram acceitando, sem ver que era a ruina e o descredito da sua patria. O duumvirato Diaz-Gonzalez attrahiu para o Mexico uma nuvem de aventureiros que, patrocinados pela legação americana, apresentavam-se querendo concessões e privilegios, que lhe eram dados a troco de favores pessoaes, de acções beneficiarias e de outras mil fórmas da fraude financeira. O Mexico, a pretexto de armarem-no com todos os instrumentos modernos de progresso, foi a presa submissa e opima dos americanos. Tudo foi ali objecto de privilegio, tudo motivo para concessões com garantia de juros e outras vantagens onerosas para o thesouro. Os concessionarios corriam para New-York, e na bolsa de Wall Street obtinham dos incautos o dinheiro que desejavam. Quer imperasse Diaz ou reinasse

Gonzalez o methodo era sempre o mesmo. Muitas vezes, membros do governo de Washington eram socios d'essas alicantinas, e se o governo mexicano fazia alguma pequena difficuldade em entregar o dinheiro, logo agia sobre elle a pressão diplomatica. Diaz e Gonzalez amontoavam grandes fortunas e Washington rejubilava. Os jornaes americanos annunciavam com enthusiasmo os progressos da iniciativa americana, dizendo que a conquista financeira do Mexico era apenas o preludio da conquista politica que mais tarde viria. N'esse tempo, o illustre Lerdo de Tejada que vivia em New-York exilado, dizia a quem escreve estas linhas: «Os generaes mexicanos, no meu tempo, roubavam nas estradas; agora roubam nas companhias. É um progresso». A principal figura d'esta roubalheira, figura pouco sympathica, mas parece que um pouco innocente n'esses crimes, foi o general Grant. Aquelle soldado feliz era um homem de curta intelligencia, ignorante em materia de negocios e, em todo o caso, um individuo sem grandes delicadezas. Logo que se tratava de um assalto qualquer ás

piastras mexicanas, o iniciador da idéa ía ter com o general Grant, e este logo dava-lhe o seu nome, o seu prestigio e a sua influencia. Chegou então ao auge a jogatina e a immoralidade. O Mexico, a pretexto de applicação no seu solo de capitaes *yankees*, era praticamente governado pela legação americana. O Mexico deixou de ser dos mexicanos. Alguns patriotas protestavam; mas os generaes Diaz ou Gonzalez dispunham logo do recurso de prender os patriotas e de proclamar o estado de sitio. O illustre orador, o notavel poeta do Mexico, o sr. Altamirano, no meio do abaixamento geral, ergueu, contra a alliança americana, a sua voz eloquentissima: «Não!» bradava elle no congresso «mil vezes a nossa pobreza antiga do que a ignominia que presenciamos. O leão mexicano era livre na liberdade ampla das nossas serranias. O estrangeiro desleal e corruptor tem-no agrilhoado, e julga-se ainda seu bemfeitor, dizendo que são de oiro as cadeias com que o subjuga! Não! *Vincula quamvis aurea tamen vincula sunt!*» Emquanto esta voz illustre se levantava no

Mexico, em New-York, n'um grande banquete de confraternidade (financeira já se vê) entre figurões americanos e notaveis mexicanos, banquete presidido pelo general Grant, o sr. Evarts, um dos mais conhecidos estadistas americanos, antigo secretario de estado, usava de linguagem que bem justificava a indignação patriotica de Altamirano. O sr. Evarts passava por ser o homem mais espirituoso dos Estados Unidos, mas, muitas vezes, apesar de homem letrado, tocava as raias da vulgaridade. Isto é muito commum nos Estados Unidos. Ha ali muita gente com reputação de espirituosa, mas n'aquelle paiz que, tendo tido a honra de ser a patria de Edgard Poë, deixou-o morrer na miseria e no desprezo geral, negando-lhe até hoje um monumento, as chocarrices dos *professional wits* ou espirituosos de profissão, são muita vez acolhidas com enthusiasmo. Eis o que dizia o sr. Evarts, entre as gargalhadas dos *yankees* e os sorrisos, amarellos, dos mexicanos: «A doutrina de Monröe é por certo uma boa cousa, mas, como todas as cousas boas antiquadas, precisa de ser reformada.

Essa doutrina resume-se n'esta phrase: A America para os americanos. Ora, eu proporia com prazer um additamento: Para os americanos, sim senhor, mas, entendamo-nos, para os americanos do norte *(applausos)*. Comecemos pelo nosso caro vizinho, o Mexico, de que já comemos um bocado em 1848. Tomemol-o *(hilaridade)*. A America Central virá depois, abrindo nosso appetite para quando chegar a vez da America do Sul. Olhando para o mappa vemos que aquelle continente tem a fórma de um presunto. Uncle Sam é bom garfo; ha de devorar o presunto *(applausos e hilaridade prolongada)*. Isto é fatal, isto é apenas questão de tempo. A bandeira estrellada é bastante grande para estender a sua sombra gloriosa de um oceano a outro. Um dia ella fluctuará unica e ovante do polo norte ao polo austral».

Commentarios são estes do sentimento geral do povo americano.

Em 1836 no congresso americano, exclamava o senador Preston:

«A bandeira estrellada não tardará em fluctuar sobre as torres do Mexico, e d'ali

seguirá até ao cabo Horn, cujas ondas agitadas são o unico limite que o *yankee* reconhece para a sua ambição.»

Continuava, porém, no Mexico a orgia dos melhoramentos. A repartição mexicana de estatistica começou a ser de uma phantasia e de uma imaginação pasmosas. Concessão de caminho de ferro que fosse objecto de um decreto do executivo era immediatamente inscripta nos relatorios e nos outros documentos officiaes, não como um simples acto legislativo, mas como uma realidade effectiva. Eram mais tantos e tantos milhares de kilometros de linha que se davam como feitos, e que os mappas do governo, destinados ao estrangeiro, traçavam orgulhosamente em longos riscos multicôres. Qualquer tentativa de uma nova industria, de uma cultura estranha, era immediatamente classificada como uma fonte já creada e abundante de riquezas immensas. Foi então que no Brazil houve ingenuos que começaram a se inquietar com a grande baléla do café do Mexico, e foi depois de

ler algumas d'aquellas estatisticas ultra-phantasistas, que o sr. Quintino Bocayuva fez propaganda republicana n'uns artigos com este titulo: *Olhemos para o Mexico.* Muita outra gente quiz, mais ou menos por esse tempo, que os brazileiros olhassem tambem para a Republica Argentina, e viajantes boçaes que d'ali vinham, depois de curto passeio, vinham republicanos. Tinham visto os restaurants luxuosos de Buenos Ayres, admirado as carruagens das *cocottes* e dos empregados publicos prevaricadores, tinham contemplado a architectura riquissima dos bancos sem ver a fraude e a ruina que lá íam por dentro. Voltavam para o Brazil, e vendo os nossos ministros e parlamentares andando de bond, vendo os modestos edificios dos nossos bancos (então ainda acreditados), concluiam que o Brazil era um paiz atrazado e que a culpa era da monarchia.

É, porém, muito grande a força das cousas. Antes de rebentar a fallencia fraudulenta, não da Republica Argentina, mas dos maus governos d'aquelle bello paiz, terminou escandalosamente o consorcio financeiro do

Mexico e dos Estados Unidos. Partiram as primeiras reclamações dos pobres accionistas defraudados; os infelizes que contribuiram para as extraordinarias emprezas pomposamente patrocinadas pelos generaes de uma e de outra republica, começaram a perceber, embora tardiamente, que tinham sido atrozmente espoliados. As minas nada rendiam, as terras concedidas eram llanos estereis, serras inaccessiveis ou pantanos e mangues pestilentos nas costas inhospitas do golfo ou do Pacifico. E n'essas phantasticas creações, nos ordenados das directorias, nos estipendios á imprensa, nas remunerações a funccionarios mexicanos e a diplomatas dos Estados Unidos, escoaram-se, volatilisaram-se os milhões de dollars subscriptos. O grito das victimas foi medonho. A principio, o grande prestigio do general Grant foi um dique que por algum tempo conteve a onda da indignação que a final irrompeu por toda a parte, nos *meetings*, na imprensa e nos tribunaes de New-York. A celebre empreza do caminho de ferro do Tehuantepec foi declarada em fallencia; os bancos suspenderam pagamentos, houve suicidios entre os

figurões compromettidos, um filho de Grant foi arrastado aos tribunaes, e o pobre general soffreu grandemente na sua popularidade, quando o seu nome se achou envolvido em tantos litigios escandalosos. A maior parte dos decantados melhoramentos do Mexico ficaram adiados indefinidamente, o thesouro d'aquella republica saíu arrebentado da lucta, mas, continuando debaixo do dominio de Diaz e de Gonzalez — o Mexico é ainda hoje uma victima, depauperada, da amisade e da fráternidade norte-americana.

Esta rapida exposição demonstra o que é a fraternidade dos Estados Unidos para os paizes latinos. Vimos o Mexico; vamos agora á America Central.

«Está no destino de nossa raça», dizia na sua mensagem de 7 de janeiro de 1857 o presidente Buchanan «o estender-se por toda a America do Norte, e isto acontecerá dentro de pouco tempo se os acontecimentos seguirem o seu curso natural. A emigração seguirá até ao sul, nada poderá detel-a. A America Central, dentro de

pouco tempo, conterá uma população americana, que trabalhará para o bem dos indigenas». O senador G. Brocon em 1858: «Temos interesse em possuir Nicaragua. Temos manifesta necessidade de tomar conta da America Central, e, se temos essa necessidade, o melhor é irmos já como senhores áquellas terras. Se os seus habitantes quizerem ter um bom governo, muito bem e tanto melhor. Se não quizerem, que vão para outra parte. Vão-me dizer que ha tratados, mas que importam os tratados se temos necessidade da America Central? Saibamo-nos apoderar d'ella, e se a França e se a Inglaterra quizerem intervir, ávante ó doutrina de Monröe!»

A extraordinaria historia do flibusteiro Walker é das que melhor pintam a má fé norte-americana e o desprezo profundo que os governos dos Estados Unidos têm pela soberania, pela dignidade e pelos direitos das nações latinas da America. Houve um momento em que os americanos julgaram chegada a occasião de conquistar a America Central. Tendo já conquistado metade do Mexico, a conquista da America Centra

deixaria o que hoje resta do Mexico independente, apertado entre dois territorios americanos, isto é, fadado a uma absorpção rapida. Um aventureiro, William Walker, saíu em 1853 de S. Francisco, á frente de um pequeno exercito de bandidos, formado debaixo das vistas protectoras das auctoridades americanas. Este bando armado invadiu o territorio mexicano de Sonora, e Walker proclamou-se presidente do novo territorio, annexando-o por sua propria auctoridade aos Estados Unidos. Teve, porém, de desistir do seu proposito e de render-se ás auctoridades federaes americanas de San Diogo, que o tiveram de julgar pelo crime commettido e pela quebra da neutralidade, mas que, como era de esperar, absolveram-n'o. Por esse tempo, na infeliz republica de Nicaragua tratava-se de uma eleição presidencial, o que nas republicas hispano-americanas é synonymo de guerra civil. Estavam em campo dois candidatos, generaes, já se vê, por signal chamados, um Castellon e outro Chamarro. Mais ou menos eleito Chamarro, foi meio deposto por seu rival Cas-

tellon que, para fortalecer a sua situação, teve a idéa desastrada de convidar a Walker a vir ao Nicaragua ajudal-o a defender a constituição e o principio da auctoridade. Walker formou novo exercito, e partiu de S. Francisco em maio de 1855.

Immediatamente, o ministro de Nicaragua em Washington, o sr. Marcoleta, queixou-se energicamente, mas o Secretario d'Estado Marcy fingiu ignorar o caso e não attendeu ao reclamante. Logo teve logar a primeira *batalha*. Os nicaraguenses alliados de Walker parece que fugiram aos primeiros tiros, mas os 56 americanos que elle commandava levaram tudo de vencida, dando a Walker um immenso prestigio. Logo depois, outras victorias do mesmo teor em Bahia das Virgens, San Juan del Sur e Rivas, e sem resistencia, Walker entrou em Granada. A cidade foi saqueada durante tres dias, e Walker tendo feito uma proclamação garantindo a vida dos moradores, os principaes d'estes voltaram ás suas casas, e foram fuzilados sem demora nem processo. O ministro americano Wheeler, que estava feito com Walker, empenhou-se sobretudo para

que apparecesse um cidadão importante chamado Mayorga, a quem deu todas as garantias, dizendo-lhe que ficava debaixo da protecção da bandeira estrellada dos Estados Unidos. Mayorga caíu na armadilha, e o ministro americano entregou-o a Walker, que o fuzilou logo com muitos outros cidadãos de Nicaragua[1]. Walker arranjou logo uma especie de tratado de paz com um general Corral, e fez presidente nominal da republica a D. Patricio Rivas que, sob a pressão do medo, logo que pôde, fugiu das mãos de Walker, no que andou com prudencia, porque dias depois o general Corral (outro protegido da legação americana) foi fuzilado. Walker ficou senhor absoluto do paiz, e a 12 de julho de 1856 proclamou-se dictador, tendo já o seu embaixador Vigil sido recebido solemnemente pelo governo de Washington a 12 de maio do mesmo anno. A 22 de setembro Walker expediu um decreto restabelecendo a escravidão no Nicaragua. A escravidão havia sido abolida ali havia trinta e dois

[1] *Walker on Nicaragua*, pag. 6, Cojutepec, 1856.

annos. Grande parte da imprensa americana e a maioria do congresso saudou com jubilo este decreto escravagista. As outras nações da America Central reconheceram o perigo, declararam guerra a Walker, que começou a receber grandes recursos dos Estados Unidos. A guerra seguiu com varia sorte. Walker incendiou completamente a cidade de Granada e recolheu-se á Rivas, praça que se rendeu ao general Mora em 1 de maio de 1857; e graças á intervenção do capitão Davis, commandante do navio de guerra americano *Saint Mary's*, Walker pôde escapar, refugiando-se com o seu estado maior e 260 soldados a bordo do mesmo navio de guerra, que os transportou para Nova Orleans, onde foram recebidos no meio de applausos populares [1].

Em New-York houve um *meeting* em

---

[1] **Haydn's**, *Dictionary of Dates*, 1889, pag. 635.

O relatorio do ministro da marinha Toucey em 1857 falla a respeito do asylo concedido a William Walker nos seguintes termos:

«Julgou o governo necessario, como medida de humanidade e de politica, dar instrucções ao commodore Mervine (chefe da divisão naval), no sen-

honra e favor de Walker. O presidente dos Estados Unidos, Buchanan, mandou um telegramma encomiastico a respeito de Walker, dizendo «que os heroicos esforços de Walker excitavam a sua admiração e a tua solicitude»[1].

Em Nova Orleans, sempre com a benevolencia do governo de Washington, começou o aventureiro a organisar outra

---

tido de facilitar ao general Walker e aos seus companheiros, no caso d'elles a solicitarem, a retirada de Nicaragua. A acção do commandante Davis, facilitando por meio do navio *Saint Mary's* a retirada de Nicaragua ao general Walker e aos seus soldados, foi pois approvada por este ministerio.»

Inglez: «It was deemed necessary, as a measure of humanity and policy, to direct commodore Mervine to give general Walker and such of his men, as were willing to embrace it, an opportunity to retreat from Nicaragua. And the action of commander Davis, so for as he aided general Walker and his men, by the use of the *Saint Mary's* to retreat from Nicaragua, was approved by this Departement.»

Congressional Globe, part. I, 1.st session, 35.th congress, 1857-1858, pag. 356.

[1] **Von Holst,** *Constitutional History of the United States,* 1856-1859, pag. 160.

expedição. Denunciado pelos agentes diplomaticos centro-americanos, foi preso, sendo, porém, logo solto mediante pequena caução. Equipando o navio *Fashion*, partiu a 11 de novembro para Punta Arenas, onde desembarcou com 400 homens, sem que se oppozesse a isto o *Saratoga*, vaso de guerra americano. O capitão Paulding, da marinha americana, chegando depois, obrigou Walker a render-se e trouxe-o para New-York. Walker foi entregue aos tribunaes, mas estes não o processaram, sendo, porém, processado e reprehendido o capitão Paulding, por ter excedido as suas instrucções e ter contrariado o governo de Washington, declarado protector de Walker. Em agosto de 1860, Walker desembarcou em Truxillo (Honduras), apoderou-se da fortaleza e saqueou a cidade. O capitão Salmon, commandante do *Icarus*, navio de guerra inglez, intimou Walker a restituir a propriedade roubada. Walker recusou e fugiu. Foi perseguido, apanhado, e governo do Honduras, fêl-o julgar e fuzilar [1]. O desastre final de

[1] Haydn's, *Dictionary of dat,es* 1889, ibidem.

Walker produziu indignação nos Estados Unidos. Quizeram fazer d'elle um heroe sublime. O poeta Joaquim Miller exaltou-o e attribuiu-lhe:

A piercing eye, a princely air
A presence like a chevalier
Half angel, half Lucifer.

Quem ha, versado na historia latino-americana, que não tenha na lembrança o barbaro bombardeamento de S. João de Nicaragua (Greytown) em 1854? O commandante de um vapor americano matou cruelmente com um tiro de carabina, á entrada d'aquelle porto, o patrão de um barco de pesca. As auctoridades exigiram a entrega do criminoso. O ministro americano oppoz-se; houve manifestações de desagrado ao ministro, e tanto bastou para que os Estados Unidos mandassem a Nicaragua a corveta *Cyane*, que exigiu todas as reparações, o pagamento de uma longa lista de pretendidos prejuizos soffridos por americanos, e 30:000 dollars de indemnisação ao ministro, pelas assuadas. Isto sob pena de bombardeio em vinte e quatro horas. A população,

julgando que o caso se limitaria a algumas bombas arremessadas contra a pequena cidade, que apenas contaria umas quinhentas casas, retirou-se para o interior. O commandante do vaso de guerra inglez *Bermuda* protestou solemnemente, declarando que só a fraqueza do seu navio impedia-o de oppor-se pela força ao bombardeio. No dia seguinte, depois de atirar algumas bombas, o commandante operou um desembarque, e as suas tropas incendiaram todas as casas. A cidade ficou inteiramente destruida, e o prejuizo causado a estrangeiros pela destruição de mercadorias subiu a mais de 2.000:000 de dollars[1].

Este crime não teve outra punição além do justo stygma da historia.

Quando a Inglaterra começou a se apo-

---

[1] **Calvo,** *Traité theorique et pratique de droit international.*

Von Holst, vol. IV, pag. 11.

Na grande obra do sr. Calvo a data do bombardeio é dada como em 1834, e n'outra sua obra como em 1835. Erros de revisão d'esta ordem são numerosos nas preciosas e utilissimas compilações do sr. Calvo. Por isso é preciso um certo cuidado

derar dos territorios que cercam Belise e das ilhas Honduranas que constituem hoje o Honduras inglez, a pobre republica de Honduras em vão appellou para a protecção do governo de Washington, allegando contra a violencia que lhe era feita a doutrina de Monröe.

N'esta questão da Centro-America, longe de se oppor á intervenção europêa, o governo americano solicitou até a interferencia da Inglaterra no assumpto pelo tratado de 19 de abril de 1850, conhecido pelo nome de tratado Clayton-Bulwer. Por esse tratado os Estados Unidos associaram-se á monarchia europêa para regularem a construcção e a neutralidade do projectado canal de Nicaragua. E, cousa notavel, uma

---

com as informações que ellas nos fornecem, sendo sempre bom ir verificar as fontes citadas que, sendo numerosissimas, nem todas podéram ser convenientemente resumidas pelo auctor. Assim, o sr. Calvo não falla do protesto, importantissimo aliás, do commandante do *Bermuda*, e é de estranhar que episodios da importancia das expedições Walker não sejam sequer tratados pelo escriptor argentino.

das consequencias d'este tratado foi os Estados Unidos reconhecerem solemnemente o dominio inglez no Honduras em detrimento das republicas hespanholas do Centro America. Na clausula 1.ª d'este tratado os dois governos concordavam que nem um nem outro poderia occupar, fortificar, colonisar ou assumir ou exercer qualquer dominio sobre Nicaragua, Costa Rica, a Costa dos Mosquitos ou qualquer parte da America Central.

Em 29 de junho de 1850 o ministro inglez em Washington, sir Henry Lytton Bulwer, declarava que o governo inglez excluia d'aquella clausula os estabelecimentos inglezes do Honduras, e a 4 de julho o secretario d'estado annuia n'uma nota admittindo que ficavam fóra do tratado os estabelecimentos inglezes no Honduras [1].

Só em 1855 o ministro americano em Londres, Buchanan, solicitou que a Inglaterra abandonasse a ilha de Ruatan e outras de que a Inglaterra se tinha apoderado na

---

[1] **Hertslet**, *A complete collection of treaties*, etc. vol. VIII, pag. 969 e vol. X, pag. 645.

costa do Honduras, assim como o territorio entre os rios Sibun e Sarstoon, e que a possessão ingleza de Belise se limitasse á parte dos tratados anglo-hespanhoes de 1783 e 1786, e que a Inglaterra abandonasse a Costa dos Mosquitos. Lord Clarendon, ministro dos negocios estrangeiros da Inglaterra, respondeu com uma redonda negativa. E Monröe? [2]

Quando se formou na Europa, com séde em França, a mallograda companhia do canal interoceanico, que obteve uma con-

[2] **Elisée R clus,** *Geographie universel,* tomo XVII pag. 484, diz: «La côte dite de Mosquitia ou des Mosquitos fut revendiquée par le gouvernement anglais, et si les États Unis n'étaient intervenus, tout l'espace compris entre la rivière de Nicaragua et la baie de Honduras serait devenu territoire britannique comme l'est actuellement le pays de Belize. En vertu de la doctrine de Monroe, l'Amérique reste aux Américains et le littoral de la mer des Caraïbes est restitué à la Republique du Nicaragua».

Esta affirmação do illustre geographo é inteiramente falsa. A intervenção dos Estados Unidos foi seguida da negativa de Lord Clarendon. Em 1860, pelos tratados de 28 de janeiro e 11 de feve-

cessão do congresso colombiano, o governo de Washington saíu-se logo com a doutrina de Monröe, fazendo um terrivel escarcéu. O velho Lesseps, porém, foi de Panamá a New-York, foi a Washington e, como por encanto, toda a opposição cessou por parte da secretaria d'estado. Annos depois, tudo isto ficou explicado por occasião do celebre processo de Panamá, e soube-se porque as influencias americanas, os homens do governo de Washington deixaram de lado Monröe e a sua doutrina. No processo de

---

reiro, assignados em Managua, a republica de Nicaragua fez muitas concessões á Inglaterra quanto ao transito do isthmo, a Inglaterra garantiu a neutralidade do isthmo e cedeu á republica de Nicaragua o protectorado da Costa do Mosquito.

Em troca de concessões analogas feitas pelo Honduras, a Inglaterra reconheceu, com varias restricções, o dominio d'essa republica sobre as ilhas do Honduras pelo tratado de 28 de novembro de 1859.

Nos Estados Unidos esses tratados foram considerados como victorias da diplomacia ingleza e foram muito atacados, prova de que não foram celebrados, graças aos Estados Unidos, como diz o sr. Réclus.

Panamá verificou-se que milhões de francos foram mysteriosamente gastos para acalmar escrupulos e para suavisar a doutrina de Monröe. Eis qual tem sido o papel dos Estados Unidos em relação á grandiosa idéa do canal interoceanico. Aquelle paiz tem empregado toda a sua influencia para atrazar e embaraçar por todas as fórmas a grandiosa empreza, promettedora de beneficios para a humanidade, e isto para não prejudicar as companhias dos caminhos de ferro transcontinentaes. É mais um serviço que lhe devem a Colombia, o Equador, o Perú, a Bolivia e o Chile, paizes cuja prosperidade tanto necessita do canal de Panamá.

Quando em 1888 a esquadra italiana ameaçou os portos da Colombia e do Equador, exigindo violentamente satisfações e indemnisações, que protecção ás suas irmãs violentadas deu a republica norte-americana?

Nenhuma.

Quer-se apresentar o governo americano aos brazileiros como o grande amigo das nações d'este continente, como o seu prote-

ctor nato, e, no furor d'isso demonstrar, ha j rnaes brazileiros, de tão atrophiado patriotismo, que chegam a collocar o Brazil como que debaixo do protectorado americano, fazendo do Rio de Janeiro o vassallo e de Washington o suzerano. É contra esta falsa idéa, contra este esquecimento do pundonor nacional, que queremos reagir, relembrando aos nossos compatriotas o que tem sido a politica americana.

Para o Mexico, ella tem sido um algoz e para a America Central um inimigo.

Continuemos agora a ver o que os Estados Unidos têm feito contra outros paizes, sem esquecer a pobre republica do Haïti, a quem os Estados Unidos tanto tem atormentado, a pretexto de indemnisação por prejuizos soffridos por americanos, nas muitas revoluções haïtianas. Haïti e S. Domingos, já têm sido varias vezes ameaçados por navios de guerra da união americana, sempre a pretexto de indemnisações reclamadas. E aquelles pobres paizes julgavam-se isentos d'estas reclamações; todos os seus governos tinham de certo, cautelosamente, expedido decretos dizendo de ante-

mão que não se responsabilisavam pelos prejuizos que as suas revoltas causassem tanto em terra como no mar!

Não é tão grande como se pensa no Brazil o empenho que têm os Estados Unidos de que a Europa não possua territorios na America.

A Dinamarca já lhes quiz ceder a ilha de S. Thomaz; os habitantes acceitaram a idéa, mas os Estados Unidos recusaram. No momento dominava n'aquelle paiz uma politica de retrahimento, reacção do periodo anterior das invasões do Mexico e da America Central. O presidente Grant mostrou-se disposto a adquirir Cuba, e hoje, que os Estados Unidos preparam-se com uma nova esquadra para fazer politica exterior [1], as vistas americanas são para outro porto das Antilhas, para o porto ma-

---

[1] A construcção d'esta esquadra foi ensejo para grandes escandalos administrativos entre o ministerio da marinha e os constructores. Ficou provado que os constructores e empregados superiores da marinha roubaram descaradamente o thesouro. Basta dizer que o governo pagou como encouraçados navios que o não são.

gnifico do Haïti, o Molhe S. Nicolas, cuja posse é exigida pela marinha americana para centro da estação naval do golfo, e para dominar completamente a passagem dos estreitos antilhanos. O governo americano, n'estes ultimos tempos, tem já tido as necessarias *complicações* com o Haïti, desavenças preparatorias para a conquista, que em documentos officiaes já ultimamente tem sido aconselhada e reclamada.

Devemos, a respeito de Cuba, mencionar de passagem a expedição que fracassou em Round Island em 1849, a que foi batida em Cardenas em 1850, a de 1851, commandada pelo caudilho Lopez, que, batido, foi executado, com cincoenta dos seus companheiros [1].

Os patriotas cubanos que têm sonhado com a independencia da perola das Antilhas, pozeram, a principio, grandes esperanças na doutrina de Monröe. Julgaram que os Estados Unidos não podiam deixar de protegel-os contra a metropole. Como

---

[1] Sobre esta expedição ler: *America y España*, de D. José Ferrer de Couto. Cadiz, 1859.

poderia a aguia americana consentir que, á sombra das suas azas poderosas, continuasse uma parte do livre solo americano debaixo do jugo hespanhol? New-York, por muitas vezes, tem-se tornado o quartel general dos conspiradores cubanos. A legação de Hespanha, em Washington, diversas vezes tem protestado contra a quebra das leis da neutralidade por parte do governo americano, que tem deixado organisarem-se verdadeiras expedições armadas contra o governo de Cuba. Qual tem sido o proceder do governo americano sem fallar na celebre expedição Lopez? A principio, deixa que a conspiração gaste dinheiro em New-York, frete navios, compre armas, e á ultima hora vira-se contra ella, a policia americana põe-se de accôrdo com o serviço de vigilancia mantido pela legação hespanhola, e os pobres patriotas são burlados nas suas esperanças. Mais de uma vez, as expedições têm chegado a saír de portos americanos, têm aportado a Cuba e têm sido invariavelmente batidas pelos hespanhoes. Os patriotas cubanos, talvez injustamente, accusam sempre os seus auxiliares,

americanos mercenarios, de traição. Uma vez, a tripulação inteira de um navio, composta de americanos, foi inexoravelmente fuzilada em Cuba e, apesar da emoção que este facto produziu nos Estados Unidos, o governo de Washington nem por isso tomou a defeza da causa da independencia cubana. Tem sempre abandonado esta causa, vendendo á Hespanha a posse indefinida de Cuba, a troca de favores commerciaes, isenções de direitos para productos americanos, etc., etc. O frio egoismo e o requintado machiavelismo não são, pois, o privilegio exclusivo da negregada diplomacia das côrtes européas.

Ninguem ignora que a republica, então chamada da Nova Granada (hoje Columbia), concluiu com os Estados Unidos um tratado a respeito da construcção de um caminho de ferro no isthmo de Panamá, o mesmo caminho de ferro que mr. de Lesseps comprou depois por vertiginosa quantidade de milhões, por conta dos pobres accionistas da companhia do Canal.

Fez-se o caminho de ferro, e Panamá tornou-se um logar de um transito espan-

toso. Transito do oiro que vinha da California e de americanos que íam para a California. Do oiro nada ficava em Panamá, mas dos americanos alguns ficavam, e estes exerciam diariamente a sua brutalidade contra os pobres habitantes, desgraçados *south americans* destinados a succumbir ao contacto do *yankee*. No dia 15 de abril de 1856 as provocações americanas cansaram a paciencia dos naturaes de Panamá.

Os americanos começaram a fazer fogo de rewolver contra os passantes, estes reagiram a pedra, depois a tiro. N'uma palavra, houve um tumulto enorme e muitos mortos de parte a parte. Resultado: intervenção americana, intimação para o governo do isthmo ser independente de Bogotá (isto é, entregue aos *yankees)* e 400:000 dollars de indemnisação.

Quem, porém, devia pagar as vidas dos neo-granadinos, tiradas pelos americanos, e as suas casas incendiadas por estes? Veiu o costumado *ultimatum* e o governo de Bogotá deu-se por muito feliz por ter sómente de pagar a exorbitancia que lhe

era exigida pela força e contra todo o direito [1].

Os Estados Unidos têm muitas relações com o Perú, e estas relações não têm trazido grandes beneficios para esta republica latina.

A republica do Perú soffreu tambem violencias americanas.

Durante uma das muitas revoluções d'aquelle paiz, varios navios americanos, entre outros a *Lizzie Thompson* e a *Georgiana*, aproveitando-se do facto dos navios de guerra peruanos estarem com os revoltosos, empregaram-se activamente no contrabando do guano contra disposição expressa das leis peruanas. Os navios de guerra revoltosos entregaram-se ao governo, facto que deu muito prestigio ao principio da auctoridade e consolidação da republica no Perú, que depois d'isso (1860) tem go-

[1] Vide **Nueva Granada y los Estados Unidos de America,** *Final contestacion diplomatica.* Bogotá, 1857; *Manifiesto dirijido á la nacion por algunos representantes sobre el convenio Herran — Cass.* Bogotá, 1858.

sado de inalteravel felicidade de riqueza e poderio, como sabemos. Um d'esses navios revoltosos, o *Tumbes,* logo que voltou ao serviço da legalidade, aprisionou, como era direito e dever do governo peruano, os navios contrabandistas. O que fez o governo de Washington? Reclamou cada vez mais insolentemente, rompeu as relações diplomaticas, andou procurando nos archivos quanta especie de reclamação havia, juntou tudo, lançou um *ultimatum,* e o pobre Perú teve de pagar [1].

A historia do Perú, depois do grande periodo tragico e heroico da conquista e depois de findo o dominio colonial, é bem simples. Tem sido setenta annos de desgraça, que transformaram a mais rica possessão da corôa hespanhola n'um dos paizes mais pobres e infelizes do mundo. Quatorze lustros de regimen republicano! Houve, porém,

---

[1] O direito do Perú é demonstrado á saciedade na correspondencia official, trocada a esse proposito entre os governos de Washington e de Lima. Vide *Question between the United States and Peru. Diplomatic correspondence.* Lima, 1861.

um periodo de illusoria prosperidade, e é de estranhar que então alguem tambem não nos dissesse: *Olhemos para o Perú!* O grande periodo da nevrose e da megalomania financeira na Argentina foi o periodo da grande importação do oiro europeu; o periodo correspondente, no Brazil, foi o da fundação das finanças republicanas, foi a epocha do papel. No Perú, a epocha póde ser chamada a epocha do guano.

Durante centenares se não milhares de annos, segundo os calculos do sabio Raymondi, os pelicanos do mar, as aves dos rochedos, as gaivotas das praias, revestiram as fraldas dos penhascos, as planuras e encostas dos ilhotes e das enseadas fragosas, de uma grande e profunda coberta de dejecções que constituiram uma enorme massa de materia alcalina e phosphatada com que a industria começou, ha uns trinta annos, a revigorar as terras exhaustas pelas culturas seculares. Para os valles da Virginia depauperados pela esgotante cultura do tabaco, para os campos da Inglaterra e da Allemanha, foi levado, em grandes carregamentos, o adubo salvador, com-

prado a peso de oiro no Perú. Isto que devia ser a riqueza da infeliz nação foi uma causa de desgraça. O esterco, que ía ao longe fertilizar as terras estereis, serviu para activar a putrefacção do governo e do paiz todo. O guano foi declarado propriedade nacional e a sua extracção era objecto de concessões feitas a particulares. Os particulares eram, em regra, parentes ou amigos dos homens do governo, e tornavam-se, em todo o caso, seus socios. O thesouro recebia grandes proventos do guano, já em troca das concessões, já sob a fórma de direitos de exportação. Foi n'esse tempo que o governo peruano viu-se preza de um bem singular motivo de inquietação ou de susto, susto que parece ser proprio aos estadistas financeiros, em vesperas de grandes desastres. Tambem no Perú se perguntava na imprensa, no congresso, em conversas particulares: O que fazer dos saldos do thesouro? Pergunta insensata!

Ha um conto oriental — do homem a quem o destino deu um milhão por dia com a condição do homem gastal-o todo no tempo comprehendido entre duas auroras.

A falta do cumprimento d'esta condição era a morte do infeliz. Prazeres, gosos, prodigalidades, tudo isto bastou, nos primeiros dias, para consumir o milhão diario. Em pouco tempo veiu a fadiga, o esgotamento e debalde trabalhava a imaginação do homem para achar o meio de esvasiar os ultimos saccos de oiro que ainda estavam cheios quando já alvorecia a aurora do novo dia. Appareceu o Anjo da Morte e annunciou ao desgraçado o seu fim. Lamentou-se o homem: Não consegui gastar o meu milhão! E o Anjo da Morte respondeu-lhe: — É que tu esquecestes o unico meio que havia para isso! — Qual era? — Fazer o bem!

Ora, os paizes, victimados pela superabundancia de dinheiro, só têm um meio de escapar a esse mal, aliás singularissimo. É fazer o bem. E ha tantos modos de um governo ser bemfazejo! Não fallamos de soccorros publicos, de grandes esmolas collectivas, de dinheiro distribuido pelos pobres ou pelos soldados, signaes certos estes do esphacelamento do caracter nacional, factos proprios das tyrannias expirante es

dos pretorianismos insaciaveis. A sciencia politica caminhou desde a antiguidade. Hoje, o dinheiro publico, que vem do imposto, sendo mais do que é necessario para os serviços publicos, o que ha a fazer é pagar as dividas do estado, se o estado tem dividas. Se as não tem ou se não convem liquidal-as por qualquer rasão, não ha outro alvitre honesto senão a diminuição dos impostos.

Os Estados Unidos, ha bem pouco tempo, tinham um saldo embaraçoso, uma grande reserva metallica que muito deu que fallar. Por alguns annos prevaleceu, até certo ponto, n'esse particular, a politica honesta e sensata, de applicar esse saldo á amortisação da divida. Os proteccionistas não queriam consentir na diminuição dos impostos de entrada, que eram os que mais avolumavam o saldo. A tentação era, porém, muito grande e muito pequenos eram os escrupulos dos politicos. Em pensões escandalosas, em subsidios injustificaveis foi malbaratado o saldo. Appareceu o déficit no orçamento. O thesouro, para favorecer os ricos proprietarios das

minas, continuou a permittir a livre cunhagem da prata, foi transformando um metal desvalorisado n'uma moeda tambem depreciada e, em virtude da celebre lei de Gresham — que a moeda depreciada faz emigrar a moeda de valor — o oiro emigrou para a Europa, e o paiz todo caíu na pavorosa crise economica em que hoje se debate, sobrenadando no naufragio os grandes capitalistas e os homens do monopolio, sendo, porém, a classe pobre, os operarios, mergulhados na miseria a mais negra.

O Perú, diziamos, achou-se em serias difficuldades diante de tanto dinheiro. Não lhe veiu á mente a idéa de fazer o bem, que seria, no seu caso, o pagamento das dividas nacionaes ou a diminuição dos impostos. Por essa epocha, o ministro das relações exteriores mandou uma circular ás legações peruanas, ordenando-lhes que, convocando os principaes economistas dos paizes onde se achassem acreditadas, expozessem-lhes a situação financeira do Perú e pedissem áquelles luminares da sciencia conselho e opiniões para aquelle grave caso. O Perú soffria, o Perú ía morrer talvez

e desesperado recorria á sciencia, perguntando-lhe quaes os remedios para o seu mal, para a terrivel doença: a plethora de dinheiro. Variaram talvez os alvitres, mas a doença desappareceu por si, antes de ser applicado ao enfermo o receituario da douta faculdade. Dois generaes de boa vontade, os generaes Pardo e Prado, secundados por outros collegas, por muitos coroneis e por um exercito todo mettido a politico, acabaram com os saldos, e o Perú deixou de ser excepção na America hespanhola, ficou tão fallido como qualquer outra republica, dando-se a integralisação na quebradeira hispano-americana.

N'essa epocha de desmoralisações administrativas que chegam até á legenda, foi grande no Perú a malefica influencia dos Estados Unidos. Os aventureiros americanos enchiam Lima. Como no Mexico, esses aventureiros eram apresentados pela legação americana, por ella patrocinados, e o posto de ministro americano no Perú tornou-se muito lucrativo. De vez em quando, lá íam boas sommas em indemnisações a *yankees* concessionarios de guanos ou de

qualquer outra cousa e que se pretendiam lesados pelo governo. Ora, esses movimentos de capitaes, não se dão sem deixar algumas aparas nas mãos da diplomacia de Washington. Fallava-se tambem, ás vezes, em doutrina de Monröe, o que não impediu a Hespanha de aggredir o Perú e o Chile, bombardear Valparaiso sem que dos Estados Unidos partisse uma voz sequer em favor dos paizes victimas da violencia d'aquella nação européa. A esse proposito escrevia um illustre argentino:

«A doutrina de Monröe não convem á America do Sul, e o exemplo mais curioso que citei é o d'esse bombardeio de Valparaiso. A esquadra norte-americana dos mares do sul assistiu impassivel ao bombardeio de Valparaiso, porque, em virtude da doutrina de Monröe, as potencias européas ficam excluidas de toda a intervenção na America. Em virtude d'essa doutrina aquella esquadra deveria oppor-se ao bombardeio, mas para se oppor efficazmente ella precisaria do apoio das esquadras da França e da Inglaterra presentes no porto, e essas esquadras, ainda em virtude da tal

doutrina, abstiveram-se e deu-se o bombardeio. Por este exemplo vê-se de que utilidade póde ser a doutrina Monröe para a America do Sul[1].

Voltemos, porém, ao Perú.

---

[1] Alberdi, traducção de Th. Mannequin, París, 1866, *Antogonisme et solidarité des états orientaux et des états occidentaux de l'Amérique du Sud*, pag. 155.— Emquanto os Estados Unidos mostravam esta indifferença diante do assalto da Hespanha ás republicas do Pacifico, o Brazil monarchico, embora a braços com as difficuldades da guerra do Paraguay, respondia ao appello do Chile pela seguinte fórma:

«Correspondendo ao honroso appello do governo chileno, o governo de Sua Magestade o Imperador auctorisa o abaixo assignado a assegurar a v. ex.ª que, de perfeito accôrdo com as considerações exaradas por v. ex.ª, o governo imperial não vacillará em prestar com o maior prazer o concurso dos seus bons officios e do seu apoio moral para que não prevaleçam principios que offendam a autonomia e os legitimos interesses dos estados do continente sul-americano.»

Estas palavras são de uma nota dirigida a 7 de junho de 1864 a D. Manuel A. Tocornal, ministro das relações exteriores do Chile pelo conselheiro João Pedro Dias Vieira, ministro dos negocios estrangeiros do imperio.

O guano foi diminuindo pouco a pouco.

O governo do Perú lançou mão do trabalho dos chins, reduzidos nas guaneiras, a verdadeiros galés e na realidade escravisados nas estancias e nas fazendas de assucar. Esse trafico de escravos amarellos era feito por umas casas americanas, e quasi sempre sob a bandeira estrellada que protegia a escravidão asiatica, já no Perú, já em Cuba. O porto de saída d'esses desgraçados era Macau. O governo portuguez começou a se impressionar com o escandalo, e o relatorio que Eça de Queiroz, consul de Portugal na Havana, apresentou ao governo demonstrando as monstruosidades commettidas contra os chins, apressou talvez o fechamento do porto de Macau á emigração chineza. Houve americanos estabelecidos no Perú e ligados aos agricultores peruanos que se enfureceram com a suppressão do trafico amarello, e foi então que se organisou uma das mais hediondas emprezas de pirataria de que ha noticia. Foi armado um grande navio, que saíu mar em fóra e demandou o pequeno grupo de ilhas perdido no oceano Pacifico conhecido pelo

nome de ilha da Paschoa, e que hoje foi annexado pelo Chile.

Essas ilhas, celebres pelos estranhos monumentos graniticos que lá deixou uma raça desapparecida, pelos vultos colossaes de pedra esculpida plantados nas encostas das montanhas, por uma civilisação ignota, eram povoadas de polynesios, raça suave e inoffensiva, de uma innocencia paradisiaca, que o contagio exterminador do homem civilisado ainda não victimára. Os flibusteiros desembarcaram na ilha, mataram as creanças, os velhos, e quasi todas as mulheres, e acorrentaram e algemaram os homens validos que, atirados ao porão do navio, foram trazidos para o Perú como escravos. Quando a noticia d'este horrivel attentado echoou na Europa, o governo inglez commoveu-se e ordenou ao ministro de Inglaterra em Lima que informasse sobre o assumpto. Verificada a exactidão da noticia, o governo inglez exigiu inexoravelmente que os infelizes escravisados lhe fossem entregues pelos cidadãos republicanos da America.

Recolhidos a bordo de um navio de guerra inglez, os desgraçados que tinham escapado

á ferocidade americana, foram restituidos ás suas ilhas, devendo sua salvação ao espirito christão da Inglaterra, ás sociedades humanitarias compostas de burguezes, de mulheres religiosas e de curas de aldeia, que n'aquelle paiz, que é o mais poderoso e livre do mundo, têm bastante influencia para mover a imprensa, a opinião e o governo em favor de uns miseros selvagens, perseguidos a milhares de leguas de distancia.

Era esta e originava factos d'esta ordem a situação politica e financeira do Perú, quando houve a guerra com o Chile. Depois da utilisação das guaneiras que estavam quasi esgotadas, no extremo sul do paiz e na costa boliviana, descobriram-se, ou antes, começaram a ser utilisados, os chamados campos de nitrato de soda, isto é, grandes e espessas camadas d'essa substancia provindas parece que de feldspathos decompostos pela acção das aguas thermaes e sepultados hoje nos areaes do deserto de Atacama. Esses nitratos são, como o guano, adubos de grande valor para as terras. Assim, aquella região de absoluta aridez, começou a dar a terras distantes

a fertilidade que ella mesma não tinha. Affluiram para Atacama os grandes capitaes e as grandes energias dos chilenos. A concorrencia foi fatal a peruanos e a bolivianos. O Chile foi logo senhor da industria dos nitratos. Começaram as auctoridades bolivianas a vexar por todas as fórmas fiscaes e administrativas os chilenos. D'aqui incidentes diplomaticos, conflictos, questões e, por fim, a guerra.

N'essa guerra havia: de um lado, o pequeno exercito chileno triplicado pelo numero de voluntarios; do outro, havia dois exercitos desmoralisados por longos annos de intervenções na politica, desorganisados pelos pronunciamentos, desprestigiados pelas confraternisações, aviltados pelas traições e pelas falsidades que são a sorte commum da vida de todo o exercito que se mette em politica. A victoria, ardua, gloriosa nas suas difficuldades, terrivel nos seus effeitos, coroou a energia da administração chilena. A guerra estava a findar quando se deu a celebre intervenção norte-americana, episodio curiosissimo da historia da America do Sul.

O ministro americano Hurlbuth era o legitimo representante dos interesses fundidos das casas americanas e dos politicos peruanos nos escandalos da exploração do guano e dos mil negocios que, á sombra da diplomacia norte-americana, tinham já arruinado o Perú. A victoria chilena era a desorganisação de toda aquella federação de interesses e de corrupção. Era presidente dos Estados Unidos o general Garfield e chefe do gabinete ou secretario de estado, o famoso James C. Blaine.

Singular e estranha personalidade era a d'este quasi grande homem! Havia n'elle como que um ultimo alento do sôpro heroico dos tempos da independencia e da grandeza intellectual dos estadistas americanos. Elle era uma especie de Hamilton, de Clay, de Webster ou de Seward, mas era incompleto, era desigual e desequilibrado. Faltava-lhe a grandeza moral d'aquelles vultos ou talvez simplesmente a sua estrella. Na audacia, na vastidão dos seus projectos, era de um arrojo quasi genial. Na execução, os seus meios eram fracos, as suas hesitações eram longas, os seus recursos pareciam pou-

cos, os seus alliados eram ignobeis, seus motivos dir-se-íam pessoaes e mesquinhos, talvez immoraes; a sua politica era tortuosa e a *mise en scene*, embora espectaculosa, nunca deu-lhe, aos olhos dos seus compatriotas, senão esse prestigio incompleto, que sempre lhe bastou para dar-lhe a audacia dos grandes intuitos sem, comtudo, garantir-lhes o successo. A rasão de tudo isto era, quem sabe, se simplesmente a differença que ha entre o tempo dos grandes homens a quem Blaine succedeu na politica, e a degenerescencia da antiga tradição dos velhos estadistas americanos.

Os paes da patria americana, os fundadores da constituição, viveram n'um periodo historico de pureza moral, em tempos de patriotismo e de abnegação. Blaine floresceu no imperio do industrialismo e da finança, na expansão de todos os despotismos do monopolio e de todas as corrupções da plutocracia. Não é uma simples banalidade a velha proposição de Montesquieu de que as republicas precisam ter como fundamento a virtude. Esse foi o fundamento da republica norte-americana. Será

inviavel e uma fonte perenne de males, qualquer outra republica que não tiver o seu berço banhado na atmosphera da virtude civica. As sociedades politicas e as fórmas do governo precisam de nascer puras para ter a vida longa e prospera. Os organismos politicos são como os organismos animaes e vegetaes; quanto mais perfeitos nascem e quanto mais robusta é a sua infancia, mais garantias apresentam de duração.

Nunca se viu uma republica nascer disforme para a vida da violencia, do crime, da discordia, da corrupção e do erro para d'ahi se adiantar até á virtude, á paz e á verdade.

Imaginará alguem por ventura a republica romana nascendo com Sylla e Catilina e acabando em Fabricio e Cincinnato? A crença universal sempre attribuiu á humanidade em seu apparecimento a frescura de todas as forças vivas.

A podridão é propria dos tumulos e não dos berços. O que ha a esperar de uma existencia humana cuja infancia não tiver sido innocente?

Querer justificar a corrupção e o crime quando apparecem, por assim dizer, identificados e consubstanciados com uma republica que começa, dizendo que tudo isto é proprio das instituições novas, é falsear a verdade historica. Não; o nascer das republicas, se não fôr rodeado do perfume da abnegação, se não fumegarem em roda do seu berço o incenso puro e a myrrha incorruptivel do sacrificio e do patriotismo, não promette e não dará nunca no futuro senão crimes e desgraças.

A republica norte-americana não teve a sua infancia corroida pela corrupção, nem a sua puericia se passou nos jogos sangrentos das guerras civis. Era ella já quasi secular quando o seu solo foi fratricidamente regado pelo sangue de seus filhos; e os vicios contra os quaes luctam hoje os patriotas, as faltas que lhe apontam os pensadores, são vicios de hoje, faltas actuaes, que se não podem justificar no exemplo dos antepassados. A lição da historia da independencia e os exemplos das gerações extinctas são espelho de virtude.

Blaine foi e tinha que ser o estadista da sua epocha.

Tinha bella presença, a sua voz era insinuante, o seu olhar era agudissimo, o seu sorriso era cheio de finura. Foi chamado o homem magnetico. Era um grande orador e um escriptor de raça. A sua illustração era vasta em assumptos da politica nacional, deficiente no resto dos conhecimentos humanos, mas o seu talento suppria tudo. Fez-se grande e subiu por si. Os seus adversarios attribuiam-lhe grande numero de capitulações de consciencia com os interesses de grandes financeiros, e a sua pobreza sabida era um pouco contradictoria com o luxo de sua vida, com o seu bello palacio de Washington, com os vastos salões, cheios de objectos de arte e de retratos, bustos, estatuas, medalhas, quadros, gravuras e mil outras recordações de Napoleão, heroe da especial admiração de Blaine. O estadista republicano tinha idéas dominadoras e o temperamento cesariano. De todas as paredes da casa de Blaine, o olhar profundo de Bonaparte cravava-se nos visitantes. Napoleão não terminára a con-

quista da Europa e nos abysmos dos seus pensamentos estava a ambição de dominar o Oriente e a Asia. Blaine via na politica mais do que a arte de ganhar eleições; o seu talento de orador pedia talvez um theatro igual ao theatro em que representam os Gladstone e os Salisbury. Debaixo das ogivas de Westminster, a palavra da eloquencia póde decidir da sorte de um povo. Nas estreitezas do systema presidencial, o presidente póde ser um incapaz, um incompetente teimoso, armado de immenso poder contra o qual são inuteis todos os esforços do talento. Blaine sentia-se afogado n'aquelle meio, e toda a sua imaginação volvia-se para a politica exterior. Na politica exterior elle foi o lisonjeiro por excellencia do espirito da dominação americana sobre todo o continente. Elle imaginava a aguia americana pairando, de polo a polo, com as azas poderosas expandidas. A aguia symbolica elle não a via protegendo os fracos com a sua sombra, como acredita a ingenuidade de alguns sul-americanos. Elle queria que ella dominasse, que o seu olhar perscrutasse as solidões

geladas do polo, os valles profundos dos Andes, as planuras do Amazonas, a vastidão dos pampas e o infinito dos mares. Elle queria que o bico adunco d'aquelle passaro apocalyptico rasgasse os inimigos, e que as garras colossaes se apoderassem de todo o continente de Colombo. Blaine no poder, era uma ameaça para toda a America.

Quando chegava ao seu termo a guerra do Pacifico, Blaine era secretario de Garfield, e Blaine teve uma occasião de tentar fazer prevalecer a politica que elle mesmo chamou a politica imperial dos Estados Unidos.

O presidente Hayes, embora tivesse sido derrotado pelos eleitores, acabava de exercer o seu mandato usurpado, occupando illegalmente a cadeira de presidente em que o collocára um voto fraudulento do Supremo Tribunal encarregado da apuração eleitoral. O patriotismo de seu competidor, o presidente eleito, Tilden, preferiu deixar o usurpador na suprema magistratura a abrir um conflicto que levaria, com certeza, o paiz a uma nova guerra

civil. O general Garfield, apenas eleito, confiou a direcção da politica internacional a Blaine, e a attenção d'este volveu-se logo para a lucta entre o Chile, o Perú e a Bolivia.

A primeira d'estas nações estava em vesperas de colher o fructo das suas arduas victorias, impondo aos vencidos uma paz garantidora dos interesses, da tranquillidade e da segurança do Chile no presente e no futuro. Começaram a se agitar no Perú e em New-York os interessados americanos, socios de peruanos e bolivianos nas concessões de guanos e na extracção dos nitratos. A consagração da victoria chilena era o fim definitivo do regimen das concessões, dos privilegios e dos mil abusos, tão uteis aos americanos, na desordem financeira do Perú e da Bolivia. O ministro americano Hurlbuth, em Lima, os seus collegas generaes Adams, em La Paz, e Kilpatrick em Santiago, entraram na combinação. Era preciso uma intervenção dos Estados Unidos em favor dos vencidos, e contra o Chile, e em beneficio directo dos especuladores americanos e seus socios.

Já dissemos que, por occasião da guerra do Paraguay, os ministros americanos Washburn e general Mac-Mahon constituiram-se os defensores acerrimos de Lopez, foram seus commensaes, testemunhas, e, pelo silencio, cumplices das suas horriveis atrocidades. Illudido pelas noticias dos seus diplomatas, o governo de Washington considerou Lopez, por muito tempo, como a victima sympathica do barbaro exercito alliado. Foi preciso que o illustre coronel Von Versen, que ha pouco morreu general do exercito allemão e ajudante de ordens do Imperador Guilherme II, foi preciso que este europeu, um dos prisioneiros de Lopez que mais soffreram da sua tyrannia, fosse libertado depois de Lomas Valentinas pelo marquez de Caxias e, indo aos Estados Unidos, escrevesse a verdade sobre Lopez, para desfazer no espirito do governo de Washington a indisposição que, contra o Brazil, tinham creado a falsidade das informações diplomaticas. O governo americano esteve até em termos de mandar uma esquadra á America do Sul para proteger a Lopez.

Em relação ao Chile, deu-se a mesma cousa. O governo americano quiz arrancar ao Chile o resultado das suas victorias. As informações dos ministros americanos no Pacifico medraram depressa no animo de Blaine, sempre disposto á politica da intervenção, de arrogancia e de quasi despotismo em relação aos outros paizes da America. Os especuladores do guano e dos nitratos fallaram-lhe de grandes lucros para o commercio americano e, entre a administração americana e os especuladores, houve accordos, combinações e arranjos muito suspeitos. Em resultado d'isto tudo, Blaine despachou para o Chile, como medianeiro de paz, Mr. Trescott, que levava como seu secretario Mr. Walker Blaine, filho do Secretario de Estado. O enviado extraordinario, em missão especial, levava instrucções de proteger a todo o transe os interesses dos homens dos guanos e dos nitratos e ordem para, esgotados os meios suasorios e de conciliação destinados a apressar a paz, dar um *ultimatum* ao Chile, impondo-lhe dentro de certo praso a retirada das suas tropas do territorio do Perú

e da Bolivia. Era a mais brutal intervenção, a mais injustificavel das prepotencias.

Mr. Trescott, em Lima e em Santiago, tinha-se posto de accordo com o ministro de França, e sua acção contra o Chile devia ser conjuncta com a da diplomacia franceza. Era interessada n'esta questão dos guanos uma grande casa judia, os Dreyfus, de París, de quem fôra advogado o então presidente da Republica Franceza, que os jornaes republicanos, n'esse tempo, chamavam ainda o integro Grévy, alguns annos antes do processo em que ficou provado que o seu genro Wilson tinha, no palacio do presidente, agencia montada de venda de empregos e condecorações.

Onde estavas ó doutrina de Monröe!? As duas grandes republicas do mundo achavam-se reunidas n'um esforço commum em rasão dos interesses pessoaes dos seus chefes. Os Estados Unidos, que são contra a ingerencia europêa em negocios americanos, associaram-se a uma nação europêa contra uma nobre republica sul-americana n'uma empreza de verdadeira extorsão.

N'este interim, n'uma estação de caminho de ferro, em Washington, ao lado de Blaine, caía assassinado pelo fanatico Guiteau o presidente dos Estados Unidos, o general Garfield. Em menos de vinte annos, dois presidentes dos Estados Unidos eram assim trucidados: Lincoln e Garfield.

O presidente assassinado foi substituido pelo vice-presidente Arthur. Diz-se que os principes herdeiros são em geral os chefes da opposição. Nas republicas, o vice-presidente é o inimigo natural do presidente effectivo. Quem é segundo é sempre contra quem é primeiro. Nas republicas sul-americanas, o vice-presidente acaba, quasi sempre, conspirando contra o presidente, muitas vezes depondo-o, a menos que, mais promptamente, o presidente em exercicio não supprima por qualquer fórma o seu rival. Nos Estados Unidos as cousas não chegam a este ponto, mas os vice-presidentes que têm assumido o governo têm feito sempre o contrario dos seus antecessores. A subida de Arthur foi um grande golpe para Blaine e para a sua politica. Emquanto o diplomata Trescott achava-se no Chile, fo-

ram pouco a pouco transpirando na liberrima imprensa americana, imprensa que atravessou mais de um seculo sem a menor coerção, imprensa que, mesmo durante a tremenda guerra civil, não soffreu grandes peias nem restricções,—as noticias vagas a principio e depois affirmativas e positivas do conluio de Garfield, de Blaine, e dos negociantes de New-York contra o Chile. Achava-se reunido o congresso, e nos Estados Unidos, o governo não ousa sonegar documentos nem esclarecimentos de certa ordem ao poder legislativo. A commissão dos negocios estrangeiros, da Casa dos Representantes, occupou-se da missão Trescott e, n'uma reunião, levantou-se o deputado democrata Perry Belmont que, com provas nas mãos, demonstrou a iniquidade e a vergonha do governo americano ir ser o procurador dos especuladores peruanos e americanos junto ao Chile. A impressão foi immensa nos Estados Unidos. O governo chileno, com uma audacia extraordinaria, mandou apparelhar os seus encouraçados, empenhados na guerra contra o Perú, á espera do *ultimatum* de Mr. Trescott. Viesse esse *ultimatum*, e

os navios de guerra chilenos partiriam para S. Francisco para vingar a affronta. O presidente Arthur, porém, poz um termo ao grande escandalo. Despediu Blaine do poder e substituiu-o pelo sr. Frelinghuysen. Este telegraphou logo a Trescott dizendo-lhe que se retirasse do Chile, e teve a franqueza de dar ao ministro chileno em Washington uma copia das instrucções de Blaine a Mr. Trescott. Deu-se então um incidente de um comico singular. O ministro dos negocios estrangeiros do Chile perguntou a Mr. Trescott se era verdade que elle tinha ordem de apresentar-lhe um *ultimatum*. Trescott negou a pés juntos. Então o ministro chileno mostrou-lhe a copia das proprias instrucções dadas a Trescott. Desmoronou-se tudo, e assim terminou, no opprobrio e na vergonha, a orgulhosa embaixada que os Estados Unidos mandaram ao Pacifico!

Blaine, porém, e o espirito de intrusão e de prepotencia diplomatica que existe em certos meios americanos, tiveram, annos depois, a sua desforra. Rompêra a guerra civil no Chile, e Blaine achava-se de novo na secretaria de estado, servindo d'esta vez

com o presidente Harrison, que mais tarde tambem o despediu. Os homens de grande superioridade intellectual são, nas republicas, pouco compativeis com a mediocridade dos circulos governamentaes. Desde o começo da guerra civil chilena, o ministro americano Patrick Egan, anarchista irlandez de mau nome, declarou-se em favor dos insurgentes, protegendo-os por todos os modos com quebra manifesta dos seus deveres. Como é sabido, os principaes chefes da revolução eram os homens mais ricos do Chile, grandes capitalistas, industriaes e banqueiros opulentos. Esta circumstancia explica talvez a singular attitude da legação americana. Derrotado e aniquilado o partido de Balmaceda, houve reclamações americanas, já por prejuizos soffridos, já por desacatos feitos a marinheiros americanos. O novo governo chileno, ainda em lucta com mil difficuldades, pediu um praso. A resposta que lhe deu o governo americano foi a ordem á esquadra de mandar alguns encouraçados a Valparaiso e um insolentissimo *ultimatum*. O governo chileno teve que ceder. Blaine tirou a sua desforra, e mais uma

vez o governo de Washington humilhou uma republica sul-americana.

Temos visto que não ha paiz latino-americano que não tenha soffrido as insolencias e ás vezes a rapinagem dos Estados Unidos. Para terminar, lembraremos dois factos acontecidos com o Paraguay e com Venezuela.

Em 1853 o Paraguay fez um tratado geral de commercio e navegação com os Estados Unidos. O senado americano não ratificou o tratado, mas apesar d'isso o governo de Washington nomeou seu consul no Paraguay o sr. Hopkins. Este senhor, apesar das suas funcções consulares, pretendeu logo, á moda americana, ganhar muito dinheiro em mil especulações. Embalde tentou levantar capitaes em Londres e em París. Teve então a idéa genial de comprar em New-York um navio em pessimo estado (não é de hoje que ali se vendem navios avariados!) e fel-o segurar por 60:000 dollars.

Este navio *naturalmente* naufragou na

viagem, e com o dinheiro do seguro Hopkins achou-se á testa do capital necessario para fundar a «Companhia do commercio e navegação do Paraguay».

Este consul tornou-se logo exigentissimo junto do governo paraguayo, e foi tão insolente que o governo de Assumpção cassou-lhe o *exequatur*. Para se ver livre de embaraços Hopkins declarou que a sua segurança pessoal estava ameaçada, assim como a dos seus compatriotas, e reclamou o auxilio do navio de guerra americano *Water Witch*, e este auxilio lhe foi dado. O sr. Hopkins, á testa de marinheiros armados, desembarcou e foi ao consulado buscar os papeis da tal companhia.

Estavam as cousas n'este pé quando a situação ainda mais se aggravou. O commandante da *Water Witch* quiz passar por um canal, cujo transito era prohibido aos navios. O forte de Itapiru fez alguns tiros de polvora secca para prevenir o americano. Este, porém, desprezou o aviso, e respondeu com uma descarga geral de bala contrá o forte, que por sua vez fez-lhe fogo vivo e certeiro que causou serias avarias a

Water Witch, onde morreram muitos marinheiros, mas e só então, o navio americano virou de bordo, desistindo do seu proposito.

O governo de Washington mandou contra o Paraguay uma esquadra de vinte navios e de dois mil homens de desembarque, para extorquir á pobre republica 1 milhão de dollars que lhe reclamava o sr. Hopkins. Esta esquadra custou ao governo perto de 7 milhões de dollars de despezas, e voltou de Montevideu graças á mediação do governo argentino, sendo celebrado um tratado em virtude do qual as reclamações de Hopkins foram sujeitas a uns arbitros, e estes declararam, como não podiam deixar de declarar inteiramente phantasticas as reclamações do consul americano.

O Paraguay, porém, não obteve reparação alguma pela violação do seu territorio commettida pelo agente americano[1].

O facto com Venezuela é tambem caracteristico. O governo americano tinha uma

---

[1] Calvo, *Droit international théorique et pratique*, § 1268.

porção de reclamações contra Venezuela, a proposito de prejuizos soffridos por cidadãos americanos durante as guerras civis venezuelanas. Pela convenção de 25 de abril de 1866 foi nomeada uma commissão mixta que, em 1868, deu sentença contra Venezuela, obrigando esta a pagar dollars 1.253:310.

Verificou-se mais tarde que o commissario americano David M. Talmage, e que o ministro americano em Caracas, ajudados pelo americano William P. Murray, formaram uma sociedade para ganhar dinheiro com o negocio, já defraudando os proprios reclamantes americanos, exigindo-lhes 40 e 60 por cento das indemnisações concedidas, já prejudicando o governo de Venezuela, admittindo reclamações fraudulentas, augmentando mesmo estas reclamações para mais folgadamente poderem os reclamantes pagar-lhes as percentagens. Isto ficou provado perante a commissão dos negocios estrangeiros do senado americano em 1878 [1].

---

[1] *Defensa de los derechos de Venezuela.* Caracas, 1878.

Ainda ultimamente desembarcou em New-York um general venezuelano que, como governador de um estado, era accusado de ter causado certo prejuizo, em Venezuela, a um cidadão americano.

Contra todas as leis, este general foi preso a pedido do americano e sujeito em processo por um acto de governo praticado na sua patria!

Não ha nação latino-americana que não tenha soffrido das suas relações com os Estados Unidos.

Demonstrado isto, voltemos de novo a fallar do que têm sido as relações entre o Brazil e os Estados Unidos.

II

Já mostrámos, de passagem, a frieza com que no seculo passado Jefferson acolheu a idéa da independencia do Brazil, e o proceaimento indigno do governo de Washington denunciando ao governo portuguez as aberturas dos revoltosos de Pernambuco em 1817. Vimos a demora no reconhecimento da nossa independencia, vimos o mi-

nistro americano no Rio fazendo causa commum com a violencia do governo de Carlos X contra o Brazil e, de passagem, alludimos ás intrigas americanas em favor de Lopez e contra o Brazil, a Republica Argentina e o Uruguay.

N'esses conflictos, porém, o amor proprio brazileiro sempre saíu vencedor, porque de um lado estava a integridade dos nossos homens de estado, e do outro a diplomacia flibusteira e gananciosa dos Estados Unidos. O ministro americano Washburn, que tanto intrigou contra o Brazil no acampamento paraguayo, trahiu por fim os seus amigos Lopez e madame Lynch, que o accusavam de ter desencaminhado valores que lhe haviam confiado em deposito.

Washburn escreveu um livro, que é a sua condemnação[1], e, ao mesmo tempo, a prova de que aquelle diplomata americano, como todos aquelles com quem nos encontrarmos n'este trabalho, votaram aversão especial ao Brazil. Da propria narrativa de Washburn (vol. II, pag. 180) tira-se a pro-

[1] **Washburn,** *History of Paraguay,* 2 vols.

va da veracidade da accusação de espionagem que era feita contra elle.

Adiante (pag. 558) confessa que os valores lhe foram realmente entregues por madame Lynch, que estiveram na sua casa guardados, mas que elle, Washburn, ignora o seu paradeiro, suppondo que foram enterrados algures (!).

O exercito brazileiro e a armada são cobertos de ridiculo e de calumnias pelo ministro americano.

A batalha de Riachuelo é descripta como uma cousa vergonhosa para nós (pag. 10, vol. II), e Caxias é vilipendiado.

As indelicadezas, as incorrecções, as faltas de Washburn foram tão graves, que os officiaes da marinha americana que se achavam no Paraguay, romperam com elle. Washburn ataca-os com violencia, qualificando de «perversa e de anti-patriotica» a attitude dos officiaes superiores, seus compatriotas (pag. 467, vol. II).

Depois de Washburn veiu Mac-Mahon, cuja amisade pelo *ménage* Lopez-Lynch foi sempre firme. Mac-Mahon e Washburn dizem-se cousas bem desagradaveis nos seus

escriptos posteriores. Só estão de accôrdo nas injurias contra os brazileiros.

Esta polemica fez escandalo nos Estados Unidos, e o governo abriu um inquerito em que figuravam Washburn, Mac-Mahon, os officiaes Davis, Kirkland, Ramsey e dois aventureiros Bliss e Masterman. Toda a gente injuriou-se no inquerito, fizeram-se graves accusações uns aos outros, sendo uma verdadeira vergonha aquella lavagem official de roupa suja, aquella briga de ministros com almirantes, de almirantes com ministros, etc.[1]

Durante a guerra do Paraguay o ministro americano general Mac-Mahon, em desprezo de todos os usos internacionaes, escrevia para os jornaes americanos[2] artigos diffamatorios dos alliados. Dizia: Que Lopez era innocente das crueldades que calumniosamente lhe imputavam os alliados, que as centenas de mortes attribuidas a Lopez tinham sido perpetradas pelos brazileiros,

---

[1] *Paraguayan Investigation.* Report of Comittee of Foreign affairs.

[2] Vide *Harper's New Monthly Magazine*, vol. XL.

emquanto os paraguayos trabalhavam nas trincheiras [1]; que o povo brazileiro era fraco e effeminado [2]; que o seu exercito (a cuja cobardia o diplomata americano constantemente allude) era composto de escravos e galés [3]; que a «honra nacional» como nós a entendemos na zona torrida é cousa bem diversa da honra nacional americana, etc., etc.

Entretanto os factos eram os factos, e,

---

[1] Vide *Harper's New Monthly Magazine*, vol. XL, pag. 423.

[2] Ibidem, pag. 428.

[3] Ibidem.

Segundo um correspondente do *Paiz* de New-York, este nosso velho inimigo voltou agora á scena n'uma circumstancia humilhante para o Brazil.

«O United States Service Club recebeu solemnemente o almirante Benham. O discurso de felicitação foi proferido pelo general mr. T. Mac-Mahon, muito conhecido no Brazil como amigo particular de Solano Lopez e nosso implacavel diffamador durante a guerra do Paraguay.

«Eis o discurso: «Almirante. Preferiria nada dizer para não collocar-vos na contingencia de fazer um discurso, o que será para vós uma prespectiva terrivel; entretanto é necessario que eu exprima a satisfação de vos ver entre nós, e vos

sendo innegaveis as victorias brazileiras, o americano nosso inimigo explicava o successo das armas brazileiras pela seguinte fórma:

«D. Pedro, no modo por que tem dirigido a guerra, dá a melhor prova da sua extraordinaria habilidade; é um rei sabio e perfeito. E alem d'isso, está cercado de conselheiros que, se tivessem a honestidade commum que só a nossa raça saxonia dá

---

manifeste quanto nos encheis de justo orgulho, não só como cidadão americano como na qualidade de official da nossa armada. O vosso procedimento no Brazil foi inspirado pelo dever em honra da nação e da sua bandeira. Que elle era indispensavel, posso affirmal-o pela experiencia pessoal de um quarto de seculo. Era necessario para convencer aquelles amigos nossos (se são com effeito amigos) que a nação americana nada perdeu ainda do seu prestigio, que será mantido sempre á face do mundo inteiro. O vosso proceder demonstrou que o direito internacional das relações do nosso paiz não póde ser desrespeitado impunemente. As republicas sul-americanas devem ser-nos agradecidas pelo que fizemos e estamos fazendo por ellas, ou antes, pela humanidade, com o exemplo que lhe damos.»

«O almirante respondeu: «Do fundo do cora-

aos individuos como aos governos (!), poderiam ser collocados ao par dos primeiros estadistas do nosso tempo. Isto dá grande força á diplomacia do Brazil, emquanto que a habilidade dos seus financeiros tem-lhe permittido o manter illeso o seu credito.»

Washburn teve varias conferencias com o general em chefe do exercito alliado, o marquez de Caxias, e diz cynicamente

---

ção agradeço-vos a cordial recepção que me fazeis. Quanto ao meu procedimento no Brazil e aos effeitos que elle tenha produzido, penso que, sem contestação, concorreu para tornar-nos bons amigos d'aquelle paiz. *Esta amisade baseia-se no respeito, e talvez em alguma cousa mais.* (That friendship is founded on respect with perharps a little tinge of something else)».

«Estas palavras, diz o correspondente do *Paiz*, provocaram uma tempestade de applausos e gargalhadas.

«Seguiram-se os *cocktails* do estylo e um grande brodio, em que foi nota dominante do *humor yankee* a pilheria do almirante, considerada genuina e rude expressão da verdade.»

Eis como um almirante americano diz dever ser a amisade do Brazil para com os Estados Unidos. Respeito e... alguma cousa mais, isto é, medo e subserviencia!

que, em troco de uma grande quantia, Lopez devia acceitar a paz nas condições que o Brazil queria. Nos archivos do ministerio da guerra, no Rio de Janeiro, ha officios do marquez de Caxias bem pouco honrosos para Washburn[1].

Não foi só pela corrupção que a diplomacia norte-americana se distinguiu. Fallámos já da violação do territorio maritimo do Brazil por um navio de guerra americano. Vejamos as particularidades do facto.

No mez de outubro de 1864, o vapor confederado *Florida* e o navio federal *Wachusset* achavam-se ancorados no porto da Bahia. O primeiro d'esses navios, que tinha entrado no porto para concertar as suas avarias e para tomar viveres, recebeu a ordem, que executou, de se collocar ao lado da corveta brazileira *Dona Januaria*. Na manhã do dia 7 de outubro, o navio federal ame-

---

[1] Officios de Caxias ao ministro brazileiro em Buenos Ayres, de 13 de março de 1867; idem de 15 do mesmo mez e anno ao ministro da guerra.

ricano deixou o seu ancoradouro e approximou-se do *Florida*. Ao passar pela proa da corveta brazileira, recebeu ordem de voltar para o seu ancoradouro. Esta ordem foi desobedecida e, momentos depois, ouviam-se tiros trocados entre os dois navios americanos. O commandante brazileiro mandou um official a bordo do *Wachusset*, e o commandante d'este vaso de guerra prometteu ao official nada tentar contra o *Florida*. Faltando indignamente á sua promessa, o commandante americano tomou repentinamente a reboque o *Florida* e foi saíndo com elle fóra do porto sem dar tempo ao navio brazileiro, que confiára na palavra de um militar, de oppor-se ao attentado. O que augmenta ainda a revoltante deslealdade é que o consul americano na Bahia tinha dado sua palavra de honra ás auctoridades brazileiras de que o *Wachusset* respeitaria a neutralidade do territorio do Brazil e, na occasião em que o attentado foi commettido, o consul estava a bordo do *Wachusset*. O commandante do *Florida*, confiando na neutralidade do Brazil e na palavra do commandante americano, tinha deixado des-

embarcar quasi toda a sua marinhagem e, aproveitando-se d'isso, o *Wachusset* traiçoeiramente o atacou.

O governo de Washington deu todas as satisfações possiveis ao Brazil, mas commetteu a indelicadeza final de mandar pôr a pique o *Florida* no porto de Hampton Roads, para não entregal-o ao Brazil, e depois disse officialmente, que um incidente imprevisto tinha causado a perda do *Florida*.

Outro facto:

Em 1842 a barca peruana *Carolina,* em consequencia de grossas avarias, arribou ao porto de Santa Catharina. Não havia ali consul peruano, e as auctoridades nomearam uma commissão de exame que condemnou o navio, o qual por isso foi vendido de conformidade com as leis commerciaes brazileiras.

O navio estava seguro em New-York e em Philadelphia, e as companhias accionaram perante os tribunaes do Brazil o capitão americano, accusando-o de ter obtido por fraude a condemnação. A condemnação foi revogada e a venda annullada, mas

o capitão tinha desapparecido com o dinheiro.

Um certo Wells, antigo consul americano demittido por indelicadezas no exercicio do seu emprego, comprou os direitos das companhias de seguros e intentou uma acção contra o governo do Brazil. O governo americano transmittiu a reclamação ao ministro dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, mas o governo brazileiro, com toda a rasão, recusou-se a pagar, e o governo americano, que então luctava com as difficuldades da guerra civil, recommendou até ao seu ministro que não levasse as cousas por diante. Era ministro americano no Rio o sr. Webb, que por essa occasião reconheceu a injustiça da reclamação.

Ora em 1867 o sr. Webb mudou de opinião e, depois de se ter encontrado com Wells, nos Estados Unidos, o ministro começou a fazer exigencias, e no momento em que ía saír um paquete para a Europa o sr. Webb ameaçou romper as suas relações diplomaticas com o governo do Brazil se este não pagasse. O governo arcava então com as grandes difficuldades da guerra do

Paraguay e temeu o mau effeito que produziria na Europa a noticia de um rompimento com os Estados Unidos. Pagou, mas debaixo de protesto, a quantia de £ 14:252 ao cambio de 16, taxa que n'aquella epocha se considerava desastrosa, porque ainda não se tinham visto os cambios de 10, de 9 e 8 $^{3}/_{4}$ que fazem hoje a gloria das finanças republicanas.

Em 1872, o ministro do Brazil em Washington, sr. Carvalho Borges, solicitou da Secretaria d'Estado um novo exame da questão, e o advogado do governo americano opinou que o Brazil tinha sido victima de uma extorsão, e que a quantia lhe devia ser restituida com os respectivos juros.

De conformidade com esse parecer, o governo americano mandou entregar á legação brazileira a quantia de £ 5:000. Faltavam pois £ 9:252 que a legação reclamou, pois Webb tinha recebido £ 14:252, conforme mostrou com recibo do proprio Webb. Este diplomata tinha desviado, pois, £ 9:252, de cujo paradeiro não pôde dar conta. Só em 1874 é que finalmente o go-

verno de Washingtou reembolsou o Brazil da quantia total[1].

Não foi esta a unica reclamação de dinheiro que, com mais violencia que rasão, nos fizeram os americanos, alem das reclamações de Raguet e Tudor.

Em 1849, o governo brazileiro viu-se constrangido a ceder a uma nova e importante reclamação feita então pelo ministro americano David Tod. Adiante veremos a justiça e a moralidade d'essa reclamação. O facto, porém, é que a 20 de janeiro de 1850 foi ratificada uma convenção americano-brazileira pela qual o Brazil pagava aos Estados Unidos quinhentos e trinta contos (530:000$000 réis) que o governo americano distribuiria entre os reclamantes.

David Tod exultou. A 23 de agosto de 1840 escrevêra ao seu governo: «Quanto mais examino este assumpto e reflicto sobre elle mais me convenço de que este negocio foi muito satisfactorio e a quantia

[1] **Calvo,** *Droit international théorique et pratique,* § 1269.

recebida muito sufficiente para serem pagos todos os reclamantes». Tod, porém, orgão dos reclamantes negociantes americanos do Rio, insistia para que a distribuição fosse feita no Rio e não em Washington debaixo das vistas do governo americano [1].

O ministro Tod e os americanos do Rio não conseguiram, porém, que o commissario encarregado de distribuir esse dinheiro viesse fazer este trabalho ao Rio de Janeiro. O governo americano nomeou para essa commissão o sr. Geo. P. Fisher, e o relatorio d'este funccionario é curiosissimo. D'esse relatorio vê-se que os reclamantes americanos, em regra, não podiam apresentar prova nenhuma dos seus direitos, que eram na maior parte phantasticos.

Depois de, durante dois annos, ouvir todas as reclamações o commissario Geo. P. Fisher dizia: «A quantia paga pelo governo do Brazil, em virtude da convenção de 1849, foi de 500:000$000 réis que perfizeram 300:000 dollars.

---

[1] U. S. House of Representatives docs. 31st. Congress vol. 7. Doc. 19.

«Ora, pagas as quantias que já foram attribuidas e as quantias reclamadas restará um saldo de 130:000 a 150:000 dollars, isto é, mais ou menos, metade do que o Brazil pagou.

«Acho que o nosso governo vae ficar em posição esquerda em relação ao governo do Brazil, que terá rasão de se queixar da injustiça que soffreu.[1]»

Este documento, melhor do que qualquer outra demonstração, prova a conscia má fé com que foram feitas as reclamações norte-americanas.

Nos paizes sul-americanos, e alguns ha onde, apesar das revoluções, os cargos de ministro são occupados por homens instruidos e conhecedores da historia diplomatica, ha uma grande prevenção contra a politica absorvente, invasora e tyrannica da diplomacia norte-americana. A ultima vez que foi ministro de negocios estrangeiros do Brazil o visconde de Abaeté, este estadista

---

[1] U. S. House of Representatives docs. Congress 32. Sess. I. 1851–52, vol. 6, doc. n.º 75.

teve noticia de que se tramava em New-York uma expedição de flibusteiros contra o Pará e o Amazonas e, se a legação brazileira em Washington não contrariasse activamente a conspiração, talvez chegasse a se reproduzir no valle do Amazonas um novo attentado, igual ao da expedição do pirata Walker contra a America Central.

Estas pretensões americanas sobre o Amazonas tornaram-se então ameaçadoras. Em seguida á exploração feita no grande rio pelo tenente Herndon, da marinha americana (que aconselhára aos brazileiros o uso da força para os indios, em vez da catechese)[1] começou a agitação americana a proposito do Amazonas.

Foram despachados agentes diplomaticos para o Perú e para a Bolivia, com o fim de levantarem os governos d'aquelles paizes contra o Brazil e de os aconselharem a pedir o *auxilio* dos Estados Unidos.

O celebre geographo e meteorologista americano Maury escreveu um violento

[1] Vide **Herndon**, *The Valley of the Amazon.*

pamphleto contra o Brazil[1] que foi victoriosamente respondido por De Angelis[2]. Fallava Maury, não na conveniencia que o Brazil teria com a abertura do Amazonas á navegação, mas no *direito* dos Estados Unidos de nos forçarem a isso.

As intrigas americanas não foram bem recebidas no Perú, mas a Bolivia hesitou um pouco, e tanto bastou para começar nos Estados Unidos a conspiração flibusteira a que alludimos.

Preparava-se evidentemente uma invasão armada do Amazonas quando o ministro do Brazil em Washington interpellou n'uma nota positiva o governo americano, perguntando-lhe se seria permittida tal pirataria.

O Secretario d'Estado, respondendo ao ministro[3] que tão opportuna e energicamente reclamava pelos interesses do Bra-

---

[1] *The Amazon and the Atlantic slopes of South America.* Washington, 1853.

[2] *De la navegacion del Amazonas.* Montevideu, 1854.

[3] O sr. barão do Penedo.

zil, respondeu por duas vezes[1] que «os funccionarios da União, *com conhecimento de causa,* não facilitariam a partida de nenhum navio que fosse violar as leis do Brazil», e que «a empreza que tivesse por fim forçar a entrada do rio seria illegal e implicaria violação dos direitos do Brazil, e que, se algum cidadão da União tivesse a temeridade de intental-a, sobre elle caíria o rigor da lei».

Declarações igualmente categoricas tinha já feito o governo americano ao Mexico em relação ao Texas, e devia mais tarde fazel-as á America Central, e estas declarações não impediram os attentados que conhecemos.

O governo do Brazil não diminuiu a sua vigilancia, denunciou mais de uma conspiração planeada por Maury, official da marinha americana e funccionario publico, e por seus companheiros. Uma vez esteve apparelhada uma expedição, e só á ultima hora foi detida em Sandy Hook á saída do porto de New-York.

---

[1] Notas de 20 de abril e de 23 de setembro de 1853.

Todos estes americanos, nos seus escriptos, fallavam muito dos interesses commerciaes dos Estados Unidos nos seus capitaes immensos que estavam anciosos por um emprego no Amazonas. Chegou o momento das circumstancias da politica permittirem a decretação da liberdade da navegação, e não appareceram os taes capitaes americanos. Os magnificos vapores que hoje sulcam o Amazonas são os de uma companhiaingleza que tem sido o maior propulsor do progresso e do enriquecimento da região amazonica. Isto, porém, não quer dizer que os americanos não tenham mais vistas sobre o grande rio sul-americano.

O general Grant, n'um discurso pronunciado em 1883, n'uma recepção ao general mexicano Porfirio Diaz, chegou a dizer que os Estados Unidos necessitavam de tres cousas sómente, porque o resto tudo tinham no seu paiz. As tres cousas eram: café, assucar e borracha. E o general disse: *Seja como fôr,* havemos de ter café, assucar e borracha.

O general accentuou bem a phrase *Seja como fôr (by any means)*, e no Mexico esta

phrase foi tomada quasi como uma ameaça. O problema do assucar estava até certo ponto resolvido pela absorpção das ilhas Hawaï, que, embora não admittidas na União americana, estão, para todos os fins praticos, como que annexadas aos Estados Unidos;

O café, julgava o general Grant que viria com o Mexico;

A borracha, para têl-a, é preciso ter o Amazonas.

No Hawaï a usurpação americana foi simples e rapida. A raça indigena, isto é, perto de um milhão de habitantes, raça que tem a brandura de indole propria de todo os polynesios, havia perto de um seculo que ía sendo educada por missionarios de varias nações, e tinha chegado já a um grau de civilisação que lhe permittiu o constituir um governo regular. Ha no archipelago uns quinhentos americanos e uns seis ou oito mil portuguezes. Pois bem, os americanos, auxiliados por um vaso de guerra do seu paiz, expelliram do governo os indigenas, e, fazendo desembarcar tropa, tomaram conta de todo o paiz, excluindo in-

teiramente os hawaïanos de toda a administração de sua terra. Os governantes americanos, impostos pelas bayonetas, decretaram a federação com os Estados Unidos tal qual queriam talvez os insensatos brazileiros que em 1834 apresentaram um projecto analogo na Camara dos Deputados. O Congresso de Washington não quiz a annexação do Hawaï, mas ficou aquelle paiz sempre governado pelos americanos. Esta grande e clamorosa iniquidade, este abuso da força, não encontra justificativa.

Os empregados publicos e jornalistas officiaes e officiosos que escrevem no Brazil, dizem-se muito enthusiasmados pela amisade dos Estados Unidos, e facilmente conseguirão talvez illudir a boa fé dos brazileiros.

A politica internacional dos Estados Unidos é egoistica, arrogante ás vezes, outras vezes submissa, segundo os interesses da occasião. E, em todo o caso, ella nunca se deixa guiar por sentimentalismos de fórma de governo.

Durante a guerra franco-prussiana, depois de 4 de setembro, isto é, depois da proclamação da republica, quando a Fran-

ça continuava a arcar com o inimigo allemão, os Estados Unidos manifestaram, por todas as fórmas, as suas sympathias pelo imperio teutonico contra a republica latina. A realeza e a aristocracia européas têm um immenso prestigio nos Estados Unidos. Toda a ambição da enorme colonia americana na Europa é approximar-se das côrtes. Não ha familia americana de alguma fortuna que não tenha, nos seus pratos ou nas suas colhéres, algum brazão, um mote nobiliarchico, um elmo ou qualquer outra cousa heraldica. É com desvanecimento que ellas querem, á força, ligar os seus appellidos obscuros aos nomes fidalgos do Reino Unido, pretendendo sempre descender da nobreza. O livro da nobreza ingleza *Burke's Peerage and Baronetage* é sabido de cór pelas senhoras americanas, cuja maior ambição é sempre casar com fidalgos europeus, ir viver na Europa, deixando o velho Uncle Sam, lá do outro lado do Atlantico.

Essa tendencia admirativa em relação a todos os *ouropeis da realeza* provém, de certo, de que, a muitos respeitos, os Estados Unidos são ainda uma colonia. A civi-

lisação vem-lhe da Europa, e por isso o americano, desde o mais rude até ao homem mais eminente, pergunta sempre ao estrangeiro: Então o que acha d'este paiz? Tal qual como o *parvenu* enriquecido gosta de mostrar a sua casa, os seus carros, ao homem de boa sociedade e, dando a beber ao *gentleman* elegante os seus vinhos preciosos, pergunta-lhe com insistencia: Então, que tal acha?

Ora, as americanas entendem que o fidalgo é mais competente em materia de elegancia e de apuro social do que qualquer outro individuo. D'ahi a preferencia das americanas pelas nações aristocraticas da Europa. Isto quanto aos individuos. Quanto ao governo, tambem não ha duvida que os Estados Unidos são mais amigos de Inglaterra e da Allemanha, apesar da França ser republica.

E esta preferencia pela Allemanha, por parte do governo americano, chegou até á brutalidade por occasião da guerra franco-prussiana. O ministro americano em Berlim, Bancroft, homem illustre por seu saber, o que é rarissimo entre a diplomacia ame-

ricana, que é ordinariamente a escoria da politicagem, privava com o Imperador Guilherme e com Bismarck, e a sua attitude foi sem generosidade e sem tacto. Acompanhou o Rei da Prussia em campanha, e os seus despachos para Washington, publicados pouco depois, eram insultuosos para a França. Girando ao redor das negociações de armisticios e de paz, foi sempre um servidor zeloso da Allemanha. O general americano Sheridan julgou-se talvez muito honrado com ser admittido como ajudante de ordens do principe Frederico Carlos, e tomou parte em toda a campanha, prestando bons serviços ao exercito allemão. Sheridan era um americano notavel, um illustre general, e com elle serviram contra a republica franceza grande numero de officiaes norte-americanos. E o general Grant? Esse, era presidente dos Estados Unidos, e n'uma mensagem ao congresso americano em 1870, felicitou a Allemanha pelas suas victorias, e mostrou-se jubiloso com a derrota da França.

Foi a 7 de fevereiro de 1871, isto é, seis mezes depois da quéda de Napoleão III,

contra quem o governo americano podia ter resentimentos em rasão da guerra mexicana, foi seis mezes depois da proclamação da republica em França, que o presidente Grant expediu a sua celebre mensagem ao Congresso, mensagem insultuosapara a França, e em que exaltava o governo livre da Allemanha e approvava a guerra de 1870, e a consequente annexação da Alsacia e da Lorena. Dias depois, Grant, recebendo o ministro da Allemanha, disse-lhe que o governo americano não podia deixar de sympathisar com a Allemanha na lucta que ella acabava de sustentar, e por esse tempo Bancroft escrevia a Bismarck felicitando-o pela sua obra «destinada», dizia o americano «a rejuvenescer a Europa». Todas estas baixezas que tinham um mesquinho fim eleitoral, isto é, ganhar os votos dos allemães nos Estados Unidos, ficaram immortalisadas por Victor Hugo, que perguntava:

Est-ce donc pour cela que vint sur sa frégate
Lafayette donnant la main à Rochambeau? [1]

[1] Certes, que le Peau Rouge admire le Borusse.
C'est tout simple; il le voit aux brigandages prêt

Esta inqualificavel grosseria, esta quebra dos usos da mais comesinha urbanidade entre as nações, esta falta de generosidade, envergonharia de certo a sombra dos grandes homens que fundaram os Estados Unidos, que fizeram a sua independencia com o auxilio da França, e que junto aos muros de Yorktown foram os companheiros de Lafayette e de Rochambeau. Quando, annos depois, o general Grant fez uma viagem ao redor do mundo, quiz em París apartár-se um pouco do que aconselha o Bædeker,

---

Fauve atroce; et ce bois comprend cette forêt;
Mais que l'homme incarnant le droit devant l'Europe,
L'homme que de rayons Colombie enveloppe
L'homme en qui tout un monde héroïque est vivant,
Que cet homme se jette a plat ventre devant
L'affreux sceptre de fer des vieux âges funèbres
Qu'il te donne, ó Paris, le soufflet des ténèbres,
....
Qu'il montre à l'univers sur un immonde char
L'Amérique baisant le talon de César,
Oh! cela fait trembler toutes les grandes tombes!
Cela remue, au fond des pâles catacombes,
Les os des fiers vainqueurs et des puissants vaincus!
Kosciusko frémissant réveille Spartacus;
Et Madison se dresse et Jefferson se lève;
Jackson met ses deux mains devant ce hideux rêve;
«Déshonneur!» crie Adams; et Lincoln étonné
Saigne, et c'est aujourd'hui qu'il est assassiné.
....

guia dos viajantes, e desejou ver Victor Hugo. Sem duvida havia chegado aos ouvidos de Grant o nome do poeta das *Orientaes*, embora, ignorante como era o general, de certo nunca tivesse lido um só verso

---

Bancroft, este fica para sempre immortalisado pela extraordinaria ode que o poeta lhe dedicou:

Bancroft

Qu'est ce que cela fait à cette grande France?
Son tragique dédain va jusqu'à l'ignorance,
Elle existe et ne sait ce que dit d'elle un tas
D'inconnus, chez les rois ou dans les galetas.
Soyez un va nu pieds ou soyez un ministre,
Vous n'avez point du mal la majesté sinistre;
Vous bourdonnez en vain sur son éternité.
Vous l'insultez. Qui donc avez-vous insulté?
Elle n'aperçoit pas dans ses deuils ou ses fêtes,
L'espèce d'ombre obscure et vague que vous êtes.
Tâchez d'être quelqu'un. Tibère, Gengiskan
Soyez l'homme fléau, soyez l'homme volcan,
On examinera si vous valez la peine
Qu'on vous méprise. Sinon, allez-vous en. Un nain
Peut à sa petitesse ajouter son venin
Sans cesser d'être un nain et qu'importe l'atome?
Qu'importe l'affront vil qui tombe de cet homme?
Qu'importent les néants qui passent et s'en vont?
Sans faire remuer la tête énorme, au fond,
Du désert où l'on voit rôder le lynx féroce,
Le stercoraire peut prendre avec le colosse
Immobile à jamais sous le ciel étoilé,
Des familiarités d'oiseau vite envolé.

Vid. **Aron**, *Les républiques sœurs.*

do vate immortal. Mandou pedir uma audiencia. Foi terrivel a colera do velho Hugo. Em termos violentos, disse ao enviado de Grant, que nunca receberia similhante miseravel alarve *(un tel goujat)*. Este episodio da vida de Victor Hugo é bem differente da convivencia do Imperador do Brazil com o auctor de *Notre Dame de Paris*.

Outro facto:

Em 1891 (o caso foi publicado e discutido), o capitão Borup, addido naval dos Estados Unidos em París, foi surprehendido em flagrante espionagem feita a favor da Allemanha. Ficou verificado que documentos que este diplomata americano solicitou para o seu governo do ministerio da guerra francez ella os communicou traiçoeiramente á Allemanha.

Em 1883, fallecendo nos Estados Unidos o chefe socialista allemão, Lasker, o congresso de Washington, no mesmo anno em que eram presos e enforcados os socialistas de Chicago, mandou uma mensagem de pezames pela morte de Lasker, ao Reichstag allemão, e n'essa mensagem elogiavam-se

as idéas e os serviços do socialista. O Congresso achava muito bons na Allemanha os mesmos principios que o governo americano perseguia no seu territorio.

O governo allemão devolveu a mensagem estranhando-a, o que não deixou de envergonhar os seus auctores. Por essa epocha, havia o celebre conflicto entre os Estados Unidos e a Allemanha, porque esta recusava receber a carne de porco infeccionada de trichina que lhe vinha da America, e Bismarck declarou que não trataria mais com um tal Mr. Sargent, ministro americano em Berlim, que se tinha mostrado incorrecto e inconveniente. A moralidade de tudo isto é que a subserviencia do governo americano á Allemanha em 1870–1871 não conquistou a estima do governo do Imperador Guilherme.

Não foi sómente n'aquella epocha que houve americanos enthusiastas pelo vencedor e pelo mais forte. Na guerra da China, em 1859, uma esquadra americana, neutra, pois a expedição contra a China era anglo-franceza, estava ancorada no Peiho, quando a 25 de junho d'aquelle anno, houve com-

bate entre os belligerantes. Inesperadamente, sem motivo nem aviso, os navios neutros americanos, ao mando do commodore Tattnal, romperam fogo contra os chins. Esta deslealdade não teve outro motivo se não o desejo de figurar, foi um *sport*. É verdade que, com chins não fazem os americanos grandes ceremonias. Os pobres chins são lynchados nos Estados Unidos sem nenhuma fórma de processo, sendo até ás vezes queimados vivos. Nem com elles ha respeito pela fé internacional. Os Estados Unidos obtiveram da China um tratado de amisade, commercio e navegação, em virtude do qual era livre a entrada e saída dos chins e dos americanos, reciprocamente, nos dois paizes. Pois, não obstante a solemnidade d'esse compromisso nacional, o congresso americano votou uma lei prohibindo a entrada dos chins nos Estados Unidos. Não teria mais audacia na quebra da palavra da nação, a mais machiavelica chancellaria carunchosa da Europa decrepita.

A politica americana, em relação aos indios que ella ainda não acabou de exterminar, é uma politica de ferocidade inacredi-

tavel n'este final do seculo XIX. Os documentos officiaes que se referem á administração dos indios são tragicos[1].

Os inqueritos successivos têm demonstrado que o roubo é a regra, quasi sem excepção, na tracto do governo americano com os indios. O governo falta com cynismo á fé dos tratados, mata os indios a fome e a tiro, rouba-lhes as terra, onde os installa. Os empregados na administração dos indios são de uma deshonestidade proverbial nos Estados Unidos. Não ha uma voz que conteste isto, e ha muitos livros americanos em que as particularidades d'esta longa campanha de sangue, de morticinio, de roubo e de incendio vem miudamente narrados[2].

A historia dos tratados dos Unidos Unidos com os paizes do Extremo Oriente está cheia de imposições violentas, de trapaças

---

[1] *Official Reports of the war department or the department of the interior.*

[2] Resume muito bem esta questão e confirma com mil casos o que dizemos, o seguinte livro: *A century of Dishonour* by H. X. London, 1881. 8.º

e de actos de má fé. Os americanos têm sido na China os maiores contrabandistas de opio, e é pessima a sua reputação. Em 1828 o governo chim expediu um decreto especial contra as fraudes norte-americanas. Esse decreto foi a resposta dada a uma supplica dos negociantes americanos de Cantão. Vejâmos o tom em que aquelles orgulhosos republicanos se dirigiam ao vice-rei de Cantão:

«Prostrados», diziam elles, «prostrados aos pés de v. ex.ª supplicamos-lhe que se digne lançar as suas vistas sobre nós, e estender até nós a sua compaixão...[1]»

«Não ha melhor prova da exageração das reclamações americanas contra a China, diz o americano James A. Whitney[2], do que o facto da somma que a China nos pagou ultrapassar as exigencias dos reclamantes ao ponto de um grande saldo estar ainda no thesouro americano sem haver quem o reclame. E é preciso lembrar», continúa o

[1] **Quarterly Review**, vol. LXII, pag. 150.

[2] **James A. Whiteney**, *The Chinese and the Chinese Question*, New York, 1880, pag. 41.

mesmo auctor, «que as reclamações originaram-se de prejuizos reaes ou suppostos que os americanos diziam ter soffrido em 1856, por occasião do bombardeio de Cantão pelas forças inglezas ou dos trabalhos de defeza então effectuados pelo governo chim. E deve-se lembrar ainda que o nosso proprio governo virtualmente sympathisava com o bombardeio. Dois annos depois, um official da nossa esquadra, embora estivessemos em paz com a China, secundou a acção dos inglezes contra as fortificações da embocadura do Peiho. Cinco annos depois, estando nós ligados á China por um tratado de paz e amisade, dois navios americanos e quatro lanchas quizeram, á força, levantar carta de um canal. Os americanos já estavam preparados para uma recusa por parte dos chins, o que era muito justo e natural. Os chins oppozeram-se, mas os canhões americanos impozeram silencio ás baterias de terra, e alguns dias depois, cinco dos fortes chinezes foram arrazados pelos navios americanos, sendo mortos 250 chins.

«Quanto ao perigo que correram as nos-

sas forças, faça-se facilmente uma idéa d'elle dizendo que perdemos tres homens.»

Ao Japão os Estados Unidos extorquiram um tratado, e assim foi nas ilhas Samoa onde os americanos não só acceitaram uma especie de protectorado ou comdominio conjuncto com a Allemanha e a Inglaterra, como tomaram aos indigenas parte da ilha de Tutuila, como deposito de carvão. Assim foi em Sião e em Madagascar, paizes onde a industria americana quer introduzir os seus productos de fancaria, falsificando as marcas, e, a despeito das convenções internacionaes, rotulando, como inglezes, os seus algodões inferiores e outros productos de manufactura disfarçados fraudulentamente.

Tratados de commercio! Eis-ahi a grande ambição norte-americana, ambição que não é propriamente do povo, mas sim da classe plutocratica, do mundo dos monopolisadores que, não contentes com o mercado interno de que elles têm o monopolio contra o estrangeiro, em virtude das tarifas prohibitivas nas alfandegas, em detrimento do pobre que se vê privado de grande be-

neficio que a concorrencia universal lhe traria com o forçado abaixamento dos preços. Esta classe plutocratica governa o povo americano com muito mais rigor e tyrannia do que o Czar da Russia emprega na suprema direcção de seu povo. Ella suga a seiva americana, e, praticamente, pelo poder do oiro, tem privilegios reaes e positivos muito maiores do que os da nobreza e do clero na Europa, nos tempos passados. A millionocracia domina os caminhos de ferro, as docas, as fabricas e, das sobras dos seus proventos, tira com que governar, e subsidiar e converter em seus servos obedientes todos os politicos dos Estados Unidos, paiz unico na historia do mundo em que a simples designação de *politico (politician)* tornou-se, com muita e muita rasão, uma verdadeira injuria.

Os plutocratas americanos não se satisfazem já com o mercado nacional que o proteccionismo lhes entregou. Nas suas industrias empregaram elles já capitaes enormes que exigem remuneração. Em igualdade de condições, elles não podem concorrer nos mercados do mundo com os productos ma-

nufacturados da Europa. O proteccionismo que permittiu nos Estados Unidos a creação das immensas fortunas industriaes, trouxe tambem o encarecimento da vida e, com elle, a elevação dos salarios, que já de si seriam mais elevados do que na Europa pela raridade relativa da mão de obra perita e technica *(skilled labour)*. Sendo os salarios mais elevados, o custo da producção é maior do que na Europa, e por isso, na concorrencia universal, os Estados Unidos são vencidos pelos productores europeus.

Sendo assim, a industria americana succumbe sob o peso da sua producção exagerada. D'ahi a crise industrial, aggravada pelo desvalor de parte da moeda, a moeda de prata, porque, como já dissemos, até em materia de cunhagem de moeda, os legisladores americanos, têm querido e têm conseguido, proteger os millionarios em detrimento do povo. Como conseguiriam os proprietarios das grandes minas de prata vender por bom preço o seu metal, se o valor d'este não se mantivesse pelas compras continuas do thesouro americano que adquiria barras de prata para transformal-as em moe-

das? Tanta moeda de prata cunhou o thesouro americano que rompeu o equilibrio do valor entre a moeda de prata e a moeda de oiro. A superabundancia rebaixou a prata, encareceu o oiro e o oiro emigrou para o estrangeiro. Moeda desigual e em parte depreciada, eis o que o proteccionismo produziu no systema da circulação monetaria dos estados. A estagnação da industria, proveniente do excesso da producção e da sua incapacidade para concorrer no estrangeiro com os productos europeus, aggrava-se de dia em dia. Ha quinze annos, os americanos diziam que no seu paiz não havia questão social, que os tumultos operarios, as luctas e as crises provenientes das difficuldades do proletariado eram males das velhas sociedades européas, que na livre America havia espaço, luz e comida para todos os pobres, sob o regimen do trabalho. Hoje, o que é que vemos? A questão operaria é mais terrivel e mais ameaçadora nos Esta dos Unidos do que na Europa.

O proletario americano tem uma organi sação de ataque e de defeza contra a so ciedade que na Europa ainda não foi igua-

lada. Parece que, na Europa, a chamada paz armada, com a consciencia do perigo que corre a propria existencia nacional em vista da hostilidade de vizinhos poderosos, dá ainda a consciencia de que é necessaria a união para garantir a existencia da propria patria. Nos Estados Unidos, a questão social tem uma gravidade unica. Grande parte da massa operaria é estrangeira, estando ainda na primeira phase da existencia do immigrante, phase intermedia, na qual tendo-se desprendido da patria antiga ainda não adoptou a patria nova. A massa dos immigrantes é constituida por uma verdadeira selecção de entre os operarios dos respectivos paizes de origem. Selecção de fortes, de energicos, de resolutos, pois, o simples acto de emigrar é uma prova de espirito audacioso. Quem não duvidou abandonar a patria do seu nascimento não tem escrupulos em perturbar a patria adoptiva. Por isso, nas difficuldades da lucta social, o exercito operario, nos Estados Unidos, é mais de temer do que na Europa.

A politica financeira e economica dos Estados Unidos produziu, depois de uma no-

tavel expansão industrial, uma reacção extraordinaria. O operario hoje não tem trabalho, ou quando o tem, o patrão não póde remunerar esse trabalho como n'outro tempo, embora o operario precise sempre do mesmo dinheiro, porque o preço da vida não baixou.

Sem duvida, a questão operaria é de todo os paizes e o problema da riqueza e da pobreza é tão antigo como o mundo. Todas as soluções d'esse problema são soluções muito relativas e sempre provisorias.

A antiguidade tinha a escravidão, que é um modo de dar uma certa estabilidade e organisação ao proletariado coagindo-o a trabalhar e obedecer. O christianismo acalmou as revoltas da miseria humana quando exacerbada pela pobreza, promettendo o céu e a felicidade futura e fazendo do proprio soffrimento um titulo á ventura eterna. A sociedade pagã appellava para a força material dominando materialmente o proletario; a sociedade christã prendia-o pelas cadeias, ainda mais fortes, da esperança e da fé. O espirito moderno supprimiu a escravidão e deixou de fallar no céu.

O operario foi abandonado, e a sciencia não encontrou ainda uma formula que substituisse a escravidão da antiguidade ou a crença na outra vida que o christianismo infundia.

Nos Estados Unidos, a agitação operaria é mais grave do que na Europa, porque o operario não tem nenhuma das peias materiaes e não tem os incentivos moraes que em parte o dominam na Europa e de que elle se acha liberto na America.

As monarchias européas preoccupam-se seriamente em melhorar a sorte dos operarios. As monarchias têm todo o interesse em adiar e evitar a grande crise do proletariado, porque as dynastias sabem que, n'uma grande catastrophe social, os thronos desappareceriam.[1] Nas republicas não ha esse

[1] Ainda ultimamente, n'um congresso, em Milão, vimos os representantes da Allemanha cesarista e da Italia monarchica, manifestarem-se a favor das pensões aos invalidos do trabalho, emquanto que os enviados da republica franceza Yves Guyot e Léon Say, republicanos, oppozeram-se com ardor a essa medida humanitaria, já adoptada na Allemanha.

interesse de conservação que leva os governantes a querer bem governar por interesse proprio. Na republica tudo é transitorio; os homens sabem que, quer encham o seu paiz de beneficios, quer accumulem erros sobre erros e cheguem até ao crime, terão, em certo periodo, de deixar o poder, e, se a republica commette faltas graves, mudam-se os homens, continuando sempre a republica ainda que seja para repetir as faltas que se procura, em vão, reprimir com a periodicidade das revoluções. A republica, bem que seja pessoalissima quanto á influencia dos funccionarios, beneficía de uma especie de impersonalidade que a torna irresponsavel. Na gestão dos negocios e dos dinheiros publicos, a monarchia arrisca a sua propria existencia; é como que uma firma solidaria que responde com a sua pessoa e com a totalidade de seus bens. A republica é uma companhia anonyma de responsabilidade limitada. E conhecemos paizes onde o simples nome de companhia é quasi synonymo de deshonestidade.

A historia demonstra que as republicas, uma vez falseadas, nunca se regeneram.

Cada fórma de governo tem a sua tendencia, e tem o seu modo peculiar de resolver os successivos problemas da historia nacional. Tomemos, por exemplo, os Estados Unidos e o Brazil, ambos em frente do mesmo problema: a abolição da escravatura.

Tiveram os Estados Unidos a sua solução genuinamente republicana e norte-americana, isto é, a solução pela violencia, pela força, pelo grande fragor da guerra fratricida. Teve o Brazil uma solução genuinamente brazileira e monarchica, a solução que todos vimos, solução que excedeu os sonhos dos optimistas mais humanitarios. Porventura deveremos envergonharnos da solução que soubemos e podémos dar ao problema e sentir o não termos imitado os Estados Unidos tambem n'esse ponto? Dissemos que no Brazil o problema escravo teve uma solução monarchica, não só porque a monarchia brazileira teve a gloria de ser punida pela sua acção libertadora, como porque desde que o mundo é mundo, nenhuma grande reforma social se realisou, sem ser debaixo da acção de um governo monarchico. Ouçamos um dos mais

profundos pensadores do seculo, Döllinger: «O testemunho da historia nos demonstra que a solução das questões sociaes, a reforma das instituições, a abolição de abusos tradicionaes, realisam-se com mais facilidade e segurança n'um governo monarchico, do que n'uma republica. Quando a corrupção da republica romana chegou aos seus extremos limites, todos os romanos intelligentes admittiram a impossibilidade da republica reformar-se a si mesma e a inevitavel necessidade da monarchia. O mesmo aconteceu com a republica polaca e com a republica franceza no tempo do directorio.

«Se os Estados Unidos, em 1862, tivessem um monarcha em vez de um presidente eleito por poucos annos, certamente lhes teria sido possivel dirigir o problema servil para uma solução pacifica, evitando uma sangrenta guerra civil, cujos effeitos ainda perduram [1].» Isto dizia o illustre pen-

---

[1] **J. I. von Döllinger,** traducção ingleza sob o titulo: *Studies in European History translated by* Margaret Warre London, 1890, pag. 24.

sador em 1880, e oito annos depois os factos vieram dar-lhe rasão, porque o unico paiz monarchico da America foi tambem o unico paiz que pacificamente extinguiu a escravidão.

O seu destino manifesto, o seu natural instincto de conservação leva as monarchias a procurarem resolver os problemas sociaes, emquanto que as oligarchias republicanas temem esses problemas e adiam-lhes indefinidamente as soluções.

E é por isso que vemos as monarchias européas, comprehendendo o perigo e o encargo da sua responsabilidade, encarando de frente o problema do proletariado que, nos Estados Unidos, é desleixado pelos poderes publicos. Na Europa ha, na velha tradição monarchica, a remota lembrança da antiga alliança da realeza com os burguezes contra os senhores feudaes, que eram os oppressores dos fracos. Hoje, os oppressores são os burguezes que confiscaram em seu proveito todas as chamadas conquistas da revolução de 1789. O capitalismo semita ou não semita, gosa hoje de privilegios reaes e effectivos muito mais vexatorios do

que os privilegios antigos da nobreza e do clero. No antigo regimen, a nobreza pouco a pouco ía-se enfraquecendo, e o terceiro estado ia-se fortalecendo. Na vida moderna o capital cresce por si mesmo, cada vez mais se avoluma, e é fóra de duvida que a fatalidade faz com que os ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A fórma republicana burgueza, como existe em França e nos Estados Unidos é a que mais protege os abusos do capitalismo. Ha como que uma repercussão de antigas eras, nos tempos de hoje, quando vemos de um lado a ferocidade burgueza contra o proletario, abroquelando-se em leis proteccionistas, em monopolios industriaes, e fallando a todo o momento em *principio da auctoridade,* em *direito da legalidade*, em *obediencia*[1].

Do outro lado vemos o representante das

[1] Dizia Stendhal que quando se começa a fallar muito no *principio* de alguma cousa é porque essa cousa já não existe. Falla-se muito hoje no Brazil em *principio de auctoridade.* É porque já não existe a auctoridade, que foi substituida pela oppressão.

velhas tradições do Santo Imperio Romano e o Papa, procurando estender a mão aos operarios, que afinal são a força, são o numero, são a justiça e serão o poder da ámanhã. O Papa e o Imperador, com a comprehensão superior que lhes dá a fé nos seus destinos, estão vendo que novos tempos de renovação social se approximam, e que é preciso, na immensa Bastilha em que a burguezia revolucionaria encarcerou o proletariado, rasgar uma janella para o azul. A alliança da Igreja e do Imperio com a multidão infeliz contra a burguezia gosadora que se diz republicana ou pelo menos democratica, é o grande facto do findar d'este seculo. A Allemanha preoccupa-se com a sorte dos operarios; Bismarck fez votar a celebre lei garantindo a velhice e a invalidez do trabalhador; o socialismo penetrou nas altas espheras do governo inglez, e elle já existe de facto na grande democracia russa consagrado em usos e instituições seculares. Ainda ha muito por fazer, mas as grandes monarchias deram o signal, e este foi principalmente o congresso europeu que o Imperador Guilherme II

forçou a se reunir em Berlim para estudar os meios de melhorar a sorte dos proletarios. O movimento está iniciado; onde elle encontra mais resistencia é em França, baluarte da burguezia republicana, e nos paizes latinos que mais ou menos se inspiram do espirito francez. A Igreja patrocina o socialismo christão, e não o faz sómente por palavras. Por um instincto admiravel, o proletariado inglez comprehendeu que nada podia esperar da sua Igreja official, e na grande crise de 1890, o seu arauto, o seu chefe, o juiz da sua causa, o seu paladino, foi o velho cardeal Manning, que reconciliou patrões e operarios, feito digno dos tempos heroicos da Igreja. Nos Estados Unidos e na Australia ha a alliança tacita da Igreja e do proletariado. Vejam-se os esforços do cardeal Gibbons e de Monsenhor Ireland, e admire-se como o movimento operario nos Estados Unidos ganhou em grandeza com o influxo da Igreja.

A classe dos donos de caminhos de ferro, dos monopolistas e dos industriaes que a ferocidade do proteccionismo enriqueceu em

detrimento do conforto e do bem estar do pobre, armam-se, nos Estados Unidos, de grandes recursos para a batalha suprema que têm de travar, mais dia menos dia, com o povo americano. O governo e os politicos de Washington são os representantes directamente interessados ou indirectamente subsidiados que hão de procurar por todos os meios proteger os ricos e os satisfeitos contra os famintos. Os financeiros e os monopolistas americanos votam odio á Europa, porque para lá se escoou o oiro americano, e porque na Europa os governos estão dando o exemplo da defeza das classes operarias. O defensor d'esses monopolistas, mais conhecidos, é o sr. Andrew Carnegie, um escossez prodigiosa mente enriquecido nos Estados Unidos, e que, no fim da vida, figura em todas as manifestações anti-europêas ou antes anti-liberaes que se dão nos Estados Unidos. O sr. Carnegie é dono de umas fundições gigantescas e auctor de uns livros em que exalta o capitalismo, a felicidade da riqueza e a superioridade dos Estados Unidos, paiz que elle apresenta como o pri-

meiro do mundo. O mais conhecido dos livros do sr. Carnegie chama-se a *Democracia triumphante*, livro ricamente impresso que na primeira pagina traz uma corôa real invertida e um sceptro quebrado para indicar a victoria da democracia. O livro é mal escripto, é insolente e, para dar uma idéa do seu modo de argumentar, diremos apenas que, querendo provar a superioridade artistica dos Estados Unidos sobre a Europa, elle diz que as salas de espectaculo são maiores em Denver e em Cincinnati do que em París e Londres. No mais, o sr. Carnegie entôa um hymno enthusiasta á felicidade do povo americano, cuja existencia, segundo o auctor, é um idyllio sem fim. O sr. Carnegie falla do bem estar do operario americano, da sua casinha risonha á beira de campos sempre verdes e de aguas murmurantes e, em raptos biblicos, quasi que diz que os rios são de leite e de mel. Ora, a ser isso verdade, que paraizo não devia ser o estabelecimento industrial do sr. Carnegie, as celebres fundições de Homestead? Pois bem! Em 1891 rompeu em Homestead uma *grève* terrivel, provo-

cada, como depois demonstrou o inquerito official, pela dureza do proprietario que, do infeliz operario, exigia um horrivel maximo de trabalho a troco de um minimo ridiculo de salario. Não parou ahi o patriarchal e idyllico sr. Carnegie. Nos Estados Unidos, a policia consente que existam grandes e poderosas agencias que se encarregam de fazer a policia por conta dos particulares, e são muitas vezes empregadas em obras de vingança e de evidente criminalidade. A mais conhecida d'estas agencias, a agencia Pinkerton, organisou por conta de Carnegie um verdadeiro exercito de *detectives*, armados de rewolvers e de carabinas, destinados a reprimir os operarios revoltados, verdadeiros *bravi* como os da Italia medieval ou antes capangas, como diriamos no Brazil. Os Pinkertons entraram em guerra com os operarios, houve grandes tiroteios, muitas mortes, ataques por terra e por agua, assedios, uma verdadeira guerra. A imprensa indignou-se e exigiu explicações do governo, de como deixava haver no seu territorio uma verdadeira guerra sem intervir a auctoridade, e verbe-

rou o escandalo de se consentir que um millionario podesse ter assim tropas organisadas ao seu serviço. Onde iria parar, perguntavam os jornaes, este abuso? Os Pinkertons foram algumas vezes batidos e n'outras trucidaram sem piedade os operarios que tinham a felicidade de viver na livre America, tendo como patrão o intransigente republicano mr. Carnegie. Apesar do immenso escandalo que produziu na opinião publica americana a carnificina de Homestead, as tropas federaes e do Estado respectivo mantiveram-se inertes. Quanto a Carnegie, logo aos primeiros signaes do tumulto, refugiou-se na velha, na tyrannica Europa, porque, alvo do justo odio dos operarios e incurso nas leis penaes, a permanencia na tal *Democracia Triumphante* poderia ser-lhe desagradavel. Com o governo e com os tribunaes Carnegie, na sua qualidade de millionario, muito facilmente se arranjaria. Não tinha sido elle o grande protector eleitoral do presidente Harrison? Com os operarios, a cousa era mais difficil, e o apologista da democracia plutocratica deixou-se ficar tranquillamente na Europa.

Este episodio de Homestead, nós o mencionamos porque é typico e cheio de revelações para o futuro da America republicana. O poder do millionario não encontra nos Estados Unidos nenhum correctivo efficaz nas leis ou na acção da auctoridade publica. Tudo lhe é licito, tudo lhe é possivel. Isto entrou tanto na consciencia nacional que os homens mais cultos do paiz, os seus escriptores, os seus sabios, os seus poetas, os seus philanthropos, evitam todo o contacto com a politica, porque sabem que as posições politicas são dadas a homens subservientes, pelos magnatas da finança. N'outros paizes do continente, os homens de valor desdenham ser politicos, porque não querem ser titeres irresponsaveis nas mãos do militarismo. Em todo o caso o resultado é o mesmo, porque, quer tenha de ser servidor dos financeiros, quer tenha de ser o instrumento dos militares, o homem publico perde, com a sua dignidade, a sua independencia. Eis-ahi a situação do politico na America.

O millionario empregára até agora a arma poderosissima da corrupção. O sr. Car-

negie foi um innovador; com o dinheiro organisou uma força e com ella bateu os que perturbavam a sua industria. Isto foi talvez um ensaio. Em pouco tempo, os millionarios e billionarios americanos organisarão exercitos. Havendo dinheiro, ha meios para se defender qualquer individuo, e quem sabe se, no futuro, não haverá nos Estados Unidos guerras individuaes como as da idade media? A instituição dos mercenarios póde deixar de ser privilegio dos governos que, sentindo-se fracos no interior, procuram no estrangeiro braços para defendel-os e coragem e ambições para sustental-os. Em breve haverá mercados francos de armamentos e de invenções bellicas; alugar-se-hão por meio de agencias, capitães valentes, soldados decididos, que renovarão os feitos das tropas mercenarias de Carthago ou dos suisso se lansquenetes da Renascença. Quanto custa um general? Por quanto um almirante? Alugar-se-hão Themistocles por mez, Nelsons por empreitada e Napoleões a tanto por dia, com comida.

Os governos que têm chamado mercenarios, tarde ou cedo tiveram de se arre-

pender. A lealdade do mercenario é nulla, e o paiz que lhes cabe defender é muita vez a sua primeira victima. O estrangeiro chamado para, a qualquer titulo, tomar parte nas luctas nacionaes, torna-se, depois da lucta, uma calamidade. O mesmo acontecerá talvez com o capitalismo; os braços que elle tiver armado contra o proletariado se voltarão um dia contra elle. O imaginoso novellista Edmund Boisgilbert, escrevendo no intuito de adivinhar o que vae ser a vida das gerações futuras, no seu romance *Cæsar's Column* descreve a grande lucta armada que os pensadores vêem como inevitavel no porvir norte-americano[1]. N'esse livro, vê-se o capital omnipotente dominando exercitos e tudo vencendo á força do oiro, que põe ao seu serviço todos os progressos da sciencia applicada, todos os requintes do goso e todos os meios materiaes de destruir e subjugar as multidões. Ha contra essa longa tyrannia uma immensa

[1] Estas linhas foram escriptas em fins de 1893. Em 1894 as espantosas paredes de Chicago vieram dar rasão ao auctor.

revolta; o capital defende-se, a mortandade é horrivel e a sociedade americana rúe com estrondo, n'uma catastrophe absoluta. A imaginação do litterato é grande, mas a invenção do escriptor corresponde a um secreto instincto de todos. Hoje, o industrialismo ainda tem algumas esperanças de se salvar e o povo não tem ainda a consciencia nitida da sua força. As difficuldades do presente já são, portanto, bastante graves para o capitalismo, e a plutocracia americana procura, a todo o transe, saír das suas difficuldades e para isso volta-se para o estrangeiro. É para o estrangeiro que os politicos norte-americanos querem abrir uma valvula para o excesso da producção.

Não é só o fim de lucro monetario immediato que guia esses homens, é uma necessidade absoluta de segurança nacional. Fechados os mercados estrangeiros, como já explicámos, a producção americana terá de se retrahir, e retrahida, crescerá em enorme proporção o numero de operarios desempregados, que augmentarão o já tão perigoso exercito dos descontentes. N'este empenho de salvação publica, foi uma mis-

são especial de representantes do thesouro americano á Europa, solicitar dos governos europeus a adopção do bimetallismo para dar saída á quantidade de prata que tantos embaraços está creando aos Estados Unidos. A Europa, na conferencia de Bruxellas, recusou attender ao pedido. Foi no mesmo intuito, de dar saída a seus productos e de crear-lhes vantagens especiaes nos mercados estrangeiros, que os Estados Unidos quizeram impor tratados de reciprocidade commercial a todos os paizes da America.

Essa empreza de extorquir tratados dos paizes latino-americanos a troco de vantagens illusorias, esteve confiada a Blaine quando elle foi Secretario d'Estado pela segunda vez.

III

Quando o ambicioso estadista voltou ao poder em 1889, com a eleição do presidente Harrison, voltou disposto a tirar a sua desforra do descredito em que caíra em 1881, quando se descobriu a indelicadeza dos seus processos e dos seus intuitos na inter-

venção na lucta entre o Chile, o Perú e a Bolivia. Em 1884 elle ousára já ser candidato á presidencia da republica, e isto bastou para um grande numero de votos, do seu proprio partido, convergir para o seu adversario o candidato Cleveland, que foi então eleito pela primeira vez. Em 1888 Blaine não fôra candidato, mas empregára toda a sua influencia em favor de Harrison com a condição d'este entregar-lhe a Secretaria d'Estado, de onde Blaine, com o seu extraordinario talento, acharia facilmente o meio de dirigir todo o paiz. Assim foi. O regimen presidencial leva a absurdos d'essa ordem; um homem repellido positivamente pelas urnas, pela vontade expressa do eleitorado, basta que elle tenha por si a vontade do presidente para que esse homem tome conta do governo e exerça-o sem haver meio algum de fazel-o saír emquanto durar o presidente, a não ser por uma revolução. Blaine, pois, assenhoreou-se da Secretaria d'Estado.

Em 1881, um dos pontos do grande plano de Blaine fôra a reunião de um congresso pan-americano onde, sob a egide e

a protecção dos Estados Unidos, deveriam os representantes de todos os paizes da America discutir assumptos de interesse reciproco. As revelações consequentes á frustrada intervenção no Pacifico desacreditaram completamente os projectos de Blaine, e o primeiro acto do seu successor consistiu em expedir aviso ás nações convidadas para o congresso, dizendo-lhes que a grande reunião dos representantes de toda a America ficava indefinidamente adiada.

Blaine, voltando ao poder em 1889, trazia um plano de dupla vingança: queria humilhar o Chile e reunir o congresso. Conseguiu as duas cousas. Teve occasião de lançar, como mostrámos, um *ultimatum* ao governo chileno, exigindo em praso dado satisfações e indemnisações, e viu reunidos em congresso em Washington, debaixo da sua presidencia, os representantes de todos os paizes da America.

A primeira parte do congresso consistiu em banquetes, passeiatas, recepções e festas. Os enviados da America latina, pela linguagem da imprensa, pela attitude geral

do governo, ficaram logo convencidos d que só o interesse dos Estados Unidos lucraria com o que se pretendia d'elles no tal Congresso. O governo americano poz em discussão tres pontos: 1.º, a adopção do arbitramento obrigatorio para a solução dos conflictos internacionaes; 2.º, a celebração de tratados com o governo de Washington estabelecendo uma parcial ou total e reciproca isenção de direitos de importação entre o paiz contratante e os Estados Unidos; 3.º (este apenas para encher tempo), o estudo de um caminho de ferro dos Estados Unidos á Patagonia, ligando entre si as republicas americanas.

A questão do arbitramento não offereceu grandes difficuldades. Em materia de promessas, de tratados e de compromissos internacionaes as republicas da America não são difficeis. O *Corpus Diplomaticum* sul-americano, isto é, a collecção dos seus tratados, dos seus accordos e das suas convenções, é enorme. Fazem-se, desfazem-se, esquecem-se e violam-se tratados com a maior facilidade. Quasi todas as republicas concordaram que, no futuro, decidiriam as

suas questões por arbitramento. Era um accordo platonico, de bonito effeito, que parecia dar prazer a Blaine e que, em summa, a nada obrigava. O governo chileno, porém, foi mais correcto e sincero, e não assignou a clausula do arbitramento. O presidente do Chile justificou esta recusa perante o congresso do seu paiz, pronunciando as seguintes palavras:

«Foi tambem proposta e acceita por alguns representantes do congresso de Washington a arbitragem internacional na fórma mais compressiva e obrigatoria. Não prestámos assentimento a este projecto, porque o Chile não necessita, para o exercicio da sua soberania no mundo civilisado, de outra lei que não seja a lei geral das nações. Os povos, como o nosso, que vivem do seu trabalho, e que cumprem fielmente as suas obrigações e compromissos internacionaes, terão de recorrer á arbitragem nos casos especiaes e concretos em que assim o aconselharem a justiça publica, a prudencia e o respeito reciproco dos estados soberanos; julgo, porém, que não nos será licito limitar á arbitragem a acção das gerações fu-

turas para fazer vingar o direito. Só a ellas compete apreciar e resolver sobre os meios que a lei internacional lhes faculta para a defeza do seu direito. A restricção dos direitos do estado, por meio da adopção obrigatoria de um processo excepcional, como é o da arbitragem, não se coaduna com a liberdade, que, em qualquer eventualidade, desejo reservar aos poderes publicos da minha patria e aos meus concidadãos.»

Esta é a linguagem de um verdadeiro homem de estado, explicando uma resolução das mais patrioticas e baseada na mais verdadeira comprehensão dos direitos e dos deveres internacionaes.

O Salvador, Guatemala, Haïti e S. Domingos assignaram a obrigação de recorrer ao arbitramento, mas poucos mezes depois houve uma guerra mortifera entre o Salvador e Guatemala e as tropas de S. Domingos e Haïti. Ó fraternidade, ó lealdade americana e republicana! Na parte commercial, as republicas hispano-americanas, embora assignassem algumas das conclusões impostas pelos Estados Unidos,

não se apressaram em concluir os tratados que os Estados Unidos tanto ambicionavam. O ministro do Chile nos Estados Unidos, n'um banquete que lhe foi offerecido em Chicago, teve a franqueza de declarar que, em vista das exigencias do governo norte-americano, o Chile tinha de continuar a ter só em vista a Europa, e a trabalhar por estreitar cada vez mais as suas relações com o velho mundo.

A republica brazileira, então ainda na primeira das suas diversas e successivas dictaduras, foi o primeiro paiz que cedeu aos desejos dos Estados Unidos, assignando o tratado de reciprocidade commercial, que ficará conhecido na historia pelo nome de tratado Blaine-Salvador, porque os seus signatarios são aquelle estadista americano e o ministro brazileiro em Washington, sr. Salvador de Mendonça.

Esse tratado, foi motivo para o Brazil ser prejudicado sem a minima vantagem, e deu occasião a uma grande deslealdade por parte do governo norte-americano.

O que concederam os Estados Unidos ao Brazil por esse tratado? A isenção de di-

reitos de importação sobre o café brazileiro e sobre alguns typos de assucar. Ora, o café já não pagava direitos nos Estados Unidos desde 1873. E porque n'aquella epocha supprimiram os Estados Unidos aquelle imposto? Não foi para obsequiar o Brazil; foi porque assim convinha aos interesses do povo americano. A tarifa aduaneira americana é proteccionista; as suas elevadas taxas não têm por fim augmentar os rendimentos do thesouro, mas simplesmente proteger as industrias e as culturas nacionaes. Os Estados Unidos têm por força de importar café, genero que não produzem. Um imposto sobre a entrada do café viria a recaír, na verdade, sobre o consumidor americano. Grande productor de café, pelas condições geographicas e pelo seu monopolio d'essa producção no occidente, o Brazil tinha fatalmente de abastecer o mercado americano. Não é uma verdadeira burla querer fazer-nos acreditar que a isenção de direitos sobre o café brazileiro é um favor feito ao Brazil? Se os Estados Unidos voltassem de novo a impor direitos sobre o café, o Brazil nem por

isso perderia o mercado americano onde não temos concorrencia. Sómente o consumidor americano pagaria mais caro aquella bebida que lhe é indispensavel. Quanto ao assucar, a isenção de direitos seria na realidade util á industria assucareira do Brazil, se esta isenção fosse concedida só ao producto brazileiro. Ora, um tratado anterior e em vigor, já dava livre entrada no territorio americano aos assucares do Hawaï, mas, apesar d'isso, o Brazil lucraria muito se não tivesse outro concorrente, senão aquellas ilhas, a gosar da livre entrada.

Quando em fevereiro de 1891 foi publicado no Brazil o texto do tratado Blaine-Salvador, todo o mundo entendeu que só o Brazil beneficiaria da isenção de direitos sobre o assucar. Immediatamente depois, o *Jornal do Commercio* annunciou, em telegramma de Madrid, que o governo americano fizera aberturas á côrte de Hespanha, solicitando a celebração de um tratado em virtude do qual os assucares de Cuba e de Porto Rico entrariam nos Estados Unidos livres de direitos. Desapparecia assim para o Brazil a unica vantagem que se esperava

do tratado. Postos os productos do Brazil em pé de igualdade com os das colonias hespanholas, tratada a joven republica de modo igual á velha monarchia que mantem em ferrenho jugo colonial uma parte riquissima da livre America — onde ficavam as vantagens para o Brazil, onde estava a fraternal preferencia que a grande republica devia tambem a outra republica, que, embora menor, é ainda grande? Como era possivel que o governo de Washington equiparasse no tratamento fiscal a carunchosa e antipathica monarchia da Europa decrepita com a virente e fraternal novissima republica da America do Sul? Não! Era impossivel. Assim pensou por certo o governo da republica brazileira, que se apressou em desmentir o *Jornal* no *Diario Official*, dizendo que era falso que se estivesse tratando de um convenio commercial qualquer entre os Estados Unidos e a Hespanha. O ministro do Brazil em Washington, quando aconselhava para o Rio o tratado commercial com os Estados Unidos, affirmava que os Estados Unidos não dariam livre entrada aos assucares de nenhum ou-

tro paiz. Essa era a promessa que lhe tinha feito o governo de Washington, e só a confiança n'essa promessa é que fazia com que o governo no Rio fosse tão affirmativo. O *Jornal do Commercio* insistiu, deu esclarecimentos, annunciou que o sr. Foster ía á Hespanha tratar — tudo foi em vão. O governo manteve a sua negativa. Semanas depois era assignado o tratado! Os assucares de Porto Rico e de Cuba tinham livre entrada nos Estados Unidos, e desapparecia assim a unica vantagem que ao Brazil poderia trazer o tratado Blaine-Salvador. E não parou ahi o governo de Washington; fez logo outros tratados com a America Central, com a Allemanha e com a Hollanda. Venezuela tambem fez um tratado, mas o Congresso venezuelano rejeitou-o.

O governo brazileiro foi assim ludibriado pela esperteza americana. Em troca de um favor ficticio e illusorio, em seguida a uma negociação em que a má fé norte-americana tornou-se evidente, o Brazil concedeu isenção de direitos ás farinhas de trigo dos Estados Unidos, deu igual isenção a varios outros artigos americanos, e para todos os

outros introduziu uma reducção de 25 por cento nas tarifas da alfandega. Esta concessão trouxe consideravel prejuizo para a renda do thesouro[1], que já não atravessava epocha para tanta generosidade. E mais do que isto, ella causou damno muito grande ás industrias já estabelecidas no Brazil e em via de prosperidade. Ha uma vantagem muito grande para os paizes importadores de pão em transportar de preferencia o trigo para reduzil-o a farinha nos mercados ou proximo dos mercados consumidores. O consumidor beneficía duplamente por esta fórma, já porque o frete é muito menor (pois n'um volume reduzido se transporta maior quantidade de substancia alimentaria), já porque a qualidade é superior, pois o transporte por mar e o tempo facilmente alteram a farinha que até corre o risco de grande avaria, risco que junto ao maior

---

[1] A commissão do orçamento da camara dos deputados do Brazil em 1894 avaliou o prejuizo do thesouro em 3:000 por trimestre sejam 12:000 contos de réis por anno. Ora o tratado durou quatro annos, dando assim ao Brazil um prejuizo de 48:000 contos de réis!

frete, é tudo computado pelo vendedor em detrimento do consumidor. Havia no Brazil muitos moinhos de moer trigo em que estavam empregados capitaes importantes e grande numeros de trabalhadores. Estas emprezas ficaram arruinadas, os trabalhadores sem trabalho e o consumidor lesado, desde que as farinhas americanas, pelo tratado, foram admittidas livres de direitos. Não ha quem tenha esquecido os importantissimos depoimentos em que a grande maioria dos negociantes, dos industriaes e dos financeiros do Brazil, em cartas escriptas ao *Jornal do Commercio,* se manifestaram, em quasi unanimidade, contra o desastroso tratado.

Estas manifestações e estas queixas de nada valeram. Mandava quem podia, e o mal estava feito, soffresse embora o povo brazileiro, gemessem embora as nossas industrias.

Eis-ahi mais um beneficio que recebemos dos Estados Unidos[1].

---

[1] As ultimas eleições americanas foram contrarias á politica ultra-proteccionista e de reciprocidade. Com quebra da fé internacional que estipulava um praso de tres mezes de aviso á outra parte contratante, para a cessação do tratado, os

IV

Seria um erro colossal o acreditar que nos Estados Unidos ha sympathias pela America do Sul, Brazil e especialmente pela fórma de governo que lhe foi applicada ha quatro annos.

Por mil modos se revela o desprezo americano pelos *irmãos* do sul do continente. Em frente ao capitolio de Washington ha uma estatua do fundador da independencia americana. O esculptor Greenough fez-lhe uns baixos relevos symbolicos tirados da historia de Hercules. Hercules e seu irmão Iphicles, infantes, repousavam no mesmo berço e foram assaltados por duas serpentes. Iphicles, simples mortal, filho de Am-

---

Estados Unidos restabeleceram os antigos direitos, dando grande prejuizo aos productores de assucar do norte do Brazil e ao commercio brazileiro, que contava com os tres mezes de aviso. No momento em que escrevemos a Allemanha reclama energicamente contra facto identico, em relação aos seus productos. O governo do Brazil denunciou o tratado Blaine-Salvador, e de janeiro de 1895 em diante os productos americanos pagam os mesmo direitos aduaneiros que os de outras nações.

phytrião e de Alcmene, rompeu em clamores; Hercules, fructo do adulterio olympico de Alcmene e de Jove, com as mãos estrangulou as serpentes, mostrando assim a sua origem divina. Esta é a scena que o esculptor poz no pedestal da estatua de Washington. O que quiz o artista symbolisar? Os guias descriptivos das grandezas da cidade de Washington esclarecem o pensamento do estatuario. Depois de nos indicarem minuciosamente (como convem a uma crítica de arte á moda americana) o preço da estatua, o seu volume, o seu peso, a qualidade do marmore, as peripecias do seu transporte desde Florença até ás margens do Potomac, dizem-nos finalmente os guias que os dois meninos de marmore, os dois gemeos da fabula, representam a America do Sul e a America do Norte. Aquella é a cobardia, a fraqueza de Iphicles, e esta é a magestade divina de Hercules[1].

Nos Estados Unidos, a palavra — Ame-

---

[1] **Ed. Winslow Martin,** *Behind the scenes in Washington,* pag. 140.

rica — significa a parte do novo continente que obedece ao governo de Washington. Respeitam os americanos a soberania da Inglaterra no Canadá e, por todas as outras nações, ha, nos benevolos, uma grande indifferença e nos outros, um sentimento de accentuada superioridade que é feito de amor proprio e de desprezo pelos sul-americanos. Basta dizer que entre os norte americanos, é motivo de chacota o haver paizes como o Mexico, Venezuela, Colombia e um outro que conhecemos, que têm a petulancia de se intitular *Estados Unidos*... Isto parece-lhes de um comico irresistivel. Quando se falla d'esses *United States,* ha nos labios americanos o mesmo sorriso que teria o duque de Wellington, ouvindo nomear um dos presidentes do Haïti, o general Salomon que se intitulava duque de Crique-Mouillée.

O Imperador D. Pedro II tinha grande prestigio nos Estados Unidos. O seu amor á liberdade, o seu espirito aberto a todas as novidades do seculo, a sua actividade, a singeleza da sua pessoa, impressionaram sempre os americanos, que de um rei só

faziam a idéa de um homem rodeado de fausto, de um defensor do passado contra o espirito innovador. Os discursos pronunciados no senado americano, quando se discutiu o reconhecimento da republica brazileira, consistiram quasi que exclusivamente, não no elogio dos vencedores, mas na exaltação das virtudes do grande vencido. O governo americano foi o ultimo, de todos os governos do novo continente, que reconheceu a republica no Brazil, e se inspirou, de certo, para essa demora, na frieza, na quasi hostilidade, com que a imprensa recebeu a revolução. Ainda ha bem pouco tempo, o correspondente do *Paiz,* em New-York, rememorava estes factos, insistindo na pouca sympathia que os americanos manifestavam pela nova ordem de cousas no Brazil. Basta lembrar o que disseram os jornaes americanos quando, em 1890, chegou a New-York uma esquadrilha brazileira que, segundo diziam os jornaes do Rio, ía participar ao governo americano a proclamação da republica e apresentar os comprimentos do novo governo ao presidente dos Estados Unidos.

Com a precipitação com que foi organi-

sada a esquadrilha, esqueceram-se no Rio de que os navios íam chegar a New-York em pleno inverno. O frio em 1890–91 foi intensissimo e os pobres marinheiros, vestidos ligeiramente, soffreram immenso. O governo americano forneceu-lhes roupas grossas e cobertas. Era de ver como os jornaes de New-York noticiavam estes factos. Uns, descreviam os negros brazileiros chorando de frio, escondidos no porão, os navios abandonados, o convez não varrido, os officiaes com frieiras nos pés, emfim, um destroço completo. Tudo isto acompanhado de ditos picantes e de uma insistencia enorme nos favores com que o governo americano estava acudindo á miseria e á desgraça d'aquelles maltrapilhos. No mesmo anno, veiu uma esquadra americana ao Rio, dizendo-se que vinha *expressamente* comprimentar o governo. O generalissimo Deodoro convidou-os para um baile; o commandante da esquadra pediu-lhe que apressasse o baile, e como houvesse alguma demora, a esquadra partiu sem sequer esperar pelo tal baile.

Dois annos depois, uma outra esquadra

brazileira vae a New-York a pretexto da exposição de Chicago e do centenario de Colombo. Os officiaes brazileiros ficaram vexados da linguagem da imprensa a seu respeito e da desconsideração com que foram tratados. Sempre collocados em ultimo logar, sempre preteridos em todas as attenções, o seu desgosto, se não faltou á verdade o correspondente do *Paiz*, foi muito grande e não se occultou.

Quando houve o convite á officialidade para ir a Chicago, os officiaes brazileiros todos recusaram, declarando a um representante da imprensa, que o faziam por se acharem justamente melindrados. Não lhes foi dada satisfação alguma, e, de volta ao Brazil, vieram de certo muito pouco inclinados a acreditar ainda na pilheria da fraternidade americana.

O ministro do Brazil em Washington, o sr. Salvador de Mendonça, tem experimentado, muitas vezes, á sua propria custa, que, nos Estados Unidos, a sua entidade de ministro dos Estados Unidos do Brazil não merece nenhum respeito por parte da imprensa. S. ex.ª tem tido na sua carreira

incidentes desagradaveis, que a imprensa americana ha longa e maliciosamente glosado, sem ter em vista que s. ex.ª, na sua qualidade de republicano intransigente, historico e tudo o mais, e pelo seu titulo de ministro de uma republica, devia ser tratado com mais respeito. O sr. ministro é amador de bellas artes; tinha uma galeria de quadros todos assignados pelos maiores pintores antigos e modernos. Era uma galeria que valia muitos milhões; s. ex.ª mandou-a para París para ser vendida em leilão. Os peritos parisienses, encarregados da avaliação, declararam que os quadros eram todos falsos; s. ex.ª, em telegramma para París, disse que estava de boa fé e que tinha sido enganado. Retirou os quadros, e, mais tarde, offereceu alguns d'elles á Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, que comeu por lebres primorosas todos aquelles gatos a oleo [1]. Pois esta anecdota, que é apenas um pouco comica para

---

[1] Todas as particularidades d'este incidente acham-se na obra de Paul Eudel, *L'Hotel Drouot em 1885*. Paris, 1886, pag. 145.

o nosso ministro, e que só prova que s. ex.ª não entende de pintura, e que foi roubado, comprando por enorme somma aquella galeria, foi decantada nos jornaes de New-York, e o representante do Brazil coberto de ridiculo. Outro facto: O sr. Salvador de Mendonça foi encarregado pelo governo de comprar uma grande quantidade de prata nos Estados Unidos. Os ministros da fazenda do Brazil têm todos, depois d'isso, pretendido que as contas não estão certas, que falta prata ou que falta dinheiro, conforme se tem visto pelas correspondencias officiaes publicadas. Que tem a imprensa americana com esta questão inteiramente brâzileira? É um ponto que deve ser ventilado entre dois altos funccionarios da republica brazileira, entre o ministro da fazenda e o ministro diplomatico. Assim não têm pensado, porém, os jornaes americanos e varias vezes têm voltado a esta desagradavel historia da prata, publicando artigos deprimentes para o representante do Brazil. Sem duvida que o governo de Washington não póde proteger o representante da republica irmã contra a imprensa,

porque esta é livre. Mas a má vontade é evidente em toda a sociedade americana. O representante republicano do Brazil parece sentir isto, porque, seguindo o exemplo de diplomatas de outros paizes que já foram pessoalmente aggredidos pela imprensa, s. ex.ª podia, deixando de lado as suas immunidades, chamar os seus detractores aos tribunaes. S. ex.ª tem com certeza confiança na justiça da sua causa, e se não lançou ainda mão d'este recurso é porque não acredita muito na justiça americana quando esta tem de decidir entre um compatriota e um sul-americano.

O governo norte-americano, ainda ha pouco, deu uma nova prova da pouca consideração que lhe merece a republica brazileira. O governo de Washington elevou á categoria de embaixadores, o seu ministro em París e os seus representantes junto ás côrtes de Londres, Berlim, Vienna, Roma, Madrid e S. Petersburgo. Ora, o Brazil é a segunda nação da America, por todos os titulos; ha a consideração importantissima de que, pelo isthmo do Panamá, temos a honra de estar presos ao mesmo

continente occupado pelos Estados Unidos; temos, como elles, presidentes, ministros irresponsaveis, etc. Sendo assim, está claro que o Brazil merece muito mais dos Estados Unidos do que as carunchosas e decrepitas monarchias européas. Não obstante tudo isto, o governo de Washington conserva no Rio um qualquer representante diplomatico de segunda categoria, não dando ao Brazil a confiança de tratar o seu governo com a consideração com que trata o governo hespanhol ou o governo austriaco. É mister confessar que Washington usa para com o Brazil de fraternidade em dóse muito moderada.

Desde que fallamos em imprensa, devemos fallar de outro modo, pelo qual tambem se manifesta sempre, pela maneira que temos visto, a amisade dos norte-americanos pelo Brazil. Fallamos da noticia alarmante falsa ou verdadeira.

Nem tudo são rosas na vida do corpo diplomatico sul-americano. Representantes do general A, nomeados pelo general B, estão promptos a servir o general C. Um bello dia chega um telegramma: «O general C

atacou o general A». O que dirá o pobre diplomata aos *reporters* que o assaltam e perguntam quem tem rasão, cousa já grave, e, cousa ainda mais grave, quem vencerá? É difficilima a resposta. Alguns ha que se arriscam; se acertam, muito bem. Mas, se se enganam, estão perdidos, porque o vencedor demitte-os sem piedade. Os espertos calam-se. A reportagem, porém, é feroz; a reportagem ganha por linha de noticia fornecida; e um *reporter*, quando não tem essa noticia, inventa-a. Muita vez ha ingenuos que enxergam profundos machiavelismos, intrigas habilissimas e perfidos intuitos de partidarios ou conspiradores mysteriosos n'uma noticia que foi arranjada n'um pobre quinto andar, n'uma agua furtada de um *reporter* qualquer, que forjou essa noticia para equilibrar o seu orçamento da semana. Ha, porém, outro genero de noticia falsa que deve caír, e cáe, dentro da acção dos tribunaes. É a noticia falsa, com fins de especulação, para a qual ha penalidade nas legislações de certos paizes. Ora, estas noticias falsas para fazer subir ou descer o café nos mercados, para fazer subir a cota-

ção dos titulos brazileiros, nem sempre são noticias contrarias ao governo do Brazil. A especulação é de uma imparcialidade provada; ás vezes annuncia os mais lisonjeiros acontecimentos, outras vezes as catastrophes as mais terriveis. Em todo o caso New-York é que é o ponto de concentração e de expedição d'estas noticias. Os jornaes americanos têm gasto muito dinheiro para ter noticias do Brazil nas differentes crises agudas e periodicas da republica; mas, em vez de receberem directamente estas noticias, recebem-n'as via Buenos Ayres e Montevideu, onde as noticias são todas exageradas e apimentadas com a má vontade dos nossos irmãos argentinos e uruguayos, que são nossos inimigos, apesar de nós termos seguido o seu exemplo adoptando a fórma de governo da Argentina e do Uruguay. Os Estados Unidos são, para o resto do mundo, o vehiculo transmissor da bilis argentina contra o Brazil; são os correspondentes de jornaes americanos que atacam o Brazil; são as agencias telegraphicas americanas que enviam, para todos os pontos do globo, as noticias deprimentes

do Brazil, noticias muitas vezes falsas, por vezes exageradas, e, ai de nós! ás vezes tambem verdadeiras. E o que é curioso é que os jornaes da Europa, que recebem dos Estados Unidos essas noticias, que transcrevem-n'as, é que passam por diffamadores do Brazil. Se os jornaes americanos são insolentes para com o Brazil, o que póde verificar facilmente toda a gente, o mundo commercial dos Estados Unidos tambem nos é adverso.

Nunca dos Estados Unidos veiu o minimo auxilio para as nossas industrias, para a nossa lavoura ou para a nossa viação ferrea. Ha perto de quatrocentos mil contos de réis da Inglaterra empregados no Brazil, quer em emprestimos ao governo, quer em caminhos de ferro e outras industrias. O Brazil era pobre quando iniciou a sua existencia, era despovoado, tinha ás portas inimigos ameaçadores, tinha problemas internos gravissimos—e a Inglaterra teve confiança no Brazil, a Inglaterra nos confiou os seus capitaes, mesmo em epochas criticas. E o povo inglez é tão superior que, em 1865, estando o Brazil de relações rôtas com a

Inglaterra, por motivo de questão Christie[1] (questão de que a dignidade do Brazil saíu illesa), conseguiu levantar em Londres um emprestimo, na occasião em que iniciavamos uma guerra terrivel. E os capitaes inglezes não corriam pequeno risco; aventuravam-se a todas as emergencias da guerra com o Paraguay, e aos possiveis e mesmo provaveis desastres da abolição. E em quantas emprezas estes capitaes, em acções ou em obrigações, não estão por assim dizer enterrados? Se se aponta a São Paulo Railway como empreza até ha pouco tempo remuneradora, e a Rio Claro Railway, em todas as outras estradas feitas com capital

[1] Como se sabe a questão foi sujeita ao juizo arbitral do Rei dos Belgas, que deu rasão ao Brazil. Quasi toda a imprensa ingleza foi a nosso favor. Na camara dos communs luctaram por nós oradores illustres como John Bright, Cobden, Lord Cecil (hoje Lord Salisbury) e muitos outros. O ministro Christie apresentou-se candidato á camara dos communs por Oxford, declarando que a sua eleição seria considerada a approvação do seu procedimento no Brazil. Oxford derrotou-o. Encontrariamos porventura nos Estados Unidos tanto amor á justiça?

inglez os accionistas não recebem dividendos, ou recebem-nos minimos. E que enorme capital não ha empregado na Alagôas Railway, Bahia e São Francisco, ramal do Timbó, Brazil Great Southern, Imperial Bahia Company, Natal e Nova Cruz, Campos e Carangola, Conde d'Eu, Caravellas Navigation Company, Dona Thereza Christina, Leopoldina, Macahé e Campos, Porto Alegre e Nova Hamburgo, Recife São Francisco, Norte do Rio, Southern Brazilian, Bahia Central Sugar C.°, North Brazilian Sugar Factories, Rio de Janeiro Flour Mills C.°, Gaz da Bahia, Gaz do Pará, do Ceará, Gaz do Rio (capitaes belgas), Aguas de Pernambuco, etc., etc.? Todas estas emprezas, que enumeramos, representam milhões de libras esterlinas que nada, ou quasi nada, rendem aos capitalistas. Entretanto estes capitaes ahi estão fructificando para o Brazil, mantendo a facilidade de transporte em regiões que d'ella se aproveitam, e dando luz e agua ás populações. E as emprezas que dão alguma remuneração, de quantos beneficios não enchem o Brazil? E que enorme prejuizo já não têm

dado aos capitalistas europeus as nossas desgraças? Confiados n'um longo passado de tranquillidade, os capitalistas europeus tinham os titulos brazileiros no mesmo apreço que os das primeiras nações do mundo. O 4 % brazileiro estava a 90 a 14 de novembro de 1889; hoje vale 54[1]. Os capitalistas confiaram em nossa estrella; estavam ao nosso lado nos dias prosperos, perdem hoje comnosco nos dias maus. E, se algum capitalista europeu se queixa, não somos nós, os devedores, que devemos protestar. As nossas desgraças não provéem de causas physicas; se estivessemos arruinados por algumas causas naturaes, se o café tivesse tido uma molestia destruidora, como a *Hemileia vastatrix* de Ceylão e de Java, se terremotos, sêccas ou inundações nos tivessem reduzido ao ponto em que estamos, então a queixa seria insensata. Mas, não... tudo caminha, na parte que compete á Providencia ou ao acaso, admiravelmente; agora, na parte que cabe aos homens, sabemos todos o que tem sido. Dizem, porém,

---

[1] Outubro de 1893.

que ha por ahi uma cousa que precisa se consolidar e que para essa consolidação se dar, é preciso que todos os brazileiros soffram. As victimas têm o seu bom senso e ellas já dizem ou pensam: Se é preciso soffrermos tanto, é melhor que a tal cousa não se consolide! Esta opinião é fatalmente a de todo o homem isento da superstição partidaria.

Voltando aos americanos, devemos perguntar: de que auxilio têm elles sido para o desenvolvimento da prosperidade material do Brazil? Os capitaes d'elles para cá não vêm, os seus braços para cá não emigram. As duas emprezas de navegação que organisaram acabaram na fallencia culposa e mesmo fraudulenta, fugindo o americano gerente de uma d'ellas com o dinheiro dos accionistas brazileiros e com a subvenção que lhe pagou o governo.

Falla-se que os americanos são nossos grandes freguezes de café. Em primeiro logar, é absurdo fazer-se d'este facto motivo para uma gratidão sentimental. Os americanos não compram café por amisade, nem por philanthropia. Compram porque

querem bebel-o, e, não o tendo em casa, procuram-n'o onde encontram, e o paiz productor que mais lhes convem é o Brazil. Mas, ainda em relação ao café, é força confessar que a feição dos mercados europeus é mais favoravel ao Brazil do que o mercado de New-York. Seja pelo que for, o motivo, a tendencia constante dos mercados europeus é para a alta e New-York é para a baixa. Sem duvida, de um e de outro lado, o que determina esta attitude é a especulação, mas é innegavel que devemos ter mais sympathias por aquelles que, embora só por interesse proprio, promovem a valorisação de um producto brazileiro, valorisação que redunda em proveito do Brazil. Falla-se que a França impõe um pesado direito de entrada sobre o café; mas quem paga esse direito é o proprio consumidor francez. Demais o Havre, Antuerpia e Hamburgo, têm, no seu papel de mercados distribuidores, espalhado pela Europa toda o nosso café e desenvolvido muito o seu commercio. New-York, porém, pesa sempre no mercado do mundo pelos seus grandes esforços para fazer caír o café; quando

a lavoura do Brazil esteve quasi desanimada pela baixa do café, foi porque a especulação de New-York estava triumphante! E hoje mesmo, afrouxem os mercados europeus os seus esforços, e o fazendeiro verá que os americanos envilecem logo o seu producto e se verá cambio baixo e café tambem baixo, o que não é impossivel, como muita gente crê.

Temos visto o que os Estados Unidos têm sido para toda a America latina.

Insistimos especialmente no que tem sido para nós na diplomacia e na ordem economica. Terminaremos vendo qual a influencia d'aquelle paiz na ordem moral e intellectual.

A influencia dos Estados Unidos sobre o Brazil fez-se sentir, em nossa grande questão social — a escravidão.

Não teriamos conservado por tanto tempo aquella instituição iniqua, se a maior nação da America não tivesse tentado legitimal-a, e se, da parte escravocrata dos Estados Unidos, não nos viesse o incentivo, se

não chegasse até nós a noticia do que se dizia e do que se fazia nos Estados Unidos para defender a escravidão.

A corrupção politica e administrativa é a propria essencia do funccionamento do governo americano. Os Estados Unidos são o paiz mais rico do mundo; rico pelas opulencias naturaes, pela sua enorme extensão, pela fertilidade do solo, pelos seus portos, suas bahias, seus lagos, seus grandes rios navegaveis, suas minas incomparaveis. Povoado um solo d'estes pela raça saxonia, como poderia deixar este paiz de ser uma nação forte e poderosa? O solo mais rico do mundo, habitado pela raça mais energica da especie humana — eis o que são os Estados Unidos. Aquelle paiz é grande, mas não é por causa do seu governo. Ao amor proprio de outras nações pobres ou, por outra, menos ricas em vantagens naturaes do que os Estados Unidos e habitadas por individuos de raças menos energicas — repugna o confessar esta inferioridade. Insensivelmente, a gente é levada a não reconhecer as alheias superioridades ou attribuil-as a causas pouco des-

agradaveis para a nossa vaidade. Não ha desar algum em dizermos que ha povos governados com mais acerto do que nós — mas, quanto a confessarmos que esses povos o que são, é melhores do que nós, quanto a dizermos que a terra d'elles é mais rica do que a nossa — a isso é que nunca nos havemos de resignar. Por essa rasão, é explicavel que alguns brazileiros, de espirito simplista, queiram por força ver, nas vantagens que nos levam os Estados Unidos em prosperidade, um effeito, não de causas naturaes e irremediaveis, mas uma resultante da differença dos governos. O solo não se póde trocar, a raça não se póde substituir, mas, em todo o tempo, é possivel mudar o governo. Não podendo dar-nos o solo dos Estados Unidos, nem as qualidades ethnicas do seu povo, houve quem quizesse dar-nos ao menos o seu governo, isto é, o que de menos invejavel tem a grande nação.

E a escola fatal dos imitadores de instituições não attende ao contrasenso do seu systema, nem aos funestos resultados que produzem as leis transplantadas arbi-

trariamente de um paiz para outro. Quando os romanos ainda rudes conquistaram a culta Grande Grecia, Valerio Messala trouxe de Catania um relogio solar que mandou collocar no Forum, junto aos Rostros. Não attendeu Valerio Messala nem á differença de longitude nem á orientação do gnomon, e dispôl-o ao acaso. Só um seculo mais tarde é que se descobriu em Roma que o relogio solar marcava a hora com grande erro de tempo, e só então é que foi substituido. O relogio que dava o tempo certo em Catania errava em Roma[1]. Assim as instituições: podem dar certo nos seus paizes de origem, e trazer a confusão e a desordem nos paizes para onde arbitrariamente as transmudam.

No Brazil aconteceu o mesmo com a idéa funestissima de copiar os Estados Unidos nas suas leis politicas. Copiemos, copiemos, pensaram os insensatos, copiemos e seremos grandes! Deveriamos antes dizer: Sejamos nós mesmos, sejamos o que somos, e só assim seremos alguma cousa.

---

[1] **Plinio,** *Hist. Nat.*, liv. VII, 60.

Imagine-se um individuo qualquer que, admirando uma téla de Velasquez, deseje pintar como elle. De que servirá ter a téla, os pinceis, a palheta e as tintas perfeitamente iguaes, em materia prima, tamanho e dosagem ás do pintor hespanhol? Debalde arranjará as tintas e esforçar-se-ha para pintar como Velasquez. Terá tudo quanto tinha Velasquez, menos o genio, e mesmo tendo genio, será outro genio e não o genio de Velasquez. Assim, os paizes sul-americanos querem ser ricos e prosperos como os Estados Unidos, e pensam que conseguirão isto copiando artigos da constituição norte-americana. E como é muito da natureza humana imitar mais facilmente os vicios do que as virtudes, a imitação das praticas corruptas da administração americana é cousa muito natural. «Nos Estados Unidos rouba-se muito», pensa o empregado publico sul-americano, «e, apesar d'isso, são um grande paiz; ora, porque tambem não será grande o meu paiz, apesar de eu roubar e dos meus collegas roubarem?» Este raciocinio apresenta-se forçadamente á fragilidade do funccionario, a

tentação fortalece-se e... o resto temos visto. Não ha salteio á propriedade que não encontre escusa no facto de ser esse salteio muito commum nos Estados Unidos. Essa é a influencia deleteria que os Estados Unidos exercem na America. Os vicios dos grandes corrompem os pequenos, e o mau exemplo dos poderosos é a perdição dos humildes.

A civilisação norte-americana póde deslumbrar as naturezas inferiores que não passam da concepção materialistica da vida. A civilisação não mede-se pelo aperfeiçoamento material, mas sim pela elevação moral. O verdadeiro thermometro da civilisação de um povo é o respeito que elle tem pela vida humana e pela liberdade.

Ora os americanos têm pouco respeito pela vida humana. Não respeitam a vida de outrem e nem a propria. Herbert Spencer dizia aos americanos que elles commettem um erro fundamental no programma da vida, gastando-a com a febre, em que mutuamente se exaltam, e que dá logar ao deperecimento precoce do animal homem,

pela apparição das mais medonhas e frequentes fórmas de nevrose. A vida de outrem é cousa de pouca consideração nos Estados Unidos. Os tribunaes regulares matam juridicamente com frequencia, os assassinatos criminosos são vulgarissimos, e os lynchamentos crescem em numero todos os dias. Tudo isto são fórmas accentuadas de desprezo pela vida humana. O lynchamento é o assassinato collectivo, e o facto da victima ser, ás vezes, criminosa, em nada diminue o horror do facto, porque esse é aggravado, já pelos requintes frequentes de ferocidade, já pela irresponsabilidade do ajuntamento que resolve e executa a pretendida sentença. No Brazil, ha uma pequena colonia americana; a parte d'ella estabelecida na zona cafeeira do sul, veiu, quasi toda, ao findar a guerra de seccessão e era composta de sulistas que, privados de ter escravos na sua patria, emigravam para o paiz onde ainda lhes era permittido esse prazer. A população brazileira viu chegar esses novos hospedes, e viu os que se installaram na agricultura excederem em ferocidade aos mais rudes e

perversos atormentadores de escravos. Os americanos introduziram novas fórmas de tormentos e novos apparelhos de supplicio. Como os inglezes transportam-se aos confins do mundo levando as suas pás de *cricket* e as suas redes de *lawn-tennis* e conservam o amor dos exercicios physicos, que é a força da sua raça, os americanos traziam, para usar nos escravos, azorragues aperfeiçoados e algemas *patent*, e trataram logo de propagar o lynchamento. Nos varios casos de lynchamentos de que temos noticia, ha sempre um americano instigador e comparticipante. Esses casos têm sido raros até e circumscriptos á zona de S. Paulo onde ha americanos. O exemplo é, porém, funestissimo, o contagio rapido, tanto mais quanto a impunidade é certa.

O espirito americano é um espirito de violencia; o espirito latino, transmittido aos brazileiros, mais ou menos deturpado através dos seculos e dos amalgamas diversos do iberismo, é um espirito juridico que vae, é verdade, á pulhice do bacharelismo, mas conserva sempre um certo respeito pela vida humana e pela liberdade. O rabula

de aldeia é, sem duvida, um ente inferior, mas em todo o caso, é superior, como unidade social, ao capanga e ao mandão. O periodo do desbravamento da terra, da derrubada das matas, do estabelecimento das primeiras culturas, é, no interior e nas localidades novas, a idade do capanga; o escrivão, o promotor, o juiz, que vem depois, expellem e eliminam o capanga. É a lei que substitue a violencia. O espirito americano, infundido nas populações, é antes favoravel ao capanga do que á gente do fôro; é o estrangeiro, cujo prestigio é sempre grande, é o homem de cabello louro e de olhos azues sempre acatado pelos nossos negroides, influindo em favor da violencia, nobilitando-a pela sua prepotencia. O americano, mesclado com as camadas inferiores da população rural, não é um factor de progresso. Elle age sobre o meio e o meio reage sobre elle, havendo uma communicação reciproca de defeitos que afoga as qualidades de ambos. Uma ou outra enxada aperfeiçoada que o americano traz, algum canivete de molas engenhoso, que elle introduz na ferramenta nacional, não são

beneficios que compensem os males que elle nos faz[1].

---

[1] Poderiamos citar varios episodios da tentativa de colonisação americana no Brazil, que mostram quão grande foi o seu insuccesso. O sr. Quintino Bocayuva escreveu em 1867 um folheto aconselhando a vinda dos chins para o Brazil. Em seguida á sua publicação recebeu o sr. Bocayuva uma commissão do governo imperial para ir buscar esses *colonos americanos* aos Estados Unidos. A commissão redundou em pura perda; o sr. Bocayuva voltou trazendo bandos de desordeiros e assassinos que muito deram que fazer á policia do Rio. Vide os jornaes do tempo.

No relatorio do sr. Saldanha Marinho, presidente de S. Paulo (1868), lê-se: «Tendo mais de cem familias americanas se estabelecido em terras que demoram nas proximidades do rio S. Lourenço, municipio de Iguape, e pretendendo-se a abertura de uma estrada que ligue tal colonia á cidade de Santos, a lei vigente do orçamento provincial auctorisou o governo a auxiliar a abertura d'essa via de communicação com a quantia de cinco contos de réis. Esta quantia foi entregue por ordem do meu antecessor, ao coronel norte-americano Bowen. Ignora-se qual o emprego que teve essa quantia». Essa malfadada colonia chamava-se *Nova Texas*. O Texas de Iguape não foi para o Brazil o que outro Texas foi para o Mexico.

Já fallámos do muito que contribuiram os Estados Unidos para a duração da escravatura no Brazil pela força damnosa do seu exemplo, e tambem por ter inspirado aos timidos o receio de que a solução do problema no Brazil fosse a mesma tragedia da America do Norte. Não devemos, porém, esquecer que os americanos contribuiram muito para o trafico africano no Brazil. O presidente Taylor, na sua mensagem de 4 de dezembro de 1849, dizia: «Não se póde negar que este trafico é feito por navios construidos nos Estados Unidos, pertencentes a americanos e tripulados e commandados por americanos». E isto não nos deve causar maior admiração do que nos causa o lermos na mensagem presidencial de 1856, que «é indubitavel que o trafico africano encontra nos Estados Unidos muitos e poderosos sustentadores». De entre as muitas provas da grande parte que os americanos do Brazil tomaram no trafico, destacaremos o depoimento juramentado do capitão W. E. Anderson, americano, depoimento prestado na legação americana do Rio de Janeiro no dia 11 de junho de

1851. Diz o capitão Anderson que, em 1843, fez o conhecimento de Joshua M. Clapp, cidadão americano, que «antes e depois d'aquella epocha occupava-se em larga escala da compra e frete de navios americanos para o trafico». Refere-se ainda Anderson a um outro americano, Franck Smith, que tambem era negreiro. O ministro americano no seu despacho remettendo este depoimento, queixa-se muito de Clapp e de Smith como grandes negreiros que, diz o ministro «deshonram a bandeira dos Estados Unidos». O depoimento de Anderson revela todos os ardis dos americanos do Rio na costa de Africa, as suas crueldades e os seus grandes lucros [1].

Isto quanto á massa popular é o que temos observado no sul do Brazil, onde, em pontos isolados, houve, em tempos, pequenos nucleos de colonos americanos. No norte do Brazil, cremos que não ha americanos senão como negociantes no litoral,

[1] Este curioso documento acha-se nos *U. S. Senate Docs.*, Congress 32, session I, 1851-1852, vol. 9, doc. n.º 73, pag. 5.

alem do classico dentista, e talvez de um ou outro medico desgarrado. Nos sertões do norte, cremos que o americano é conhecido apenas sob a fórma nomada de comprador de couros de cabra por conta dos negociantes da costa. Os Clapps e Smiths, negreiros de outro tempo, variam de profissão, mas conservam os mesmos instinctos.

Na ordem intellectual, os beneficios da America do Norte em relação ao Brazil não são em nada especiaes. O Brazil não tem beneficiado mais do que as outras nações do mundo, dos inventos americanos. Têm sido viajantes allemães, francezes, inglezes e dinamarquezes que têm escripto os melhores livros sobre o Brazil e melhor estudado a nossa natureza. Se exceptuamos Hart, americano, cujas monographias são reveladoras de uma profundeza de observação notabilissima, se exceptuamos Orville Derby, cujos trabalhos são do mais alto valor e cujos serviços á sciencia brazileira têm sido e hão de ser ainda inestimaveis, onde estão os escriptores americanos que se têm occupado de modo serio do nosso

paiz? Os professores que aqui se apresentam têm sido de uma mediocridade desesperante, nada têm feito, nada têm creado. E poderiamos encher duas paginas com os nomes dos europeus que pelo livro, pelo estudo, pela observação e pelo ensino, têm trabalhado no reconhecimento scientifico das nossas riquezas e elevado o nosso nivel intellectual.

E dos viajantes americanos que têm escripto sobre o Brazil, quaes têm sido sympathicos ao nosso paiz? Se não todos, a grande maioria d'elles falla de nós com injusto desfavor. Se europeus da estatura de Martius, Auguste Saint-Hilaire, Sir Richard Burton, Bates, Elisée Réclus e tantos outros nos são sympathicos, os americanos exprimem-se até com desprezo a nosso respeito. N'uma narrativa de viagem, que é um documento official americano, isto é, a relação da expedição exploradora americana em 1838–1842 [1], somos vilipendiados

---

[1] *Narrative of the U. S. Exploring Expedition during the years* 1838-1842, by **Charles Wilkes,** U. S. N.

por tal modo que uma revista americana censurou acremente o governo de Washington por ter consentido, n'uma publicação nacional, expressões tão grosseiras e baixas contra um paiz estrangeiro [1].

E o que diremos dos estudos que têm feito brazileiros nos Estados Unidos? Salvas algumas excepções, póde-se dizer que os — formados nos Estados Unidos — são, na concorrencia brazileira, os que menos sabem e os que menos preparo têm. São engenheiros incapazes, medicos que, ás vezes, nem ousam affrontar o exame de sufficiencia e muitos outros doutores em artigos de phantasia como agricultura, architectura, etc., etc., e a quem faltam os rudimentos de toda e qualquer instrucção geral. É verdade que, em certas familias brazileiras, mandam-se para os Estados Unidos os incapazes, os reprovados nas escolas do Brazil, emfim os mesmos rapazes que, n'outro tempo, íam para padres ou para soldados. Seja como fôr, a verdade é que os torna-viagens dos Estados Unidos, embora

[1] *North-American Review*, vol. 61, pag. 57.

voltem um pouco desasnados, não vem em geral trazer, ao concurso das actividades brazileiras, senão a sua perturbadora, ou, pelo menos, inutil e grande incompetencia, aggravada pela presumpção. Isto provém de que, nos Estados Unidos, ha universidades para todas as intelligencias como ha hoteis para todas as bolsas. Ha tambem gradações nos diplomas. Ha para todas as capacidades e para todos os preços. E esta mocidade julga as cousas americanas, compara os Estados Unidos com o Brazil, não vê as nossas qualidades, não conhece os antecedentes da nossa historia, os feitos dos nossos maiores, e por isso quer lançar tudo ao desprezo, rompendo com o passado, e, se elles podessem, transformariam a sociedade brazileira n'um arremedo simiesco dos Estados Unidos que elles julgam o primeiro paiz do mundo, porque ha por lá muita electricidade e bons *water closets*. Não tendo a ponderação que á raça saxonia dá a harmonia do seu desenvolvimento, estes nossos pobres luso-indio-negroides desequilibram-se de todo, no meio da febricitação americana.

E é muito real a acção perturbadora do nervosismo norte-americano nas organisações latinas. Temos conhecido muitos casos individuaes bastante curiosos. Uma vez entravamos em New-York vindo de Panamá, e os passageiros sobre a tolda contemplavam o espectaculo grande e cheio de vida d'aquelle porto immenso. Ouviamos já o alarido dos carregadores e dos operarios nas pontes de desembarque. Nos estaleiros martellava-se infernalmente o ferro; no vapor havia um reboliço ruidoso das bagagens tiradas do porão, puxadas pelos guindastes.

Junto a mim estava um velho, não sei se de Nicaragua, de Guatemala ou de Honduras, mas certamente de um d'esses illustres paizes que, mais civilisados do que o Brazil de então, gosavam já dos beneficios da fórma republicana. O velho contemplava as tres grandes cidades de New-York na frente, de Brooklyn á direita e de Jersey á esquerda, que se espraiavam cinzentas e esfumaçadas diante de nós. O velho, mestiço talvez de Azteca e de conquistador hespanhol, olhava vagamente

com instinctos atavicos de presa e de salteio:

Quien sabe? exclamou elle, quem sabe se um dia nós, os de Nicaragua, não viremos a tomar New-York?! — Centenares de vapores, grandes, pequenos, lentos como elephantes ou rapidos como cervos, cruzavam-se ao redor de nós, badalando as campanas de bronze e estrugindo no ar os seus silvos agudos e as notas roucas e longas de seus uivos de vapor.— Ninguem respondeu á prophecia interrogativa do velho, e este, sorrindo tristemente, disse: «Só com os assobios esta gente nos havia de enlouquecer». *(Solo com los pitos nos volverian locos.)* Não queremos dizer que os assobios das machinas americanas enlouqueçam os brazileiros dos Estados Unidos; o que é certo, porém, é que não encontramos na vida da nacionalidade brazileira nenhum traço luminoso de um discipulo americano. Nem ao menos, por esse lado, temos cousa alguma que agradecer á republica norte-americana.

V

Devemos concluir de tudo quanto escrevemos:

Que não ha rasão para querer o Brazil imitar os Estados Unidos, porque saíriamos da nossa indole, e, principalmente, porque já estão patentes e lamentaveis, sob nossos olhos, os tristes resultados da nossa imitação;

Que os pretendidos laços que se diz existirem entre o Brazil e a republica americana, são ficticios, pois não temos com aquelle paiz affinidades de natureza alguma real e duradoura;

Que a historia da politica internacional dos Estados Unidos não demonstra, por parte d'aquelle paiz, benevolencia alguma para comnosco ou para com qualquer republica latino-americana;

Que todas as vezes que tem o Brazil estado em contacto com os Estados Unidos tem tido outras tantas occasiões para se convencer de que a amisade americana (amisade unilateral e que, aliás, só nós apregoâmos) é nulla quando não é interesseira;

Que a influencia moral d'aquelle paiz, sobre o nosso, tem sido perniciosa.

Se a longa serie de factos que apresentamos, se as rasões que expendemos não bastassem para chamar á verdade os espiritos ainda os mais rebeldes, bastaria citarmos a opinião do maior dos americanos, para dissipar as velleidades de affecto e os ingenuos sentimentalismos que nos querem impor a respeito dos Estados Unidos.

Não! Toda a tentativa para, em troca de qualquer serviço, collocar a patria livre e autonomica em qualquer especie de sujeição para com o estrangeiro, é um acto de inepcia e é um crime.

Jorge Washington, na sua mensagem de adeus, verdadeiro e sublime testamento, escreveu as seguintes palavras que a veneração americana tem conservado através das gerações:

«... DEVEIS TER SEMPRE EM VISTA QUE É LOUCURA O ESPERAR UMA NAÇÃO

FAVORES DESINTERESSADOS DE OUTRA, E QUE TUDO QUANTO UMA NAÇÃO RECEBE COMO FAVOR TERÁ DE PAGAR MAIS TARDE COM UMA PARTE DA SUA INDEPENDENCIA... NÃO PÓDE HAVER MAIOR ERRO DO QUE ESPERAR FAVORES REAES DE UMA NAÇÃO A OUTRA...»[1]

Que o conselho de Washington não sirva sómente para os seus compatriotas... Os brazileiros devem acceitar a lição, e sejam quaes forem as fatalidades do momento, saibam elles repellir o estrangeiro que só conseguirá aviltar o paiz que acceitar os seus serviços.

....

No recanto do solo brazileiro de onde escrevemos estas linhas, os mezes de setem-

---

[1] ... constantly keeping in view that it is folly in one nation to look for desinterested favours from another; that it must pay with a portion of its independence for whatever it may accept under that character. There can be no greater error than to expect or calculate upon real favours from nation to nation.

bro e de outubro d'este anno de 1893[1], não se distinguiram em cousa alguma dos de outros annos. Estas semanas são as da primeira *carpa* das roças e do plantio do milho. Quanta philosophia inconsciente e pratica, quanta sabedoria innata n'este povo! E quanto sentimos que a civilisação destruisse em nossa alma a serenidade d'esta gente!

Clama alto em nosso espirito a voz da experiencia fria e implacavel e, pessimista, ella nos diz: A colonisação iberica da America foi um insuccesso, foi uma desgraça para a civilisação do nosso planeta. Não chegam a ser nações os agrupamentos em que ganglios de populações mestiças, oriundas de todas as inferioridades humanas, querem por força fingir de povos... O amalgama artificial chamado Brazil está desfeito, apesar de duas ou tres gerações terem chegado a viver e morrer na illusão do artificio, que agora vae findar.

Vemos, porém, o bloco immenso de uma

---

[1] Os primeiros mezes da revolta naval de 1893-1894.

rocha ferruginosa, ora decomposta, e que forma uma montanha de terra arroxadà, como que embebida do sangue, ainda fresco, de hecatombes recentes. Aquella terra já existia ha milhares de annos, antes de existir tudo quanto hoje existe e faz ruido. Ella existia antes do tempo em que o exercito de Cesar era contra a armada de Pompeu. Existirá ainda, quando, de outros ambiciosos, não restarem nem os nomes pouco illustres.

7 de novembro de 1893.

APPENDICE

No dia 4 de dezembro de 1893 foi posto este livro á venda nas livrarias de S. Paulo. Vendidos todos os exemplares promptos n'esse dia, foi ás livrarias o chefe de policia e prohibiu a venda. Na manhã seguinte a typographia em que foi impresso o livro amanheceu cercada por uma força de cavallaria, e compareceram á porta da officina um delegado de policia acompanhado de um burro que puxava uma carroça. O delegado entrou pela officina e mandou ajuntar todos os exemplares do livro, mandando-os amontoar na carroça. O burro e o delegado levaram o livro para a repartição da policia. No mesmo dia a *Platéa* publicava o seguinte:

Um interview com o dr. Eduardo Prado.— Como sabem os nossos leitores, appareceu á venda o novo livro do dr. Eduardo Prado, a *Illusão americana,* de cuja

apparição nos occupamos no ultimo numero d'esta folha.

Todos os exemplares postos á venda no sabbado foram vendidos. Soubemos n'esse dia que a policia prohibiu a venda do livro.

O nosso collega Gomes Cardim, por ir lendo n'um bond a obra prohibida, foi levado á policia. O mesmo aconteceu com um cavalheiro, de cujas mãos, na Paulicéa, foi arrancado um exemplar por um policia secreta.

Um redactor d'esta folha foi procurar o auctor para ouvir da sua bôca as suas impressões relativas ao successo do seu livro e o seu parecer sobre a prohibição.

O dr. Eduardo Prado recebeu muito graciosamente o nosso companheiro, e não pareceu dar muita importancia nem ao livro nem á sua prohibição.

Eis, mais ou menos, o que elle nos disse:

—Na minha infancia, havia na rua de S. Bento um sapateiro que tinha uma taboleta onde vinha pintado um leão que, raivoso, mettia o dente n'uma bota. Por baixo

lia-se: Rasgar póde — descozer não. Dê-me licença para plagiar o sapateiro e para dizer: Prohibir podem, responder não.

Quanto ao honrado chefe de policia, penso que s. ex.ª lisonjeou-me por extremo julgando a minha prosa capaz de derrotar instituições tão fortes e consolidadas como são as instituições republicanas no Brazil.

Demais, s. ex.ª póde dizer-se que, só por palpite, prohibiu o livro. Saíu o volume ás quatro horas e ás cinco foi prohibido antes da auctoridade ter tempo de o ler.

Confesso que a publicação foi um acto de ingenuidade da minha parte. Não quero dizer que confiei, e por isso digo antes que estribei-me no artigo 1.º do decreto n.º 1:565 de 13 de outubro passado, regulando o estado de sitio. O vice-presidente da republica e o sr. seu ministro do interior disseram n'esse artigo:

«Artigo 1.º É livre a manifestação do pensamento pela imprensa, sendo garantida a propaganda de qualquer doutrina politica.»

E com suas assignaturas empenharam a sua palavra n'essa garantia. Escrevo um livro sustentando a doutrina politica de que o Brazil deve ser livre e autonomico perante o estrangeiro, e adopto o aphorismo de Montesquieu, de que as republicas devem ter como fundamento a virtude.

O governo é contrario a essas opiniões, e está no seu direito. Manda, porém, prohibir o livro! Onde está a palavra do governo, dada solemnemente n'um decreto, em que diz garantir a propaganda de qualquer doutrina politica?

A sabedoria popular diz: Palavra de *rei* não volta atraz. —O povo terá de inventar outro proverbio para a palavra do vice-presidente da republica.—»

O auctor recebeu de todos os pontos do Brazil grande numero de cartas pedindo-lhe um exemplar do livro prohibido. Estas cartas vinham assignadas por nomes dos mais distinctos do paiz, e a todos estes correspondentes peço desculpa por me ter sido impossivel acceder aos seus pedidos. Men-

cionarei sómente, para prova de que os republicanos brazileiros alguns ha que não são inimigos da liberdade de pensamento, uma carta do sr. Saldanha Marinho, em que este patriarcha do republicanismo, saudoso decerto das praticas liberaes da monarchia e rebelde ás idéas liberticidas de hoje, protestava contra a prohibição d'este trabalho. A todos e a cada um cabem os agradecimentos do auctor.

N. B. Este trabalho, tal qual foi escripto para a primeira edição, foi redigido sem o auctor ter os seus livros á mão, nem as suas notas. Na edição actual todos os factos citados são justificados com a citação das fontes officiaes ou dos auctores que relatam os mesmos factos.